EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO

A UNIÃO

Patrimônio da Paraíba

Ano CXXX Número 064 | R$ 3,50

João Pessoa, Paraíba - DOMINGO, 16 de abril de 2023

Fundado em 2 de fevereiro de 1893 no governo de Álvaro Machado

auniao.pb.gov.br | @jornalauniao

RIGOR NA FISCALIZAÇÃO

Taxação de importados provoca entusiasmo no comércio local

Para CDL-JP, concorrência ficará mais equilibrada e beneficiará micro e pequenas empresas. *Página 17*

Foto: Ortilo Antônio

Fotos: Edson Matos

Governador inaugura, amanhã, Museu do Rádio

Instalado no prédio da Rádio Tabajara, equipamento idealizado pela EPC registra a história da evolução radiofônica na Paraíba. *Página 3*

Foto: Agência Senado

Senadora quer vaga de emprego para vítima de violência

Daniella Ribeiro, em entrevista ao Jornal **A União**, se refere às vagas oferecidas pelo Sine.

Página 4

Começam as apostas sobre quem será o craque do Brasileirão

Foto: Pedro Souza/Atlético-MG

O Campeonato Brasileiro de Futebol começou ontem e já se especula quem será o melhor jogador. O paraibano Hulk é citado entre os cotados. Lista inclui, ainda, Raphael Veiga, Pedro, De Arrascaeta, Cano, Bitello, entre outros.

Página 24

■ "A participação desses paraibanos [Milton Nóbrega e Juca Pontes] na evolução gráfica do livro tem o reconhecimento de todos".

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ "Em tempos de recessão econômica, pode ser mais difícil conseguir financiamento tradicional para expandir seu negócio".

Amadeu Fonseca

Página 17

Foto: Roberto Guedes

Hotel Globo, o símbolo do Centro Histórico

No passado, prédio atraía a alta sociedade. Hoje é ponto de convergência cultural e atração turística histórica.

Página 25

Demarcação de terras ainda é luta de indígenas na PB

Lideranças pedem mais ação da Funai. Governo desenvolve campanha Paraíba Terra Indígena.

Página 5

Trabalhadores "invisíveis" não esperam por reconhecimento

Eles prestam serviços de grande utilidade, mas sem chamar atenção. E se orgulham do que fazem.

Página 6

Fotos: Acervo Pessoal

Raul Córdula comemora 80 anos com nova exposição

Vernissage será no próximo dia 25, em Recife. Aniversário do artista será amanhã.

Página 9

Foto: Edson Matos

Foto: Roberto Guedes

Memórias

Werneck Barreto foi do chumbo quente à internet

Ele foi convidado pelo irmão, Antônio Barreto Neto, para ingressar no Jornal **A União**. Nessa redação aprendeu jornalismo "na marra". E depois "voou" para a TV e internet.

Páginas 14 e 15

Editorial

Soltar a voz

E o dono foi perdendo a linha, que tinha
E foi perdendo a luz e além
E disse: Minha voz
Se vós não sereis minha
Vós não sereis de mais ninguém

(Chico Buarque)

Dizem alguns otorrinolaringologistas que a maioria dos seres humanos não sabe usar a voz. Quase todas as pessoas seriam péssimas instrumentistas, no trato das cordas vocais. Há quem domine a retórica ou "a arte de falar bem". Sabe, portanto, harmonizar pensamentos e palavras, de modo a se expressar de acordo com suas conveniências, às vezes com o "auxílio luxuoso" de outras poderosas ferramentas, a exemplo da dialética.

Acontece que nem todo retórico por excelência sabe cuidar adequadamente de sua voz. Há quem se comunique maravilhosamente bem, mas se excede nos discursos, prejudicando a laringe e as cordas vocais com um concerto prolongado de palavras, pronunciadas com variações bruscas de tonalidade. As consequências dessa inabilidade vocal iriam do simples acesso de tosse à afonia, causada por uma grave inflamação da laringe.

Bem, até aqui, grosso modo, foram abordados apenas os aspectos fisiológicos da voz. Seria a parte mais inofensiva da língua, no sentido figurado. O lado mais complexo seria a função social da fala. A impressionante variedade de usos da palavra vocalizada, que ora revela a verdadeira natureza do indivíduo (casos mais raros), ora oculta a estrutura psicológica, o caráter e as intenções de homens e mulheres (situações majoritárias).

Existem, porém, problemas muito maiores, universais, relacionados à voz. A falta de liberdade de expressão é um deles. Há no mundo milhões de pessoas cujas vozes estão silenciadas, seja por governantes déspotas, seja por grupos de pessoas que professam fé em uma determinada religião, "doutrina racial" ou ideologia, por exemplo. Graves violações dos direitos humanos que exigem vozes de protesto altissonantes.

A voz pode ser canto, oração ou poema. Tem força e poder também para iniciar uma guerra. "Preparar! Apontar! Fogo!". Quantos heróis da liberdade não perderam a vida após ouvir essa voz? Que caiam por terra todos os tipos de mordaças, para que as vozes que clamam por justiça com liberdade sejam ouvidas e, quem sabe, consigam afugentar o conformismo, movendo, enfim, as engrenagens capazes de transformar o mundo.

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

O museu do rádio paraibano

A memória cultural de um povo é preservada pela instalação de museus. O governador João Azevêdo, com essa compreensão, tem dedicado especial atenção para as ações que objetivem salvaguardar e disseminar as informações culturais que formam a nossa história. Já pode ser destacado como o governante que mais investiu na criação de equipamentos museológicos em nosso estado.

Os museus têm o papel de informar e educar por meio de exposições permanentes e temporárias, atividades recreativas, multimídias, vídeos, áudios e laboratórios. Através deles é estimulada a reflexão e aberta oportunidade para debates de interesses históricos, como forma de promover a socialização e os princípios de cidadania tão importantes para a efetivação das transformações culturais de uma comunidade.

A Paraíba é um grande centro cultural. E se faz necessário que a produção cultural de nosso povo seja identificada, documentada e protegida, permitindo que as gerações que se sucedem tenham acesso ao que pode se revelar registro inestimável da história de nossa gente. Seus acervos tornam-se, portanto, fontes de conhecimento e descobertas.

Amanhã será a vez da instalação do Museu do Rádio Paraibano. A sede da Rádio Tabajara, que integra atualmente a EPC – Empresa Paraibana de Comunicação, abrigará, a partir dos seus equipamentos, registros fotográficos e documentais, utilizados nos seus 87 anos de existência, cuidadosamente catalogados por equipe técnica comandada pela museóloga Bernardina Freire, da UFPB, todo o acervo que pretende contar a história da radiofonia paraibana. O espaço cultural a ser inaugurado ficará disponível à visitação presencial, bem como para a realização de pesquisas por escolas de Educação Básica, Ensino Médio e universidades. Em breve também serão disponibilizadas visitas virtuais através do *site* da EPC.

Esse resgate histórico, idealizado pela jornalista Naná Garcez, presidente da EPC, traduz a importância da Rádio Tabajara como patrimônio cultural paraibano, por ter sido a primeira emissora do estado. Entendimentos estão sendo mantidos com outras rádios da Paraíba, na busca de acolher acervos que enriqueçam o processo informativo do museu, abrangendo a história dos veículos de comunicação da radiofonia paraibana. Esse é um investimento arte-educativo, configurando-se como um centro de inclusão social e cultural, difundindo sua perspectiva de "espaço-pensante", resgatando concepções de cultura, arte, jornalismo, história e patrimônio. Afinal de contas o saber mobiliza mundos, faz surgir ideias e realiza mudanças. O governador João Azevêdo está cumprindo muito bem sua missão, fertilizando um envolvimento social amplo que garanta a preservação da nossa memória, na interação entre cultura e cidadania.

Os museus têm o papel de informar e educar por meio de exposições permanentes e temporárias, atividades recreativas, multimídias, vídeos, áudios e laboratórios

Rui Leitão

Foto Legenda

Ortilo Antônio

A história na torre do Complexo São Francisco

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Das dobras do aço ao infinito

Em "Mar do olhar" vem esta dedicatória de Juca Pontes ao amigo-irmão Milton Nóbrega: "*Para Milton Nóbrega, amigo-irmão, com quem aprendi a enxergar o mundo com as cores do infinito.*"

Com meu tanto no ramo gráfico, acompanhei essa harmoniosa parceria. Com inveja, às vezes, não da harmonia, como desse infinito que eles juntos enxergavam. O que não chegava a um chegava ao outro. E se completavam, contrariando aquela ansiedade sem fim feliz do negro Cruz e Souza: "E quanto mais pelo Infinito cava / mais o infinito se transforma em larva / e o cavador se perde nas distâncias..."

Dos meus pobres livros, o mais bem vestido é "Um sítio que anda comigo", cortado e costurado por Milton Nóbrega, de presença indiscutível na história gráfica e da programação visual em geral, a partir dos anos 70. Juca programava e editava a cartilha com que Giselda Navarro pretendia regionalizar o conteúdo do livro escolar infantil que as editoras nacionais impunham às crianças das mais diferentes regiões. Trocar a maçã argentina pelos araçás dos nossos sítios e quintais. E foi aí, que me lembre, por onde Juca deve ter surgido, aliado a Milton, que viera da Ancar (Emater) onde ilustrava cartilha ensinando e animando os meninos do mato a comer tomate, folhas e muita fruta. Foi onde descobri as artes de Milton e me arriei por elas.

Juca veio me aparecer na hora do fotolito. Tinha feito uma leitura rápida do meu livro e veio com esta: "Bacana, mas que tal umas figurinhas de meninos pelados trazendo para a capa o miolo do livro?".

E aí vem Marlene Almeida, logo sugerida por Milton, com o infinito de onde despontam três crianças do mato, a barra verde-escuro sublinhando o sítio que o livro escondia na maioria de suas páginas. "Bacana!"- foi o imprimatur.

A participação desses dois paraibanos na evolução gráfica, sobretudo estética do livro tem o reconhecimento de todos do ramo. O meu se faz obrigatório, não só pela admiração como pela minha própria experiência, seduzido pelo magnetismo da vivência no Jornal e Editora **A União**, mantidos com exemplar coerência histórica. Esse infinito vislumbrado pelos olhos do poeta que acaba de nos deixar cai bem, e muito bem, nos produtos que a ambientação do antigo palácio de Carlos Dias e Juarez Batista nos reservara. Infinitos sonhos e produtos, imunes ao trator que triturou o velho palácio com seus balcões entre colunas neoclássicas, dando, de fato, para o mirante onde vem se situar o olhar de Juca.

Infinitos sonhos e produtos, imunes ao trator que triturou o velho palácio...

Gonzaga Rodrigues

Estou em 1952, perdido entre máquinas e homens da grande oficina escura recendendo querosene. Máquinas de teclado com um poço de chumbo fervendo a 320 graus, máquinas de imprimir, máquina de gravar... e esbarro vendo um senhor de óculos na ponta do nariz, a calva brilhando, a compor e recompor a chapa da primeira capa de um livro. Chapa de ferro, tipos de ferro, linhas e espaços de ferro, tudo indúctil, rijo, inflexível. E o homem querendo dobrar esse impossível. Pode?

Ele me responde: "Para isso existe a divina proporção. O ferro não cede, não dobra, mas a imaginação pode mais que ele. E há uma regra clássica, pelo menos para a página que vamos montar: sentado o título na linha do primeiro terço, o resto é com você. As possibilidades são infinitas, depende de seu voo."

Ou de ser um Juca ou um Milton, sem os limites de ferro e aço dobrados pelas artes do velho Waldemar Nicolau.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA, FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC
Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509
E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)
ASSINATURAS: Anual ..... R$350,00 / Semestral ..... R$175,00 / Número Atrasado ..... R$3,00
CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

OUVIDORIA: 99143-6762

NA TABAJARA

Museu do Rádio da Paraíba vai ser inaugurado amanhã

Evento, que acontecerá às 12h, terá a presença do governador João Azevêdo

Carol Cassoli
carol.cassoli@gmail.com

Fotos: Edson Matos

Estão expostos no museu equipamentos, áudios, vídeos e fotografias antigas. Os materiais preservados incluem também vinhetas, reportagens em áudio, bem como entrevistas realizadas na rádio ao longo destes 86 anos de atuação da Rádio Tabajara. Há, ainda, mais de 25 mil discos nacionais

Em 1922, o então presidente Epitácio Pessoa realizava, do alto do morro do Corcovado, no Rio de Janeiro, a primeira transmissão radiofônica do país. Daí, a História da Paraíba com um dos meios de comunicação mais democráticos existentes, o rádio, já começava a se delinear. A partir de amanhã, mais um capítulo será escrito nesta História cujo enredo, de certa forma, entrelaça a Empresa Paraibana de Comunicação (EPC) e a História da Paraíba: os paraibanos terão acesso a um equipamento de conservação da História e da cultura local totalmente dedicado ao rádio. Trata-se do Museu do Rádio da Paraíba, que será inaugurado na sede da Rádio Tabajara, a mais antiga emissora do estado.

Pouco mais de uma década depois da transmissão de Epitácio Pessoa, em 25 de janeiro de 1937, a Rádio Tabajara (que antes de se chamar assim, foi também Rádio Diffusôra da Parahyba e Clube da Parahyba) inovou ao explorar antes de qualquer outra emissora as frequências sonoras do estado. Por isso, de acordo com a diretora-presidente da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), Naná Garcez, a inauguração do Museu do Rádio da Paraíba é um momento histórico.

"Nosso museu apresenta a evolução radiofônica do estado. Temos, agora, um equipamento que realmente é um registro histórico desta rádio que, ao longo do tempo, foi se consolidando como uma voz, um espaço para todos os paraibanos", comenta Naná Garcez.

O museu é, segundo William Costa, diretor de Mídia Impressa da EPC, uma maneira de solidificar um dos grandes compromissos da Empresa Paraibana de Comunicação: a preservação da memória das instituições que fazem parte de sua estrutura. "Ocorre que a Tabajara, além de patrimônio do povo, é um dos mais importantes capítulos da história do rádio na terra de Assis Chateaubriand. Este novo equipamento faz justiça aos profissionais que ajudaram a construir a história da Tabajara, e democratiza o acesso ao seu precioso acervo", afirma.

A função deste aparelho junto à sociedade, no entanto, não diz respeito apenas à conservação da história da rádio mais antiga do estado. É que, embora ela seja um pedaço vivo da História paraibana e se entrelace diariamente a ela, narrando-a, seu arquivo não é capaz de, sozinho, resumir tudo o que já circulou nas ondas do rádio paraibano. Por isso, o diretor de Rádio e TV da EPC, Rui Leitão, explica que, a partir do lançamento do museu, outras emissoras do estado serão contactadas para que o arquivo do rádio paraibano seja complementado.

Para Rui, os museus são equipamentos para a preservação da memória cultural dos povos e isso significa que o Museu do Rádio da Paraíba prestará um importante serviço à população. "A EPC decidiu instalar o museu e, a partir de amanhã, nós teremos não o Museu da Tabajara, mas sim o Museu do Rádio da Paraíba. Nele está catalogado todo o arquivo que constitui o acervo histórico da Rádio Tabajara, mas não só isso. É um passo importante que estamos dando", diz.

> **Temos, agora, um equipamento que realmente é um registro histórico desta rádio que, ao longo do tempo, foi se consolidando como uma voz, um espaço para todos os paraibanos**
>
> Naná Garcez

Acervo conservado e de valor histórico

A comissão para abertura do aparelho de conservação histórica foi instituída em agosto de 2020. À época, Naná Garcez explicou que todos os itens de valor histórico existentes no acervo da Rádio Tabajara seriam inventariados para que se levantasse a natureza e o estado de conservação das peças. Agora, com a abertura deste arquivo à população, as novas gerações conhecerão a história e o estilo de pessoas que colaboraram para a definição do perfil da emissora, bem como as transformações impostas pelas novas tecnologias e os objetos que materializaram e materializam diariamente esse processo.

Para William Costa, todo o arcabouço cultural da Tabajara está envolto em um clima não de um saudosismo piegas, mas de um sentimento de pertencimento. "Afinal, é difícil encontrar pessoas daqui ou de outros lugares, mas que aqui residem, que, de uma maneira ou de outra, não tenham algum tipo de ligação com a Tabajara", avalia.

Peças disponíveis no acervo

Estão expostos no museu equipamentos, áudios, vídeos e fotografias antigas. Os materiais preservados englobam também vinhetas, reportagens em áudio, bem como entrevistas realizadas na rádio ao longo destes 86 anos de atuação da Rádio Tabajara. Há, ainda, mais de 25 mil discos nacionais.

Parte do material disposto no equipamento museológico foi veiculada nas décadas de 1960, 1970 e 1980 e foi digitalizado especialmente para o acervo do museu. O arquivo conta até mesmo com o registro da transmissão de um jogo do Botafogo, de 1950; o que reforça o envolvimento da rádio não só com a cultura e a política, mas também com o esporte. São peças que, segundo Naná Garcez, mostram a evolução tecnológica do rádio na Paraíba. "A Tabajara é, realmente, um patrimônio da Paraíba e nosso museu confirma isso. Hoje, 40% da nossa transmissão musical é totalmente voltada a artistas paraibanos ou radicados na Paraíba e, de certa forma, criar um museu é, também, corrobora com esse propósito", diz a diretora-presidente da EPC.

A inauguração do museu será realizada pelo governador João Azevêdo e acontece às 12h, em uma cerimônia para convidados que compõem a história da rádio. Em seguida, João Azevedo participará do programa Conversa com o Governador.

A partir de amanhã, o museu estará aberto ao público, que pode programar visitas ao aparelho de conservação histórica das 9h às 16h30, de segunda a sexta-feira.

> Parte do material disposto no equipamento museológico foi veiculada nas décadas de 1960, 1970 e 1980 e foi digitalizado

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

"ESTAMOS MONTANDO NOSSO TIME PARA TRABALHAR VISANDO A ELEIÇÃO DE 2024", AFIRMA GERVÁSIO MAIA

Foto: Câmara dos Deputados

Presidente do PSB da Paraíba, o deputado Gervásio Maia (foto) começou a pôr em prática aquilo que vinha anunciando em entrevistas passadas: fortalecer a legenda para se preparar para as eleições municipais do próximo ano. Amanhã, em evento numa casa de recepções de João Pessoa, o partido fará ato de filiação de dezenas de prefeitos, vice-prefeitos e lideranças de todas as regiões do Estado e oficializará a nova composição da comissão executiva estadual da legenda e dos diretórios de João Pessoa e Campina Grande. "Estamos estabelecendo estratégias, montando o nosso time, para que esse grupo possa trabalhar visando a eleição de 2024", disse. A relevância desse evento para as pretensões eleitorais dos socialistas está simbolizada nas presenças já confirmadas do presidente nacional do PSB, Carlos Siqueira, e do governador João Azevêdo. "Será um momento forte do nosso partido", avaliou.

CANDIDATURAS E ALIANÇAS

Gervásio Maia reconhece que o pleito de 2024 ainda está distante, mas enfatiza que chegou "a hora de ter o partido se organizando nos 223 municípios". Ele reafirmou que até o primeiro semestre do próximo ano será feita uma avaliação do cenário político com um objetivo: definir onde o PSB terá candidatura própria e onde fará alianças com partidos aliados.

"ELES ACREDITAM NO PROJETO"

Gervásio Maia tem uma explicação para o crescimento do PSB na Paraíba: "Prefeitos e lideranças estão vindo por causa do trabalho do Governo do Estado em todas as regiões da Paraíba. Esse modelo de gestão tem sido referência para muitos gestores, que admiram e acreditam no projeto do governador", avaliou.

"NÃO PODEMOS REPETIR O ERRO"

O deputado Júnior Araújo (PSB) tem enfatizado uma postura que precisa, em sua avaliação, ser adotada pelas oposições de Cajazeiras se almejam vencer a disputa pela prefeitura: unirem-se numa única chapa. Ele afirma que na eleição de 2020 o prefeito José Aldemir venceu porque as oposições estavam divididas: "Não [podemos] repetir o erro da eleição passada".

UM DOS NOMES MAIS COTADOS

Na visão de Júnior Araújo, independentemente de qual seja o nome escolhido como cabeça de chapa, é fundamental "colocar os interesses coletivos à mesa em vez dos individuais", de modo que os grupos políticos de oposição em Cajazeiras possam "definir os critérios para a escolha do candidato". O parlamentar é um dos nomes colocados como possível pré-candidato a prefeito da cidade, em 2024.

TOLERÂNCIA ZERO NO TRE

As fraudes cometidas por partidos e candidatos no tocante à cota de gênero – que estabelece número um mínimo de 30% de candidaturas femininas numa eleição –, causou a cassação de dezenas de vereadores na Paraíba, entre dezembro de 2021 e abril deste ano. Nesse período, o TRE-PB identificou 22 fraudes. Em 2024, as legendas pensarão duas vezes antes de manter a ilicitude. No TRE, a tolerância é zero.

PREFEITOS JÁ SE PREPARAM PARA NOVOS VOOS EM 2026

Prefeitos de segundo mandato já estão fazendo articulações para tentar fazer seus sucessores na eleição de 2024. Todos têm um objetivo em comum: disputar as eleições de 2026 com segurança de que terão os votos da maioria em suas cidades. Estão nessa condição, por exemplo, Fábio Tyrone (PSB), de Sousa, que deverá ser candidato a deputado estadual; José Aldemir (PP), de Cajazeiras, que almeja disputar vaga na Câmara Federal, e Daniel Galdino (PP), de Piancó, que tentará vaga na ALPB.

Foto: Divulgação/Assessoria

Daniella Ribeiro

Senadora

“Presidir a comissão exige diálogo e firmeza ao discutir o orçamento”

Senadora tem como desafio coordenar aprovação das peças orçamentárias, que vão definir os investimentos no país

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

Senadora e presidente do PSD-PB, na Paraíba, Daniella Ribeiro, é a primeira mulher a ocupar uma vaga no Senado, representando a Paraíba. Em seu primeiro mandato, a senadora tem o desafio de presidir a Comissão Mista de Planos, Orçamentos Públicos e Fiscalização, que é uma das mais importantes do Congresso Nacional e que é acompanhada com atenção pelo Governo Federal.

É diante desses desafios, que Daniella Ribeiro concendeu entrevista ao Jornal **A União**. Na entrevista, a senadora se posicionou contra a extinção da Funasa, comentou sobre os projetos de lei de sua autoria, analisou a importância de políticas de enfrentamento à fome e o papel do Consórcio Nordeste para a interlocução entre os governos e o desenvolvimento da região.

A senadora também abordou as políticas para mulheres, que têm merecido sua atenção em pronunciamentos, projetos de lei e posicionamentos públicos. Sem fugir de nenhum assunto, Daniella Ribeiro comentou sobre se apoiará candidato à Prefeitura de João Pessoa e até mesmo sobre a possibilidade de ser candidata ao governo do Estado em 2026.

A entrevista

■ *A senadora é a primeira mulher eleita para o senado representando a Paraíba e agora assume a presidência da Comissão Mista de Planos, Orçamentos Públicos e Fiscalização, do Congresso Nacional, que é uma das mais importantes por dar pareceres e votar matérias referentes ao ciclo orçamentário com Plano Plurianual, Lei de Diretrizes Orçamentárias e a Lei Orçamentária Anual. Quais os seus planos à frente da CMO?*

A CMO é uma das mais importantes comissões do Congresso. Recebi a indicação com alegria porque é o resultado do meu trabalho nesses quatro anos como senadora. É uma comissão que exige diálogo, preparação e firmeza. É nela que discutimos as peças que norteiam onde e como deve ser investido e utilizado cada recurso público da União. E isso nos impõe uma responsabilidade gigantesca. Estou confiante de que faremos um trabalho importante, e, claro, deixaremos o nome da Paraíba gravado nesse período em que contribuiremos.

■ *A senadora pediu ao presidente Lula para rever a decisão que extinguiu a Fundação Nacional de Saúde (Funasa) e propôs a audiência realizada pela Comissão de Serviços de Infraestrutura do Senado. Os efeitos da MP 1.156 estão valendo, mas o presidente deve rever a decisão. Qual a sua expectativa?*

Presidi audiência pública na Comissão de Infraestrutura do Senado e ouvi argumentos contrários e favoráveis à extinção da Funasa. Ouvimos desde servidores a prefeitos e técnicos dos ministérios da Saúde e Cidades. O que foi apresentado não nos convenceu de que a Funasa deve ser extinta. Inclusive, está havendo um desmonte antes mesmo da MP ser votada pelo Congresso. Falar na extinção da Funasa é desconsiderar a necessidade dos municípios com até 50 mil habitantes que hoje são atendidos e a urgência das obras de saneamento básico. Eu defendo a permanência da Funasa porque recebo as demandas diretas dos prefeitos e sei da real necessidade.

■ *Em março, a senadora pediu ao presidente Lula prioridade nas obras de triplicação da BR-230. Ele orientou audiência com o ministro dos Transportes, Renan Filho. Já aconteceu?*

A audiência ainda não aconteceu, mas o meu gabinete já enviou ofício para o Ministério dos Transportes. Aguardamos uma oportunidade em breve para cobrarmos uma solução. É um assunto que está na nossa lista de prioridades.

■ *A senadora votou a favor de 10% das vagas do Sistema Nacional de Empregos (Sine) para mulheres vítimas de violência doméstica e familiar, que têm dificuldade de voltar ao mercado de trabalho, pois a maioria depende financeiramente de seus agressores. Foi esse seu pensamento ao apresentar o projeto?*

Sim. Embora a violência doméstica e familiar não tenha classe social, infelizmente, a dependência financeira é um fator que dificulta ou mesmo impede a mulher de denunciar situações de violência. As que dependem financeiramente de seus companheiros, quando sofrem agressão, não denunciam porque pensam nos filhos, têm medo de passar dificuldade. É uma questão delicada. Precisamos de políticas públicas efetivas para mudar esse cenário. Para obter esse resultado voltamos à origem da luta por espaços para mulheres. Algo que, muitas vezes, precisa ser descrito em lei para que não fique num conceito vago.

■ *Há projetos voltados aos demais trabalhadores desempregados na Paraíba?*

O Congresso Nacional permanece atento à retomada do crescimento do país, especialmente após a pandemia. Projetos que incentivam a cultura, como Paulo Gustavo e Aldir Blanc, a Lei do Programa Emergencial de Retomada do Setor de Eventos (Perse), redução de tributos para empresas de turismo, tudo isso busca aquecimento do mercado, geração de empregos, distribuição de renda, especialmente na Paraíba.

■ *A senadora pode citar alguns projetos seus voltados para a saúde da população?*

Temos o PL 2787/2022, que dispõe sobre planos e seguros privados de assistência à saúde para ampliar a obrigação de cobertura de despesas de acompanhante, conforme as hipóteses que especifica; há o PL 2965/2021, que acrescenta o parágrafo 2º ao artigo 16 da Lei nº 9.656/1998 para equiparar a filho do consumidor titular de plano privado de assistência à saúde seu enteado, bem como a criança ou adolescente que seja por ele tutelado ou que, por determinação judicial, esteja sob sua guarda; e altera o parágrafo 2º do art. 16 da Lei nº 8.213/1991 para promover equiparação análoga em relação a filho do segurado do Regime Geral de Previdência Social (RGPS).

■ *O que está previsto em relação a recursos para a Paraíba?*

Foi indicado para o Governo do Estado da Paraíba o recurso no valor de R$ 9.576.933,00, oriundo de Emenda de Transferência Especial. Como esse recurso será creditado direto na conta do governo, ele definirá quais as obras que serão executadas e os locais.

■ *Muito se falou sobre fome durante a pandemia. Como avalia essa situação hoje na Paraíba?*

O problema da fome é algo que precisa ser pensado a todo o tempo. Não há como esperar quando se tem fome. Sou a favor do fortalecimento de ações e políticas que visem diminuir esse cenário. Inclusive programas do Governo do Estado, como o “Tá na Mesa” e o Restaurante Popular são importantes no sentido de oferecer refeições para combater quadros de insegurança alimentar na Paraíba.

■ *Qual a importância do Consórcio Nordeste, do qual o governador João Azevêdo é presidente, para o desenvolvimento da região e da Paraíba?*

Discutir os desafios e potencialidades da região em conjunto, como feito através do Consórcio Nordeste, é importante porque podemos pensar a região como um todo, destacando as particularidades de cada estado e, ao mesmo tempo, identificando as demandas comuns da região para juntos buscar solução das questões. Tenho atuado no sentido de contribuir com este fortalecimento. Como senadora, tenho ido aos ministérios em busca de recursos para realizar obras que promovam o desenvolvimento da região.

■ *As mulheres, cada vez mais, têm mostrado empoderamento. Como primeira mulher eleita senadora pela Paraíba, acredita que sua postura é inspiração para que outras mulheres abracem a política?*

Assim como tantas mulheres, enfrentei muitos obstáculos na minha trajetória para conquistar o espaço onde estou. Quando falamos de espaços conquistados por mulheres, incluindo a política, precisamos celebrar e valorizar porque isso é importante para aquelas que desejam trilhar o mesmo caminho, independentemente da área de atuação. Ser a primeira mulher eleita senadora da Paraíba, não é apenas um marco histórico, é algo que me coloca na condição de representação da luta de todas porque é assim que nos sentimos quando vemos uma mulher ocupando espaço de relevância, em qualquer setor. A gente se vê nela e espera, naturalmente, que ela possa traduzir nossos anseios em sua atuação. É o que procuro fazer incansavelmente.

■ *Como avalia a evolução desse empoderamento feminino nos últimos anos?*

Embora a mulher esteja mais consciente de seus direitos, os desafios continuam sendo inúmeros. Incluo aqui desde a violência política de gênero à misoginia, passando pelo preconceito com as mulheres que são mães. Essa é uma luta que deve ser de toda a sociedade, mas é óbvio que uma mulher consegue refletir melhor a realidade que a rodeia.

■ *Qual a situação hoje do PL 781/2020, que propõe mais fiscalização de medidas protetivas para mulheres e estimula a criação de delegacias especializadas? Como essa fiscalização pode ser mais eficaz?*

O Senado aprovou e remeteu à sanção esse importante projeto que trata das delegacias especializadas de atendimento à mulher e de patrulhas Maria da Penha. Acredito que o primeiro grande passo é a educação da população: ensinar às mulheres sobre seus direitos e formas de prevenção, identificação e denúncia de agressões que sofrem. De outro lado, ensinar a população em geral, crianças, jovens e adultos, sobre seus deveres, comportamento, respeito, urbanidade. E ainda fortalecer sistemas de denúncia e os de proteção da mulher, investir na preparação e treinamento da rede de proteção para que atuem de forma ágil, inclusiva e eficiente a fim de impedir que uma violência acabe tendo consequências mais graves.

■ *Há projetos em relação à saúde da mulher?*

Existem, no Congresso, várias matérias neste sentido, mas a que eu destaco é o Projeto de Lei (PL) nº 84/2023, de autoria da senadora Eliziane Gama, que dispõe sobre medidas de prevenção contra a violência obstétrica. É um assunto sensível, que merece atenção e, mais que isso, precisa ser punida porque, muitas vezes, o que acontece na sala de parto é naturalizado, quando na verdade é violência.

■ *A senadora pediu a inclusão em pauta do PL 2570/2022 que garante às mulheres acompanhantes desde o pré ao pós-parto. Que razões a levaram a apresentar o projeto e como está o andamento dele?*

O Brasil viu, estarrecido, as notícias sobre casos de médicos abusando sexualmente de mulheres em pleno trabalho de parto. Isso é animalesco. É algo que transcende nossa compreensão sobre aonde pode chegar o comportamento humano. Perceba que é a mulher, no mais belo momento de sua vida, vulnerável a uma das piores violências que pode sofrer. Propomos este projeto para assegurar que cada futura mãe possa entrar e sair do hospital com a lembrança única de ter gerado uma vida, sem traumas nem feridas indeléveis. O projeto vai ser apreciado pelo plenário do Senado.

■ *O projeto que determina a oferta de remédios e tratamento com nutricionista pelo SUS às pessoas com fibromialgia e fadiga crônica, o PL 3525/2019, está valendo ou segue em tramitação?*

O PL foi aprovado no início de março no Senado. Como sofreu alterações na Casa, retorna para nova análise na Câmara dos Deputados. O projeto que regulamenta o tratamento de fibromialgia e fadiga crônica no Sistema Único de Saúde (SUS), trata da oferta de remédios e do acompanhamento de nutricionista para esses pacientes.

■ *O Instituto de Saúde Elpídio de Almeida (Isea) atende gestantes de Campina Grande e de 170 municípios pactuados para alto risco. A unidade sofreu um apagão colocando vidas em risco. Como avalia a situação e qual a sua contribuição para melhoria desse e outros hospitais?*

Precisamos de uma atenção especial para a saúde, sobretudo, aos hospitais voltados para as mulheres. Além da expansão da rede, precisamos reestruturar e equipar os hospitais com o que é necessário para garantir atendimento de qualidade e diagnóstico preciso para cuidar delas. Seria necessária, por parte da gestão municipal, uma visão mais maternal sobre o Isea. Uma gestão que não consegue dar o mínimo de qualidade, conforto e segurança para os filhos que nascem em sua cidade, não conseguirá ter uma consciência tranquila sobre resultados nos demais setores. Sobre recursos, encaminhei para vários hospitais, como o da FAP, Napoleão Laureano, São Vicente de Paulo e Flávio Ribeiro Coutinho.

■ *Seu projeto para o turismo, a MP 1.138/2022, prevê redução da alíquota do Imposto de Renda Retido na Fonte de 25% para 6% na remessa de recursos para o exterior, beneficiando empresas e agências de turismo. Ele vai contribuir para o avanço do setor?*

Sim. A partir do momento em que reduzimos os custos, mais pessoas passam a procurar os serviços de empresas de turismo especializadas. Isso alavanca o mercado, gerando aumento de demanda por mão de obra e gerando empregos.

■ *Como presidente do PSD-PB, pretende apoiar algum candidato à Prefeitura da capital em 2024? Concorrer ao governo do estado está nas suas metas?*

Não estamos discutindo, neste momento, as eleições de 2024. Em 2023, estamos focados no nosso mandato. E, no próximo ano, naturalmente, a agenda nos imporá uma discussão sobre os cenários necessários. Eu defendo que a política se faz dia após dia. Desde que entrei na vida pública, não costumo antecipar cenários nem falar sobre conjecturas. O que tem de concreto é o meu mandato de senadora. O futuro a gente conversa no futuro. No momento, meu foco é o Senado e o que eu posso fazer como senadora pela Paraíba e pelo Brasil.

POVOS ORIGINÁRIOS

Paraíba é sinônimo de terra indígena

Para valorizar os povos que lutaram e resistiram contra os colonizadores, ações de reeducação são divulgadas

Ana Flávia Nóbrega
ana8flavianobreg@gmail.com

José Alves
zavieira2@gmail.com

Durante o período colonial, a Paraíba foi um dos únicos territórios onde os portugueses encontraram maior resistência para efetivar a conquista e iniciar a ocupação. Segundo a historiadora e socióloga Eliete de Queiroz Gurjão, em um de seus livros sobre a história do estado, a Capitania Real da Paraíba foi criada após o desmembramento da Capitania de Itamaracá, no ano de 1574. No entanto, a conquista só ocorreu, de fato, mais 10 anos depois, em 1585.

Nas terras paraibanas, os colonizadores encontraram resistência dos povos originários que "lutavam bravamente para impedir a perda de seu território e evitar que fossem escravizados pelos colonos", escreveu Gurjão.

Durante os mais de 10 anos, a historiadora ressalta que, durante boa parte do tempo, os povos indígenas da Paraíba levavam vantagem, mas após o início da ocupação, o sangue indígena pintou o solo paraibano de vermelho.

Cada vez que os povos indígenas tentavam resistir, havia extermínio em massa para "limpar" o terreno, como afirmavam os portugueses, segundo Horácio de Almeida, historiador. Os demais eram utilizados como mão de obra em lavouras e na construção da cidade de Nossa Senhora das Neves, hoje João Pessoa.

Lutando para defender o solo que se desenvolve mais a cada dia que passa, os povos originários da Paraíba ensinaram uma importante lição para todo o povo paraibano: resistir. E essa missão acompanha os povos indígenas até os dias atuais, com outras lutas e pautas.

Buscando respeito e igualdade na sociedade, a reconquista dos territórios e as melhores condições de vida no âmbito social, os povos indígenas contam, hoje, com alguns aliados. Valorizando como é, de fato, o Governo do Estado vem trabalhando na busca pelo reconhecimento da Paraíba enquanto Terra Indígena.

Com as ações coordenadas pela Secretaria da Mulher e da Diversidade Humana — em parceria com as secretarias de Educação, Saúde, Infraestrutura, Agricultura Familiar, Empreender-PB, entre outros —, o Governo do Estado da Paraíba defende o respeito, preservação cultural e a ocupação dos indígenas em diversos espaços.

José Ciríaco, também conhecido como Capitão Potiguara, um dos líderes do povo, ressalta a parceria e a busca por direitos. "O Governo do Estado vem sempre ajudando e respeitando os povos indígenas. A Funai na Paraíba, também ajuda com distribuição de cestas básicas, mas precisa lutar mais por demarcação de terras e políticas públicas. Os mesmos direitos que o homem branco tem, o indígena também quer. Queremos mostrar para a sociedade que somos capazes de enfrentar tudo de igual para igual", declarou.

Leandra Cardoso do Espírito Santo, gerente executiva de Equidade Racial da Secretaria de Estado da Mulher e da Diversidade Humana, declarou que a principal demanda é pela demarcação de terras e algumas já estão em processo.

Entre as campanhas, o Governo do Estado busca intensificar campanhas contra a discriminação e a visão pejorativas, principalmente no mês de abril, quando se celebra, no dia 19, o Dia dos Povos Indígenas. Uma das ferramentas é a reeducação linguística da população para que diversos termos e expressões sejam extintas do vocabulário por estarem carregadas de preconceito.

Através das redes sociais, o governo levou a conscientização para a população explicando alguns termos. O primeiro deles é o uso da palavra 'índio' que faz menção a forma como os colonizadores, que exterminaram milhares de povos indígenas, os tratavam. Sendo seu uso, portanto, pejorativo.

Os mesmos direitos que o homem branco tem, o indígena também quer. Queremos mostrar para a sociedade que somos capazes

José Ciriaco

A palavra 'tribo' também aparece, já que remete a uma ideia de uma população primitiva, sem organização ou capacidade. O correto é o uso do termo 'povo', ou para se referir a um local ou território, 'aldeia', ou 'comunidade'. A ação explica ainda o preconceito e a redução enraizados na expressão 'cara de índio' já que o Brasil conta com mais de 300 etnias diferentes.

A ideia de abandonar a redutibilidade e o tratamento pejorativo dos povos indígenas passa, principalmente, pela história e espaços conquistados. Há muitos anos, os povos romperam com as barreiras impostas a partir da visão colonizadora de que seu lugar seria restrito a um espaço de terra realizando atividades manuais.

Hoje, os povos indígenas ocupam universidades, espaços de poder e de decisão em diversas áreas, incluindo o inédito Ministério dos Povos Indígenas, voltado para políticas públicas para a população, que os auxiliará na busca da sua principal bandeira de luta: a demarcação de terra. Outras pautas da resistência contemporânea são a busca pela ampliação de políticas públicas de qualidade e a existência de cotas na educação e postos de emprego, buscando uma maior inserção e igualdade.

Fonte de resistência

No estado que se destaca pela resistência contra os colonizadores, existem quatro povos indígenas: os Potiguara, os Tabajara, os Cariris e os Tarairiús. No total, estima-se que 25 mil indígenas residam na Paraíba, aldeados ou não, segundo o antropólogo e professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Estevão Palitot. Segundo ele, uma maior diversidade de povos existia durante o século 18 e, antes da colonização portuguesa, a Paraíba já era habitada exclusivamente por povos indígenas.

Também por isso é importante voltar às raízes para ressaltar a Paraíba Terra Indígena, campanha do Governo do Estado, como afirma Leandra Cardoso.

"Existir enquanto indígena no século 21, mesmo em meio a necropolítica, a dizimação das etnias, ao genocídio das populações indígenas, é ser resistência. No caso dos Potiguara, é um dos poucos povos do Brasil que residem no mesmo território desde o processo de colonização. Resistência maior, temos os povos Tabajara, que após todo processo de apagamento histórico, imposto pela exploração latifundiária, oligárquica, política e histórica, seguem retomando suas tradições, cultura, história, ancestralidade e seus territórios, reafirmando suas práticas culturais", finalizou.

Fotos: Roberto Guedes

Povos indígenas buscam o fortalecimento da tradição em meio a uma sociedade excludente

Uma das vias para isso é a união em torno da cultura índigena e a luta por territórios

Mesmo com ataques, a cultura indígena segue viva e atravessando gerações distintas

COTIDIANO

Trabalhadores invisíveis e essenciais

Fundamentais para a manutenção das cidades e da sociedade, milhares de profissionais atuam sem reconhecimento

Taty Valéria
tatyanavaleria@gmail.com

Para onde vão todas as coisas que nós, cotidianamente, descartamos, perdemos ou, involuntariamente, precisamos deixar ir? A embalagem de bala descartada, erroneamente, na rua; o lixo que deixamos para que seja devidamente descartado; ou, com muita dor, pessoas amadas que se foram e precisamos nos despedir fisicamente.

Para todos os casos, existem pessoas que se encarregam de cuidar de tudo depois que fogem do nosso olhar. E, por isso, essas pessoas também estão fora do nosso olhar. Diuturnamente, milhares de trabalhadores acordam cedo para fazer tudo aquilo que não enxergamos, mas que são extremamente essenciais na construção coletiva da vida cotidiana em sociedade.

André Luiz Nascimento era operador de prensa quando surgiu a oportunidade de trabalhar num emprego considerado inusitado, mas que é exercido com muito orgulho, dedicação e profissionalismo desde 2009. Coveiro do Cemitério Senhor da Boa Sentença, em João Pessoa, André convive em meio a túmulos e considera seu ofício um dos mais essenciais à sociedade, mesmo que não seja lembrado ou, muitas vezes, visto.

"Meu trabalho é muito importante porque eu sou quase um psicólogo", afirma André, que já perdeu a conta das situações que teve de intervir durante algum sepultamento para amparar familiares e amigos em momentos de dor.

Mesmo tendo que lidar com problemas que não fazem parte de sua função, André Luiz faz parte de uma classe de trabalhadores que são essenciais na garantia do bem-estar social e no funcionamento das cidades, mas não são reconhecidos.

É um trabalho pesado, mas acho muito digno. Ajudo a deixar a cidade limpa e ainda consigo trabalhar de um jeito honesto

Severino Ferreira

Assim como garis e catadores de materiais recicláveis, que desempenham um papel fundamental na gestão de resíduos sólidos, atuando na coleta, triagem, processamento e comercialização destes materiais e sendo responsáveis pela destinação de quase 90% do lixo reciclado no Brasil, segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Mais de 800 mil pessoas executam a função no país como uma alternativa ao desemprego, de acordo com o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis.

Esse é o caso de Severino Ferreira, morador do município de Bayeux. Sozinho na sua missão diária, Severino carrega uma carroça que pesa, em média 40kg durante 6h diárias. O esforço rende até um salário mínimo por mês. "É um trabalho pesado, mas acho muito digno. Ajudo a deixar a cidade limpa e ainda consigo trabalhar de um jeito honesto", finaliza com um sorriso no rosto, apesar do cansaço.

Fotos: Roberto Guedes

André Luiz é coveiro desde 2009 e afirma não ter vergonha do trabalho, muitas vezes visto como irrelevante por uma parcela da sociedade. Sem ele e sem todos os coveiros, os trâmites de sepultamento de pessoas não seriam completos

Severino Ferreira, catador de lixo, carrega até 40kg durante, aproximadamente, seis horas de trabalho nas ruas da capital paraibana, contribuindo para a correta destinação de resíduos e a reciclagem do material

Maioria dos trabalhadores invisibilizados segue um perfil

Apesar de solitários e do pouco reconhecimento, boa parte dos profissionais é feliz por prestar serviços essenciais para a sociedade. Ainda assim, os trabalhadores podem desenvolver ou sofrer com transtornos psicológicos diversos.

Para Dandara Palhano, psicóloga clínica-organizacional e pós-doutoranda pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), ainda existem outras observações importantes. Algumas características podem ser observadas com frequência, como a predominância de pessoas negras, com baixa escolaridade e baixo nível de poder aquisitivo que ocupam os trabalhos considerados essenciais, mas invisibilizados.

"Além disso, é perceptível que há uma relação também com a cor da pele dos trabalhadores dessas áreas. Pode-se dizer que esses profissionais 'acostumam-se' a trabalhar dessa maneira, mas é impossível dizer que isso não afeta a sua saúde mental e a qualidade de vida no trabalho", declarou a psicóloga.

Não é o caso de André Luiz e Severino Ferreira, mas Dandara Palhano afirma que trabalhadores que executam funções consideradas invisíveis pela sociedade podem desenvolver transtornos como ansiedade, depressão, insônia e cefaleia recorrente, "além das doenças crônicas mais comuns associadas ao trabalho e também à saúde mental, tais como diabetes e hipertensão", completou.

Os profissionais podem, ainda, lidar com preconceito que, geralmente, aparece através de pessoas com maior escolaridade, nível econômico social e por racismo estrutural. "[Essas pessoas] consideram que ignorar determinadas funções é algo natural ou que essas pessoas não teriam se esforçado o suficiente, numa ilusão de meritocracia", explica.

Apesar do trabalho insólito e pouco notado pela população em geral, o coveiro André Luiz afirma que nunca sofreu qualquer tipo de preconceito pela profissão que exerce e faz questão de reforçar o orgulho que sente por seu trabalho, especialmente porque foi naquele lugar insólito, que encontrou o grande amor da sua vida.

"Conheci minha atual esposa trabalhando no cemitério, eu coveiro, e ela zeladora. Temos um filho de nove anos, uma casa e uma família, porque eu ia ter vergonha?", finalizou o coveiro.

Atuando na limpeza urbana diariamente, os profissionais que atuam na coleta, triagem e destinação correta de resíduos são importantes para que toda a cidade possa funcionar de forma fluida, principalmente no período de chuvas, evitando enchentes

ATIVIDADE ARTESANAL

Tradição mantém “devoção” à pesca

Pescadores contam histórias de dedicação à pescaria e decepções com a atividade diante da concorrência

Michelle Farias
michellesfarias@gmail.com

Fotos: Marcos Russo

Antônio (ao centro) mantém tradição de atuar na pesca. Cassiano (à dir.) estimula educação dos filhos e Eliete (no detalhe) começou como pescadora e hoje captura mariscos

O sol ainda não tinha nascido quando as batidas na porta anunciavam que o momento tão esperado havia chegado. Mesmo sonolento, Cassiano Neves, então com 10 anos, se empolgava ao lembrar que acompanharia o pai em um dia inteiro no mar para pescar. Vinte e cinco anos depois, o pai, Antônio Bonifácio, se aposentou como pescador, aos 60 anos, mas Cassiano, atualmente mestre de bote, leva adiante a atividade da família. A intimidade com a pescaria o levou a chamar o mar de “minha casa”.

A atividade passa de geração em geração. Pai e filho moram atualmente na Vila de Pescadores da Penha, em João Pessoa, local onde fixaram raízes e compartilham histórias. Se depender de seu Antônio Bonifácio o número de pescadores vai continuar crescendo na Paraíba. Pescando apenas por lazer atualmente, ele sorri ao falar que um dos netos, de 11 anos, já mostra interesse pela pesca e embarca para o mar sempre que tem um tempo livre entre os estudos.

Cassiano pensa diferente e prefere que os filhos, de 18, 13 e cinco anos se dediquem exclusivamente aos estudos. “O mar está cada vez mais escasso, mais difícil. As embarcações maiores acabam levando tudo e nós que somos pequenos ficamos com quase nada”, desabafou.

O ritual antes de embarcar é seguido à risca. Embarcação e tripulantes prontos, rezar pedindo proteção a Deus e São Pedro é regra entre quase todos os pescadores. São pelo menos sete dias no mar em busca da quantidade necessária de pescado para garantir o sustento. “É cansativo, mas está no sangue. Quando eu não estou no mar eu sinto saudade”, afirmou Cassiano.

> Atividade gera incertezas entre os pescadores diante de imprevistos do tempo e do mar

Edson Duarte começou a pescar mais cedo, aos oitos anos. O trabalho dos pais na pesca despertou o interesse do então garoto, que iniciou o trabalho no mar com a rede de arrasto. Proprietário de uma embarcação, Edson se divide entre a pesca em alto-mar e administração do restaurante que possui na Penha. “Tem dia que a gente pesca até 300 quilos, mas tem dia que a gente só consegue pegar a quantidade suficiente para se alimentar”, contou.

Comum entre os pescadores para além do amor pelo mar está o medo de ter a embarcação atingida por algum navio. Receio de pegar mal tempo e ventos fortes no mar são outros receios de quem vive da pesca. “O navio quando vem não quer saber quem está na frente, ele não muda percurso, ele passa por cima. A gente sempre mantém alguém acordado, monitorando, para evitar que acidentes aconteçam”, contou Edson.

Além disso, quem entra na embarcação de Edson é sempre orientado sobre a importância de preservar o meio ambiente. Todos nunca pisam nos corais, não jogam lixo no mar, não pescam peixes que estejam ameaçados de extinção e respeitam o período de defeso. “É do mar que tiramos nosso sustento. Cabe a nós preservá-lo”, avaliou.

Olhar para o céu é tão importante quanto conhecer a tábua das marés na semana em que se pretende embarcar. A regra é simples e foi citada por todos os pescadores entrevistados: em semana de lua não há pescaria porque tradicionalmente não há sucesso na captura de peixes. Outro fator observado é o horário de lançar as redes ao mar. Os pescadores dormem sempre durante o dia para iniciar os trabalhos às 17h, seguindo pela noite e madrugada.

Entre idas e vindas, histórias sobre o mar

Josias da Silva até tentou exercer outras atividades, mas a paixão pelo mar sempre o fez retornar para pescaria. Aos 14 anos, ele iniciou o trabalho na área, pescando sempre agulhas, das 4h às 17h e seguindo o caminho do pai, que foi pescador até os 60 anos. Porém, aos 20 anos, ele decidiu trocar o mar por um trabalho com carteira assinada em um supermercado. Depois, ele enveredou pela carreira de vigilante.

O retorno para a pesca aconteceu aos poucos e, hoje, ele trabalha administrando a peixaria de sua propriedade na Penha. Assim como ele, seus três irmãos também pescam desde adolescência com o pai. Um abandonou completamente a atividade ao se tornar adulto, outro voltou alguns anos depois e apenas um permanece vivendo da pesca.

Os custos para colocar uma embarcação no mar são altos. Para um período de sete dias, o dono do barco precisa investir cerca de R$ 1.500 entre combustível, pagamento aos pescadores e alimentação. Principalmente em João Pessoa, a atividade pesqueira não tem despertado o interesse dos mais jovens e muitos têm investido em passeios náuticos para turistas como principal fonte de renda.

No Sertão paraibano, a formação da Federação das Colônias de Pescadores, e Aquicultores de Águas Interiores da Paraíba surgiu como forma de buscar mais investimentos para o setor e benefícios para os pescadores. Mais de 36 colônias estão vinculadas à federação, totalizando mais de 20 mil profissionais. O presidente da federação, Galego do Peixe, explicou que no Sertão são pescados tucunaré, tilápia, feira, curumatá , piau e branquinha.

Mulheres na pesca

O encantamento pelo mar começou ainda na adolescência. Ver o pai e vizinhos embarcando para pescar por vários dias em alto mar despertou em Eliete Barbosa a vontade de seguir o mesmo caminho. Decidida, ela seguiu com seu intuito e se tornou pescadora e solicitou ao Governo Federal o registro de pescadora profissional. Em todo o país existem atualmente 229.012 mulheres que exercem a pesca artesanal. Segundo mapa de indicadores do então Ministério da Agricultura, 653.495 licenças para pesca estão ativas.

Os primeiros passos de Eliete foram com a pesca por mergulho e, em seguida, utilizou o mangote. Quando chegou a hora de finalmente embarcar para o mar ela não teve medo. A oração foi sua companheira nos dias que passou na embarcação, compartilhando o espaço com outros pescadores. Apesar da experiência vivenciada, Eliete optou por seguir outros rumos, o de se dedicar à captura de mariscos, atividade que exerce atualmente.

As histórias de pescaria hoje são compartilhadas embaixo de uma árvore, saboreando um café e dividindo com os companheiros de atividade as histórias sobre o mar. Sair para pescar se tornou uma rotina cansativa, pelos enjoos que sentia na embarcação. Assim como ela, várias mulheres possuem o registro para pesca artesanal, mas já não exercem a atividade e se dedicam sobretudo a garantir estrutura para que os companheiros pesquem e limpeza do pescado.

SEMIÁRIDO

Ibiara projeta o futuro, mantendo tradições e hábitos cotidianos

Cidade é referência na realização do Carnaval de rua e alguns atrativos turísticos são espaços de cultura, lazer e convivência local

Taty Valéria
tatyanavaleria@gmail.com

Na língua tupi-guarani, "ibiara" significa "terra que tem dono". Apesar dos primeiros donos do lugar serem as populações indígenas dos tabajaras, o município de Ibiara, que fica quase na divisa com os estados de Pernambuco e do Ceará, ganhou dois novos "donos", quando o casal Joaquim e Maria Lopes Ribeiro chegou ao local em 1874. Eles construíram uma casa no sítio Poço de Cavalo e passaram a abrigar tropeiros e viajantes em trânsito na região. Um pequeno povoado começou a se desenvolver em seu entorno e com a construção da Capela de Nossa Senhora do Rosário em 1891, passou a ser denominado de arraial. Em 1943 se tornou o distrito de Santa Maria, pertencente ao município de Conceição, sendo que a emancipação política só aconteceu 16 anos depois, quando Ibiara foi desmembrada de Conceição e se tornou município de fato, em 17 de abril de 1959.

O município se estende por 244,5 quilômetros quadrados e conta com 5.929 habitantes, de acordo com o último Censo do IBGE, realizado em 2010. Ibiara está incluída na área geográfica de abrangência do Semiárido brasileiro, definida pelo Ministério da Integração Nacional, em 2005. A distância entre Ibiara e João Pessoa é de 459km, e o tempo estimado do percurso da viagem entre as duas cidades é de aproximadamente 6h29 min.

> **"As pessoas ainda conversam à noite e dá para ouvir o sino da igreja. Ibiara planeja o futuro, mas mantém a cultura do passado**
>
> Tom Jerônimo

A economia local se destaca pela agricultura familiar e pela pecuária, com produtos vendidos na feira central da cidade, que acontece sempre às segundas-feiras. Além da feira, a cidade também possui uma boa variedade de lojas e um comércio que supre as necessidades do município. Ibiara também possui linha asfáltica em todas as saídas, o que garante certa facilidade no acesso para as cidades vizinhas e estados próximos, como Pernambuco e Ceará.

"Em resumo, é uma cidade pequena e pacata, muito longe das cidades grandes e das metrópoles, o que permite ainda ver as pessoas sentadas nas calçadas conversando sobre o seu dia a dia", afirma o professor Tom Jerônimo, que é natural de Conceição, mas leciona em Ibiara há 13 anos. "É uma cidade conhecida por ser festiva, acolhedora e de muito valor para seus moradores, que exibem com bastante orgulho o fato de serem ibiarenses", diz o professor, que faz uma análise até poética da cidade. "Aqui há escassez de chuva, como em toda cidade do Sertão, mas quando chove, tem aquela explosão de verde e o ciclo de vida começa novamente, os sítios e povoados ficam tão bonitos que parecem cenas de filmes", afirma Tom.

Juliana Pedro da Silva, assistente social que hoje mora em Ipatinga, em Minas Gerais, é filha de Ibiara e lembra com carinho a infância e início da adolescência passados na cidade. "Até os nove anos morei num sítio chamado Piancozinho, até que fui morar mais perto do centro para estudar, onde fiquei até concluir o Ensino Médio. Morar em Ibiara era muito bom, mas ao mesmo tempo que é bom, a gente também sentia muita falta de oportunidade para juventude", afirma Juliana, que saiu da cidade para fazer faculdade e entende que os tempos são de mudanças, especialmente, pelo protagonismo da juventude.

"Hoje é possível perceber mais investimentos na educação, no esporte, no lazer. Jovens ibiarenses agora fazem intercâmbio, cursos de qualificação profissional. Na minha época não existia isso. Uma geração inteira que tem oportunidade de se especializar, se destacar nos esportes", afirma. Ibiara possui 14 escolas de Ensino Infantil, Fundamental e Médio, sendo oito municipais, quatro estaduais e duas particulares.

Foto: Tom Jerônimo/Arquivo Pessoal

Açude Piranhas é um dos cartões portais da cidade e atrai visitantes

Calendário da cidade reúne eventos religiosos e profanos

A Festa da Padroeira Nossa Senhora do Rosário, que acontece no início do mês de outubro, reúne milhares de devotos em frente à Igreja Matriz durante os eventos religiosos. Além da parte religiosa, há shows e atividades culturais e esportivas na programação profana dos festejos. E no próximo mês, dia 17 de abril, Ibiara completa 64 anos de emancipação política com uma grande festa realizada em praça pública, que irá incluir a tradicional Cavalgada da Emancipação, a maratona (masculina e feminina), e o campeonato de futebol denominado Jogo da Amizade.

Apesar das festas juninas terem seu destaque com arraiás na Praça da Igreja Matriz, apresentação de quadrilhas e a Festa de São Pedro, no Distrito de Cachoeirinha, é o Carnaval tradicional de rua, que acontece há 50 anos e que atrai a maior quantidade de turistas em Ibiara, conhecida na região do Vale do Piancó como a "Capital Regional do Frevo". Vindos de cidades e estados vizinhos, a população da cidade chega a duplicar durante os quatro dias de festa.

Ibiara é banhada pelo Rio Piranhas, uma sub-bacia do Rio Piancó, além dos riachos dos Porcos, Mandacaru, Humaitá, dos Gatos, das Cabaças e da Fortuna. O principal corpo de acumulação dessas águas é o Açude Piranhas, que recebe banhistas e visitantes de todas as regiões do Vale do Piancó. "Ibiara está incluída na rota turística do Sertão da Paraíba, justamente pelo Açude Piranhas e a preservação de animais nativos como gaviões, sabiás, papagaio louro.

Nos finais de semana o lugar enche de famílias para passear, fazer foto, registrar o momento", afirma o professor Tom Jerônimo, que encerra com um resumo do que é ser filho de Ibiara, uma cidade que se prepara para o futuro, mas que respeita seu passado."As pessoas ainda conversam nas calçadas à noite, dá para ouvir o sino da igreja tocando. Ibiara planeja o futuro, mas ainda mantém uma cultura do passado, e que bom que seja assim! Porque preserva a história e a memória. Conhecer, valorizar e preservar, acabou virando o nosso lema principal".

Foto: Tom Jerônimo/Arquivo Pessoal

Com a igreja (no destaque), cidade é tomada por verde no inverno

Foto: Tom Jerônimo/Arquivo Pessoal

Foto: Tom Jerônimo/Arquivo Pessoal

A devoção à Nossa Senhora do Rosário vem desde a construção da primeira capela em 1891 (à esq.). A edificação atual continua como espaço de fé, e o toque do sino da igreja faz parte da rotina dos moradores

RAUL CÓRDULA

Mestre das artes completa 80 anos

Com 65 anos de carreira e ainda atuante, paraibano é um dos mais importantes artistas plásticos do estado

Natural de Campina Grande e radicado no Recife (PE), Córdula foi membro da Geração 59, participou da implantação do Museu de Arte Assis Chateaubriand e do Núcleo de Arte Contemporânea da UFPB, dentre outras realizações

Foto: Edson Matos

Guilherme Cabral
guilhermecabral@epc.pb.gov.br

O premiado pintor, artista gráfico, curador e crítico de arte paraibano Raul Córdula vai comemorar seus 80 anos de idade amanhã (17). "Sinto-me bem e com saúde e continuo a fazer o que sempre fiz: trabalhando e refletindo", confessou ele que, atualmente, reside na cidade de Recife (PE), onde a Galeria Amparo 60 realizará uma exposição com o propósito de celebrar a data, cuja vernissage está marcada para o próximo dia 25. Uma prova do vigor do artista é um instituto que mantém em Olinda (PE), o qual atua com projetos culturais. "Em maio, lançaremos um livro sobre a obra do artista pernambucano, já falecido, Ismael Caldas", disse ele.

Natural de Campina Grande, Raul Córdula é protagonista de uma longa trajetória artística, iniciada em 1958, quando começou a pintar. No ano seguinte, ilustrou poesias da Geração 59, grupo de poetas paraibanos que edita o suplemento literário *A União nas Letras e nas Artes* e que criou a Escola de Artes Plásticas Tomás Santa Rosa, no Teatro Santa Roza, em João Pessoa, e que posteriormente, em 1963, foi absorvida pela Universidade Federal da Paraíba para formar o Serviço de Artes Plásticas do Departamento Cultural, núcleo da atual Pró-Reitoria de Extensão Cultural. Resultado das experiências no ateliê desta instituição acadêmica, ele realizou sua primeira exposição individual em 1960, quando mostrou 22 obras na Biblioteca Pública da Paraíba, na capital. A partir de então, participou de salões de arte no estado.

Nos anos 1960, Córdula viajou para o Rio de Janeiro, com o intuito de estudar História da Arte, no Instituto de Belas Artes, e técnica em pintura, no Museu de Arte Moderna, onde foi aluno de Domenico Lazzarini (1920-1987) e cenógrafo em emissoras de TV. No final daquela década, ele retorna à Paraíba, com o objetivo de criar o Museu de Arte Assis Chateaubriand, em Campina Grande, e formar o acervo da instituição, por meio de campanhas junto a grandes empresários. Nessa volta, retoma a movimentação da produção artística local e funda a Associação Paraibana de Artistas Plásticos (APAP). Naquela época, a Reitoria da UFPB montou, para sua galeria de arte, uma série de exposições de artistas ligados ao próprio Departamento Cultural. Na ocasião, decretos emitidos pelo regime militar levaram à censurada mostra de Córdula, por ordem do Conselho Universitário, no dia seguinte à abertura, levando também à demissão do artista da UFPB. O Governo do Estado repudiou o ato e ofereceu o Teatro Santa Roza, onde a exposição aconteceu.

Diante da situação, Raul foi residir em São Paulo, onde trabalhou como cenógrafo em emissoras de televisão. Como reflexo da censura e a perseguição da ditadura, o artista enveredou da pintura figurativa para a abstrata informal e, depois, ao abstracionismo geométrico dos triângulos, círculos, retângulos, assim como os rabiscos infantis, que passam a potencializar aparatos simbólicos, com diversos significados. Ele também realizou pesquisa sobre a arte popular.

Em 1972, ao regressar para a Paraíba, abriu um bar, o Asa Branca, com um grupo de amigos, e manteve um escritório de programação visual em João Pessoa até 1975. Três anos depois, foi um dos artistas que fundaram o Núcleo de Arte Contemporânea (NAC) da UFPB, retornando à instituição como professor nos cursos de Educação Artística e Arquitetura e Urbanismo. Em 1992, ele foi responsável pela implantação, nas cidades de João Pessoa, Recife, Salvador e Curitiba, da Associação Cultural de Lé Hors Là, de origem francesa, que proporcionou intercâmbios entre artistas até 1997.

Raul Córdula destacou ações que realizou ao longo da carreira. "Na Paraíba, a implantação do Museu de Arte de Campina Grande de Assis Chateaubriand, em 1967. Em João Pessoa, a minha atuação como supervisor do setor de artes plásticas do Departamento Cultural da UFPB, entre 1963 e 1965, de onde nasceram muitos artistas, alguns que ainda atuam na cidade; no Núcleo de Arte Contemporânea, fui coordenador por cinco anos, a partir de 1979; na Bahia, e participei da implantação do Salão Mam de Artes Plásticas, em 1994; tive atuação na Oficina Guaianases de Gravura em Olinda, na década de 1980, e atuei na Associação Brasileira de Críticos de Arte", enumerou ele.

CONTINUA NA PÁGINA 12 ▶

Fotos: Acervo Pessoal

Ao lado, da esq. para dir.: alguns exemplos da arte de Córdula, como o desenho (sem título) de 1968 em guache para o Museu de Arte do Rio de Janeiro; 'Aurora', óleo sobre tela de 1969; e uma guache (sem título) produzida em 2022

AUDIOVISUAL

Mostra Sesc de Cinema: inscrições vão até dia 20

Seleções nacionais da 6ª edição serão para curtas, médias e longas-metragens

A 6ª Mostra Sesc de Cinema receberá as inscrições gratuitas até 20 de abril para a seleção de curtas, médias e longas-metragens no site oficial da entidade (www.sesc.com.br/mostradecinema), que também disponibiliza o edital. "Seguimos otimistas para esta edição, pois acreditamos que a nova onda criativa no meio cultural possa se refletir na Mostra Sesc", destaca Janaina Cunha, diretora de Programas Sociais do Departamento Nacional do Sesc.

Para participar, é necessário que as produções tenham sido finalizadas a partir de 1º de janeiro de 2021 e que não tenham sido exibidas em circuito cinematográfico comercial e serviços comerciais de vídeo *on demand* até o encerramento das inscrições.

Podem ser inscritos filmes de 23 estados e do Distrito Federal, que serão avaliados por comissões estaduais formadas por profissionais do Sesc e especialistas convidados. Além das seleções estaduais, 24 filmes comporão a Mostra Nacional – um de cada estado participante – e haverá uma curadoria especial para eleger outras 10 produções infantojuvenis. O Panorama Regional (região Norte) e os Panoramas Estaduais voltarão a ser exibidos de forma presencial na 6ª edição da MSDC, nos seus respectivos estados, e a Mostra Nacional será transmitida digitalmente. A premiação será: R$ 2.500 (curtas), R$ 3.500 (médias) e R$ 5.000 (longas).

A lista dos selecionados será divulgada em agosto e as exibições ocorrerão entre outubro e dezembro. O circuito contará ainda com ações formativas como cursos e *workshops* sobre os diversos assuntos ligados ao audiovisual.

Foto: Pixabay

Além das seleções estaduais, 24 filmes vão compor a Mostra Nacional

Através do QR Code acima, acesse o site para inscrição

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

Construção social do pensamento

A formação social da consciência, geralmente, apresenta aspectos do comportamento humano e se potencializa com estas habilidades: na relação entre seres humanos e o seu ambiente físico e social; em novas formas de atividade que fizeram com que o trabalho fosse o meio de relacionamentos entre o homem e a natureza e as consequências psicológicas dessas formas de atividade; na natureza das relações entre o uso de instrumento e desenvolvimento da linguagem.

Além disso, o desenvolvimento dessas ações tem o momento de maior raciocínio quando dá origem às formas de inteligência prática e abstrata. Isso acontece logo que a fala e o comportamento estão fusionados. Por exemplo, a criança, antes de comandar a própria atitude, começa a controlar o ambiente com a ajuda da fala, produzindo novas relações com o meio social, além de uma nova organização do próprio espaço vital. A criação dessas formas de comportamento produz a inteligência. Essa tese pode ser encontrada no livro *Formação Social da Mente* (1978), escrito pelo psicólogo russo Lev Semionovitch Vigotski (1896-1934). As suas experiências concluíram que a fala da criança é tão importante quanto a ação para atingir um objetivo, porque a sua fala e ação fazem parte de uma mesma função psicológica complexa, dirigida para a solução de um desafio de sobrevivência. Diante disso, pode-se confirmar que quanto mais complexa a ação exigida pela situação e menos direta a solução, maior a importância que a fala adquire na construção social do pensamento. No livro citado, Vygotsky afirma que: "Essas observações me levam a concluir que as crianças resolvem suas tarefas práticas com a ajuda da fala, assim como dos olhos e das mãos". Portanto, a criança quando se confronta com um problema mais complicado, apresenta uma excelente variedade complexa de respostas que incluem tentativas diretas de atingir o objetivo, isto é, não só o uso de instrumentos como também a fala dirigidas as pessoas ou que simplesmente acompanha a ação e apelos verbais direto ao objeto de atenção.

O desenvolvimento da percepção e da atenção, bem como o uso de instrumentos e da fala, afetam funções psicológicas que são atividades sensório-motoras e da concentração.

Foto: Reprodução

Psicólogo Semionovitch Vigotski (1896-1934)

Considerando isso, a partir da fase da primeira infância, o que se atribui de importância primária são as interações da criança com as relações assimétricas dos adultos. Estes são condutores de mensagens de cultura, por isso que – nessa interação – o desempenho mais importante corresponde aos diferentes sistemas de interpretação dos signos ou das suas significações, que deve ser seguido pelo desempenho individual. Por conseguinte, começam a ser utilizado como instrumentos de organização e de controle do comportamento individual. Nessa situação, a linguagem se torna o sistema simbólico básico de todos os grupos humanos, sendo a principal mediadora entre o sujeito e o objeto do conhecimento, pois cada situação de interação, o sujeito está em um momento de sua trajetória particular, trazendo consigo determinadas possibilidades de interpretação do material que obtém do mundo externo. Noutro processo, o pensamento científico vê revolução e evolução como duas formas de desenvolvimento mutuamente relacionadas, sendo uma pressuposta da outra, e vice-versa. Em outra situação, vê, também, os saltos no desenvolvimento da criança como nada mais do que uma construção social do pensamento.

Vygotsky sensibiliza a todos para a importância da linguagem como instrumento de pensamento. Ele afirma que a função da fala introduz mudanças qualitativas na forma de cognição desde o período da infância, reestruturando a memória, a atenção voluntária, a formação de conceitos e outras funções psicológicas. Suas contribuições apresentam a linguagem agindo na estrutura do pensamento e para a construção do conhecimento. Ela modifica as formas humanas de vida, a fim de forçar o indivíduo a reagir positivamente frente à sua deficiência e no processo de desenvolvimento e de adaptação ativa ao meio, onde ele forma uma série de funções, com cuja ajuda compensam, nivelam e substituem as deficiências. Tudo isso se dá fazendo o uso da própria personalidade. Vygotsky afirma que, num primeiro momento, o conhecimento se constrói entre pessoas, isto é, intersubjetiva; num segundo momento, no interior do sujeito, quer dizer, de forma intrasubjetiva.

O sistema de Vigotsky apresenta dois níveis de desenvolvimento cognitivo, que é constituído de emocional, linguagem, pensamento, memória, raciocínio, capacidade de compreensão, percepção, comportamento e de tantos outros. O primeiro é nomeado por real, isto é, o nível de desenvolvimento das funções mentais – no período da infância – estabeleceram-se como resultado de ciclos de desenvolvimento já completados. Por isso, admite-se que só é indicativo da capacidade mental das crianças aquilo que elas conseguem fazer por si mesmas. O segundo nível denomina-se zona de desenvolvimento proximal, sendo a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, que é determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros que apresentam potenciais com as melhores competências.

Sinta-se convidado à audição do 415º Domingo Sinfônico, deste dia 16, das 22h às 0h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Irei comentar a vida do pianista e regente austríaco Herbert von Karajan (1908-1989) e a sua importância ao reger peças de compositores contemporâneos, a fim de valorizar a cultura de seus países como forma de restabelecer a paz entre eles, que tinha sido destruída no período da Segunda Guerra Mundial.

Kubitschek Pinheiro
kubipinheiro@yahoo.com.br

Maldade

Há, certamente, várias maneiras de se falar ou fazer maldades. Está na natureza da pessoa. Sem evitar a referência a muitas atitudes da maldade generalizada. Devia começar por falar das pessoas que já acordam pensando em fazer maldades. Todo tipo de maldade. Gente que vive planejando...

Dizer que, quando começa não para mais, é óbvio. Pessoas infelizes, infames que sentem prazer em falar mal aos outros, torcer para que não dê certo e espalhar histórias para prejudicar alguém. Isso é maldade. Gente que começa a odiar as outras, quando elas são tóxicas.

É impressionante, como se pode viver assim, a ouvir a vida toda, que tal pessoa é má. Uma coisa que não começa na infância, creio. Não acredito. Maldade também tem a ver com constrangimentos que uma pessoa faz a outra passar, como se a vida fosse fácil e se tivéssemos que ficar calados o tempo todo.

Gente que sente prazer em fazer maldades, já é um motivo para se afastar, isolar. É uma doença? É nada, é gente ruim mesmo. Desde quando se entende por "gente" e chega a um ambiente social, de trabalho, qualquer lugar.

A maldade é maior que seu nome.

Está na cara da pessoa que ela é maldosa – o rosto tem essa imagem incerta e não mutável em cada alteração na fisionômica, entre todas as inúmeras possibilidades, a mais imperfeita, ser uma pessoa má.

Mais tarde, na velhice, quando não se arrependem, quando se levantam, de uma vida vazia, um estremecimento tão raso, em que não sabe se foi o mundo que parou ou se alguma dívida a ser paga. É muita maldade neste mundo.

Chegam a ser excessivamente notáveis. Mas há algo de repugnante nessa linhagem de seres, que não fitam a luz do dia, como se fossem vampiros e que transportam consigo a memória de muitas vidas mal resolvidas.

Outro dia vi uma mulher dizendo horrores na calçada da praia, porque viu no passeio público dois rapazes de mãos dadas, como se a cena fosse amaldiçoada ou coisa assim. E, sobretudo, a forma como tais criaturas não se reconhecem preconceituosas ao pressentir a sua estúpida situação, diante da opção sexual das pessoas.

A maldade das trevas guiando homens e mulheres. Hoje há palavras vagas para descrever uma pessoa má – "que é bipolar, que é doida". Há muita maldade por aí.

Nada me surpreende. Tudo me surpreende.

Vejam a canção de Chico César – "Deus me proteja de mim, e da maldade de gente boa, da bondade da pessoa ruim". É isso mesmo, a letra está clara – da maldade de gente boa?

Nietzsche, além do bem do mal, se apoiou na frase "Torna-te o que tu és", do poeta grego Píndaro para desenvolver seu pensamento acerca da praticidade na trajetória do indivíduo. "Torne-se aquilo que você é".

Kapetadas

1 - Eu sou como aquelas tentativas de senha. Permito muitas chances, mas chega uma hora que sou obrigada a bloquear por motivos de segurança.

2 - Fico vendo vocês falando e criticando pessoas emocionadas. Gente, sejam emocionados sim. E muito! A vida é curta demais para ficar regrando sentimentos.

Foto: Ana Lefaux/Divulgação

Chico César: "Deus me proteja de mim e da maldade de gente boa"

Colunista colaborador

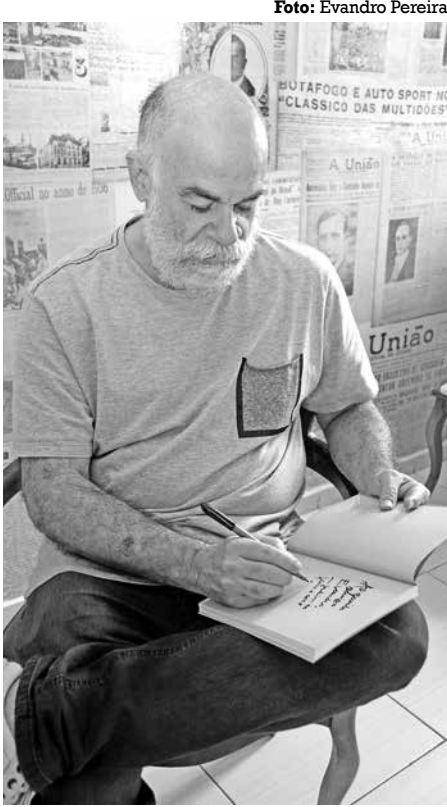
Alex Santos
Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Ao amigo que partiu, meu respeito e admiração!

O meio literário paraibano ficou muito triste, uma semana atrás, com súbita partida de um de seus criadores mais influentes. Foi do sábado para domingo que ele se foi, não me dando tempo de reverenciá-lo. Faço-o, hoje...

Ele foi uma pessoa muito íntima. Diria até, quase um irmão. E na semana passada o velho amigo recebeu as aleluias dos céus, alçou voo e partiu sem se despedir; mas sempre o consideramos também da família. Tanto que, para minha esposa Lili, ele continuava "uma pessoa sensível e respeitosa".

Seu nome, Juca Pontes, um aliado nas veleidades culturais, sobretudo, literárias. Razão pela qual sua presença está registrada em livro, que devo publicar, ainda este ano. Uma autobiografia sobre *Menino de Cinema*, cuja via de edição já estava confirmada pelo próprio Juca. Em um dos capítulos, trecho que transcrevo a seguir, a presença do amigo que se foi:

"Recomeçar seria agora a palavra de ordem. De volta a João Pessoa, toda família de Alex Santos retoma sua antiga morada. Quase três anos fora do seu apartamento, que fora nesse período alugado a amigos do próprio prédio São Marcos, em Tambaú, algumas adaptações tinham que ser feitas. Mais ainda, com relação à acomodação das duas crianças, Alexa e Alexandre. Mas, aquela não seria uma manhã de domingo como tantas outras. Estavam de volta ao seu verdadeiro domicílio na praia. Já que a família de Alex tivera de acompanhá-lo por dois anos, durante seu curso de mestrado em Comunicação e Cultura Contemporânea, na Universidade de Brasília.

E foi nesse retorno ao São Marcos que Alex foi recebido pelo amigo Juca Pontes, que morava sozinho em um apartamento logo acima do seu. Amigo até hoje muito considerado pela família, inclusive pela esposa de Alex, Lili, que o tinha como uma pessoa sensível e respeitosa. Mas, o que os aproximou mesmo, antes, foi a música 'Nikita'. Uma vez que Juca dispunha de vários discos de Elton John, especialmente em vinil. Isso motivava algumas visitas de Alex ao apartamento do amigo, para ouvir o cantor inglês. Por vezes, acompanhado do seu filho Alexandre, ainda pequenino, a quem Juca chamava de 'barbudinho', talvez, em razão do pai do garoto usar farto buço facial.

Anteriormente, Alex Santos fizera parte da diretoria geral de Cultura, do Governo do Estado, cujo titular era o teatrólogo Raimundo Nonato Batista, que futuramente seria o sogro de Juca Pontes ao se casar com a filha dele, a jovem Michele. Após essa união, Juca passou a residir em outro lugar, entregando o apartamento do São Marcos para sua família, de Campina Grande. Mesmo assim, a relação dos dois amigos continuou a mesma."

Esta semana, através de WhatsApp, que este colunista se comunicava sempre com o amigo Juca, soube do seu falecimento. Triste sentença de vida ao parceiro de tantos e tantos anos... Uma perda, igualmente, para as dezenas de amigos que deixou por esse mundo afora. Que Deus o tenha em bom lugar, meu amigo! – Mais "Coisas de Cinema", no blog: www.alexsantos.com.br.

Foto: Evandro Pereira

Poeta e editor Juca Pontes (1958-2023)

Informe APC
Academia Paraibana de Cinema

APC lembra trajetória de M. Bitencourt

A obra do cineasta paraibano Jureny Machado Bitencourt, que faleceu há 24 anos, neste mês de abril, foi apresentada na sexta-feira passada (dia 14), numa das aulas de Comunicação coordenada pelo professor João de Lima, na sede do Nudoc da UFPB.

Na ocasião foi exibido o documentário de 30 minutos, *Revista de Cinema Paraibano*, produzido pela TV Câmara-PB, que traz os depoimentos de dois integrantes da Academia Paraibana de Cinema, do próprio João de Lima e do cineasta Alex Santos. No curta, ambos fazem um breve relato da trajetória do sempre lembrado criador da Cinética Filmes de Campina Grande.

Em cartaz

ESTREIAS

BELO DESASTRE (Beautiful Disaster. EUA. Dir: Roger Kumble. Comédia. 14 anos). Abby Abernathy (Virginia Gardner) acredita que já está bem distante de seu tumultuado passado, mas quando chega à faculdade com sua melhor amiga (Libe Barer), seu novo começo é colocado em risco por uma aventura de uma noite com Travis "Mad Dog" Maddox (Dylan Sprouse). CINÉPOLIS MANAÍRA 1 (dub.): 20h (exceto qui.) - 22h15 (exceto qui.); CINE SERCLA TAMBIÁ 3 (dub.): 20h50; CINE SERCLA TAMBIÁ 4 (dub.): 15h; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 15h; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 20h50.

DESEJO PROIBIDO (Heaven in Hell. Polônia. Dir: Tomasz Mandes. Romance. 16 anos). Maks (Simone Susinna) e Olga (Magdalena Boczarska) tem 15 anos de diferença de idade. Ela é uma mulher bem-sucedida, mãe de uma jovem adulta. Já ele é um homem que aproveita a vida como pode e der, sempre vivendo o momento. Mesmo pessoas muito distantes e diferentes, o destino os põe perto do outro. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 15h50 (dub.) - 21h (leg.).

DUNGEONS & DRAGONS - HONRA ENTRE REBELDES (Dungeons & Dragons: Honor Among Thieves. EUA. Dir: John Francis Daley e Jonathan M. Goldstein. Aventura. 12 anos). Em um mundo repelto de dragões e seres mágicos, um bando de aventureiros embarcam em uma jornada épica para recuperar uma relíquia. CENTERPLEX MAG 2 (dub.): 16h; CENTERPLEX MAG 3 (dub.): 18h30 (dub.) - 21h30 (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 13h45 - 16h30 - 19h20; CINÉPOLIS MANAÍRA 4 (dub.): 15h - 18h15 - 21h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 6: 13h15 (dub.) - 16h (leg.) - 19h (dub.) - 22h (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 9 - MacroXE (dub.): 20h45; CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 13h15 - 16h - 19h - 22h; CINE SERCLA TAMBIÁ 1 (dub.): 16h20 - 19h; CINE SERCLA TAMBIÁ 5 (dub.): 15h15 - 17h50 - 20h30; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 15h15 - 17h50 - 20h30.

O PASTOR E O GUERRILHEIRO (Brasil. Dir: José Eduardo Belmonte. Drama. 14 anos). Na virada do milênio, Juliana (Julia Dalavia), filha ilegítima de um coronel que comete suicídio, descobre que seu pai foi torturador durante a ditadura militar no Brasil. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: 22h20.

SUZUME (Suzume no Tojimari. Japão. Dir: Makoto Shinkai. Animação. Livre). Uma garota e um jovem misterioso que tentam prever uma série de desastres em todo o Japão. CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 13h20 - 18h20; CINE SERCLA TAMBIÁ 3 (dub.): 16h10 - 18h30; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 16h10 - 18h30.

CONTINUAÇÃO

AIR – A HISTÓRIA POR TRÁS DO LOGO (Air. EUA. Dir: Ben Affleck. Biografia. 12 anos). Baseado na história real do chefe da marca esportiva Nike, Sonny Vaccaro (Matt Damon), e do fundador da Nike, Phil Knight (Ben Affleck). Ambos estão tentando tornar a marca uma das mais famosas do mundo, e escrever seus nomes na história. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 - VIP (leg.): 22h10.

O EXORCISTA DO PAPA (The Pope's Exorcist. EUA. Dir: Julius Avery. Terror. 16 anos). O padre Gabriele Amorth (Russell Crowe), exorcista do Vaticano, luta contra Satanás e demônios possuidores de inocentes. Um retrato detalhado de um padre que realizou mais de 100 mil exorcismos em sua vida. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: 14h15 (dub.) - 16h45 (dub.) - 19h15 (dub., exceto qua.) - 21h45 (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 5 (dub.): 19h30 (qua.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 19h15 - 21h45; CINE SERCLA TAMBIÁ 2 (dub.): 15h30 - 20h45; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 15h30 - 20h45.

JOHN WICK 4: BABA YAGA (John Wick: Chapter 4. EUA. Dir: Chad Stahelski. Ação. 14 anos). Com o preço por sua cabeça cada vez maior, o assassino de aluguel John Wick (Keanu Reeves) leva sua luta contra a Alta Cúpula enquanto procura os jogadores mais poderosos do submundo. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 14h20 - 18h - 21h30; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 18h (exceto seg. e ter.) - 21h30 (exceto seg. e ter.); CINE SERCLA TAMBIÁ 2 (dub.): 17h30; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 17h30.

SUPER MARIO BROS. - O FILME (EUA. Dir: Aaron Horvath e Michael Jelenic. Animação. 10 anos). Mario é um encanador com seu irmão Luigi. Um dia, eles vão parar no reino dos cogumelos, governado pela Princesa Peach, mas ameaçado pelo rei dos Koopas. CENTERPLEX MAG 1 (dub.): 15h - 17h15 - 19h30; CENTERPLEX MAG 2 (dub.): 18h45 - 20h50; CENTERPLEX MAG 3 (dub., 3D): 14h - 16h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 1 (dub.): 13h10 -15h30 - 17h45; CINÉPOLIS MANAÍRA 5 (dub.): 14h45 - 17h15 - 19h30 (exceto qua.); CINÉPOLIS MANAÍRA 7 (dub.): 13h30 - 15h45 - 18h10 - 20h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 9 - MacroXE (dub., 3D): 14h - 16h15 - 18h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 10 - VIP (dub., 3D): 13h - 15h15 - 17h30 - 19h45; CINÉPOLIS MANGABEIRA 1 (dub., 3D): 14h - 16h15 - 18h30 - 20h45; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 13h30 (exceto seg. e ter.) - 15h45 (exceto seg. e ter.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 14h30 - 17h; CINE SERCLA TAMBIÁ 4 (dub.): 17h - 19h - 21h; CINE SERCLA TAMBIÁ 6 (dub.): 14h30 - 16h20 - 18h10 - 20h; CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 14h30 - 16h20 - 18h10 - 20h; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 17h - 19h - 21h.

CINE BANGÜÊ (JP) - ABRIL

ANDANÇA (Brasil. Dir: Pedro Bronz. Documentário. Livre). A vida e obra da sambista Beth Carvalho. CINE BANGÜÊ: 18/4 - 18h30; 27/4 - 20h30; 29/4 - 19h.

BELAS PROMESSAS (Les Promesses. França. Dir: Thomas Kruithof. Drama. 14 anos). Em fim de mandato numa cidade francesa, uma destemida prefeita (Isabelle Huppert) se envolve com os mais desfavorecidos. CINE BANGÜÊ: 18/4 - 20h30.

O COLIBRI (Il colibrì. Itália. Dir: Francesca Archibugi. Drama. 14 anos). Rapaz (Pierfrancesco Favino) tem uma vida de coincidências fatídicas, perdas e amores absolutos. CINE BANGÜÊ: 16/4 - 18h; 19/4 - 20h30; 22/4 - 19h; 23/4 - 18h; 25/4 - 17h30.

MALI TWIST (Twist À Bamako. França e Senegal. Dir: Robert Guédiguian. Drama. 14 anos). Em Mali, 1960, jovens dançam e sonham com a renovação política. CINE BANGÜÊ: 20/4 - 20h30; 24/4 - 18h; 26/4 - 20h.

O MASSACRE DA SERRA ELÉTRICA (The Texas Chainsaw Massacre. EUA. Dir: Tobe Hooper. Terror. 18 anos). Clássico de 1974 restaurado. CINE BANGÜÊ: 15/4 - 19h; 17/4 - 18h; 26/4 - 18h; 30/4 - 16h.

MATO SECO EM CHAMAS (Brasil. Dir: Joana Pimenta e Adirley Queirós. Documentário. 14 anos). A história das Gasolineiras de Kebradas, tal como ecoa pelas paredes da Colméia, a Prisão Feminina de Brasília (DF). CINE BANGÜÊ: 19/4 - 17h30; 30/4 - 18h.

MEDUSA (Brasil. Dir: Anita Rocha da Silveira. Terror. 14 anos). Uma gangue de mulheres fazem o melhor que podem para controlar tudo ao seu redor (até mesmo outras mulheres) para resistir à tentação. CINE BANGÜÊ: 17/4 - 20h; 25/4 - 20h30.

MEMÓRIA SUFOCADA (Brasil. Dir: Gabriel Di Giacomo. Documentário. 14 anos). Coronel Ustra é o único militar condenado como torturador durante a ditadura. O ex-presidente Jair Bolsonaro o exalta como um herói. Mas qual é a verdade?. CINE BANGÜÊ: 16/4 - 16h; 22/4 - 17h; 24/4 - 20h30.

PARA'Í (Brasil. Dir: Vinicius Toro. Drama. Livre). Menina guarani começa a questionar seu lugar no mundo. CINE BANGÜÊ: 20/4 - 18h30; 22/4 - 15h; 29/4 - 15h.

PERLIMPS (Brasil. Dir: Alê Abreu. Animação. Livre). A jornada de agentes secretos de reinos rivais. CINE BANGÜÊ: 23/4 - 16h; 29/4 - 17h.

Serviço

• **Funesc** [3211-6280] • **Mag Shopping** [3246-9200] • **Shopping Tambiá** [3214-4000] • **Shopping Partage** (83)3344.5000 • **Shopping Sul** [3235-5585] • **Shopping Manaíra** (Box) [3246-3188] • **Sesc - Campina Grande** [3337-1942] • **Sesc - João Pessoa** [3208-3158] • **Teatro Lima Penante** [3221-5835] • **Teatro Ednaldo do Egypto** [3247-1449] • **Teatro Severino Cabral** [3341-6538] • **Bar dos Artistas** [3241-4148] **Galeria Archidy Picado** [3211-6224] • **Casa do Cantador** [3337-4646]

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

Memórias de um bancário

Mallarmé dizia que tudo deveria virar livro. Não discordo do poeta. Os assuntos, motivos, temas, experiências, a multifária oferta da realidade humana podem, sim, se converter na magia das páginas, dos capítulos e dos parágrafos.

Confeccionado, o livro garante a perenidade do registro histórico, a relevância de um testemunho subjetivo, a química sutil da palavra estética, dependendo, é óbvio, de suas diretrizes semânticas e de suas implicações circunstanciais. Livro é produto impresso, é bem do mercado editorial, é objeto de consumo e prazer, é dispositivo crítico, ponto de partida para a reflexão e o conhecimento. Livro é vida!

É lendo *Memórias de um bancário*, de Everaldo Dantas da Nóbrega, em sua 2ª edição revista (Ideia, 2022), que me ocorrem estas considerações, advindas, sobretudo, da singularidade do seu conteúdo. Já li livros intitulados *Memórias de um repórter, Memórias de um médico, Memórias de um escritor, Memórias de um soldado, Memórias de uma prostituta, Memórias de um cafajeste, Memórias de um advogado, Memórias de um juiz, Memórias de um poeta* e por aí vai.

Tais memórias, e as de Nóbrega não fogem à regra, apenas recortam aspectos particulares da vida do autor, em geral, atinentes às circunstâncias da sua vida profissional, ou, em outra clave, tonalidades curiosas de certos hábitos, gostos, inclinações e preferências. Não se estendem, portanto, ao complexo maior de uma existência na sua totalidade, se é que é possível cobrir, pelas memórias, autobiografias e biografias, a vida de uma personalidade em toda sua magnitude. Afinal, toda memória, como toda biografia, não tem fim. Sou dos que pensa que tais gêneros, íntimos e heterodoxos, como os diários e as confissões, por exemplo, são naturalmente incompletos, lacunosos, abertos, às vezes até mistificadores e ficcionais na expansão de sua sintaxe subjetiva e parcial. Não raro, passional!

Mesmo assim, vejo elementos importantes, contribuições necessárias, lições aproveitáveis, tanto nas memórias lato senso quanto naquelas que se apegam a uma faceta específica da trajetória humana. Não importa, aqui, por conseguinte, a natureza artística da palavra, a preocupação com a eficácia e a estesia do estilo, enfim, com aquilo que os formalistas russos, no afã de imprimir cientificidade ao estudo da linguagem poética, denominou de "literariedade".

A relevância do conteúdo, os ingredientes informativos, as achegas biográficas, a descrição de hábitos e costumes, a evocação de fatos e pessoas, de ambientes e paisagens, tudo conta positivamente para validar obras que tais como ricos e indispensáveis documentos sociológicos.

O livro desse sertanejo de São Mamede se insere perfeitamente nesta linhagem memorialística. Ao mesmo tempo em que se rastreiam ângulos e diâmetros psicológicos do autor, desde sua primeira juventude até a maturidade, pode-se acompanhar, pari passo, sua pequenina odisseia no mundo profissional.

Se lá, deparamos com os traços de uma personalidade altiva e disciplinada, persistente e idealista, aqui somos envolvidos em situações e episódios que pontuam a sua longa caminhada, dos quais devo destacar, entre outros, o concurso para o Banco do Brasil, aos 16 anos de idade; a nomeação, a posse, as passagens por Pombal, Souza, Cajazeiras, João Pessoa e Brasília, assim como experiências especiais como estagiário, consultor jurídico, substituto e professor.

Tudo isto segue o curso de uma narração linear, cujo protagonista, num lento e gradual movimento de ascensão, contorna obstáculos e supera dificuldades, sempre atento ao compromisso profissional e aos ditames morais da ética do trabalho. Contando sua história, vivenciada nas dependências de uma instituição bancária, o autor faz de sua palavra um espelho objetivo que bem reflete as componentes internas do ambiente institucional.

Horário de expediente, funções administrativas, procedimentos jurídicos, colegas de trabalho, numerários, convites, viagens, lazer e tantas outras solicitações promovem o andamento do texto, descortinando aspectos imprescindíveis à compreensão do universo particular de uma entidade credora como o Banco do Brasil. Segundo o narrador, à época, "a mais importante da América Latina".

Nóbrega escreve de maneira simples, clara, objetiva e atenta a pormenores e detalhes que ilustram o corpo da matéria narrada. Fala dele, de suas ansiedades, emoções e perplexidades intrínsecas ao tecido da experiência vivida, mas também fala dos outros, de lugares, de funções e decisões que o marcaram como homem e como profissional, selando o seu destino de escritor e de advogado.

Ao texto escrito se junta o acervo iconográfico, fotos e reproduções que robustecem a fatura informativa, complementando, assim, a história individual de um homem que nunca abdicou de seus sonhos e do gosto pela palavra. Seja a palavra literária, seja a palavra jurídica.

Colunista colaborador

MEMÓRIA

Marco da história das artes da PB

Raul Córdula é agente atuante e testemunha ocular da cultura paraibana desde o final da década de 1950

Guilherme Cabral
guilhermecabral@epc.pb.gov.br

Sempre inquieto, a partir dos anos 2000, Raul Córdula passou a atuar de forma mais expressiva na curadoria de eventos, no intuito de potencializar discussões contemporâneas, numa demonstração de querer experimento e posicionamento crítico. Naquele mesmo ano, por exemplo, ele assumiu como curador geral do 44º Salão Pernambucano de Artes Plásticas, em Recife, após hiato de 10 anos do evento, criado em 1942. Na ocasião, o paraibano propôs um salão voltado para o público, e não ao artista, com atenção maior às práticas educativas, prática que ficou recorrente nas atividades desenvolvidas por ele.

Outra faceta de Córdula é a de autor de livros. "Escrevi alguns poucos, como *Fragmentos*, relação de textos de apresentação de exposições. Eis que, nos anos de 1980, me liguei à Associação Brasileira de Críticos de Arte; escrevi *Utopia do Olhar*, sobre a arte e os artistas de Olinda, onde fui morar; *Memórias do Olhar*, sobre a década de 1960, na Paraíba, e, recentemente, o livro sobre Ismael Caldas", elencou o artista paraibano.

"Raul é um marco da história das artes plásticas da Paraíba. Se não podemos dizer assim, vamos mais longe, da cultura paraibana. É agente e testemunha ocular de tudo que ocorreu na cultura paraibana a partir do final dos anos 1950, quando, muito jovem, iniciou-se nas artes. Raul é um dos atuantes sobreviventes da Geração 59, que tem enorme influência nas artes plásticas e literatura paraibana, ressoando até hoje como um exemplo de enfrentar desafios para impôr nova mentalidade na cultura e nas artes da Paraíba. Raul, mais do que um artista, é um mestre das artes, um profissional e um memorialista de tudo que vem acontecendo na cultura paraibana, desde aquela época", declarou o artista plástico, professor aposentado da UFPB e membro da Academia Paraibana de Letras, Chico Pereira.

Foto: Laís Domingues/Secult-PE/Fundarpe

Nos anos 2000, Córdula passou a atuar mais na curadoria de eventos, no intuito de potencializar discussões contemporâneas

> **Raul, mais do que um artista, é um mestre das artes, um profisisonal e um memorialista de tudo que vem acontecendo na cultura paraibana**
>
> Chico Pereira

"Tenho o prazer e a honra de trabalhar com Raul, nos últimos 50 anos, desenvolvendo ideias e concretizando sonhos para que a Paraíba viesse se destacar no panorama cultural brasileiro. Um desses sonhos concretizados é o Museu de Arte Assis Chateaubriand, em Campina Grande, e o Núcleo de Arte Contemporânea, em João Pessoa, que contribuiu enormemente para as artes brasileiras. Mais do que um companheiro de viagens, Raul é um amigo-irmão, numa amizade que vem desde os anos 1960. Tudo que eu disser sobre Raul é muito pouco, diante do que ele representa para todos nós, de dignidade e de vida", disse ele.

Intelectual completo

Para Chico Pereira, Raul Córdula é um intelectual completo. "No sentido do que poderia ser um artista que extrapola o seu campo e se dedica à historiografia das artes visuais e registrador de fatos que, graças a ele, não serão esquecidos, a exemplo de quando, juntos, iniciamos a narrativa da história das artes plásticas na Paraíba, com a nossa primeira publicação no livro *Os Anos 60: Revisão das Artes Plásticas da Paraíba*, primeira publicação a esse respeito e que daria início a outras obras produzidas por ele sobre diferentes temas das artes", ressaltou Pereira.

Referindo-se ao aniversário de 80 anos de Raul Córdula que acontecerá amanhã, Chico Pereira acrescentou que "é apenas o início para tudo que ainda vamos fazer sobre a sua trajetória, com a produção de exposição, filmes e publicações que instituições culturais da Paraíba e do país deverão fazer, durante este ano, para celebrar a data".

Córdula também confessou que considera Pereira como um amigo-irmão. "Chico foi quem ocupou o cargo de diretor do Museu de Campina, com a minha saída. Desde então, trabalhamos em parceria em inúmeros projetos na Paraíba. Chico, sim, é que tem um currículo invejável de realizações culturais na Paraíba, além de ser o grande artista que é. Não sei se tenho consciência de nenhuma importância, mas sei que gosto de trabalhar minha pintura e em projetos que envolvam o próximo, principalmente se o próximo seja também artista. Como Chico Pereira, Dyógenes Chaves é também meu amigo-irmão. Ele se dedica aos artistas, além do excelente artista que é. Ele edita serigrafias, é o curador do espaço expositivo da Energisa e faz isso com grande eficiência, dando à cidade um panorama anual da maior importância", afirmou Córdula.

LITERATURA

Na Espanha, Instituto Guimarães Rosa recebe escritor da PB

Da Redação

Na última terça-feira (dia 11), na Espanha, o Instituto Guimarães Rosa (IGR), que integra o Consulado do Brasil em Barcelona, recepcionou o escritor paraibano Hélder Moura para um debate em torno de seu livro *Vereda da Melancolia na Criação Literária - Em Nome de Rosa* (Appris).

Na oportunidade, alunos e professores puderam debater com o escritor paraibano também sobre a vida de Guimarães Rosa, as paisagens do Sertão, a realidade do clima árido que assola o Nordeste do Brasil e a relação dos sertanejos com a seca e a Guerra de Canudos.

De acordo com Andréia Moroni, coordenadora-geral do IGR, o encontro "foi muito proveitoso, e através do escritor Hélder Moura, nossos alunos puderam conhecer mais sobre a vida e a obra de Guimarães Rosa, e estreitar a relação do Instituto com a cultura da literatura brasileira".

A ideia para escrever o livro surgiu a partir das teses de mestrado em literatura e psicanálise a respeito da influência da melancolia no processo de criação literária, a qual defendeu em 2018, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). "Para isso fiz um recorte e usei vários contos do escritor mineiro Guimarães Rosa, como *A Terceira Margem do Rio*, que é o mais famoso, mas também outros contos dele, a exemplo de *Os Cimos* e *Páramo*; e me detenho em trechos do romance clássico *Grande Sertão: Veredas*, no qual o clímax é a morte de Diadorim. Também menciono outros autores da área da psicanálise, como Freud, Lacan, Klein, Willemart e Moacyr Scliar, escritor gaúcho, que trago a memória para o Brasil", detalhou Hélder Moura.

Além de *Veredas da Melancolia*, foram doados os livros *O incrível testamento de Dom Agápito*, *Inventário das Pequenas Coisas*, *Princípio da Diversidade e Outro Anarquismos*, também de Hélder Moura, e *Múltiplos olhares sobre o testamento de Dom Agápito*, prefaciado por ele. "Em breve, as obras estarão disponíveis para empréstimo", informou o IGR.

Intercâmbio

Na oportunidade, Moura fez a doação de uma peça do artesanato paraibano, oferecida pela prefeitura de João Pessoa e o artesão Guaiaguai Tavares, além de documento encaminhado pela UFPB e Academia Paraibana de Letras (APL), propondo o estabelecimento de um intercâmbio internacional entre as instituições. Dentre as proposituras, a realização de um evento em Barcelona, em torno da cultura da seca, a ser construído nos próximos meses.

O Instituto Guimarães Rosa é o principal instrumento de execução da política cultural brasileira na Catalunha e está subordinado ao Consulado-Geral do Brasil em Barcelona e ao Ministério de Relações Exteriores. A criação do IGR objetivou integrar as iniciativas de diplomacia cultural e educacional do Brasil, consolidando um trabalho que vem sendo executado há décadas. Responsável pela divulgação da língua e cultura brasileiras, existem 24 sedes em quatro continentes.

Suas atividades estão relacionadas ao ensino sistemático da língua portuguesa falada no Brasil, à difusão da literatura brasileira, distribuição de material informativo sobre o país e organização de exposições de artes visuais e espetáculos teatrais. Além da coedição e distribuição de textos de autores nacionais, difusão da música erudita e popular, divulgação da cinematografia brasileira, entre outras.

Fotos: Acervo Pessoal

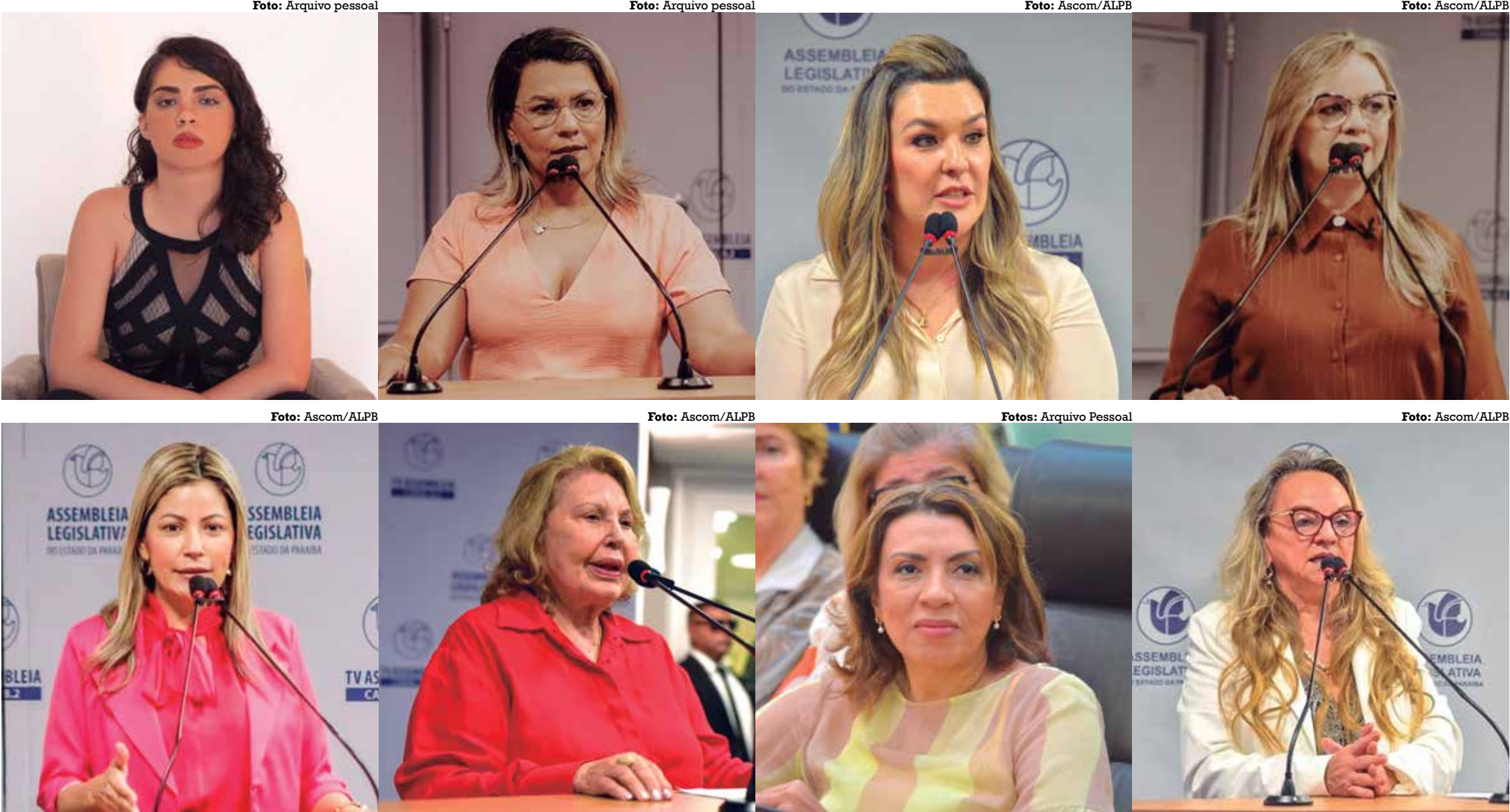
Paraibano Hélder Moura (terceiro, da esq. para dir.) participou de um debate em torno de seu livro 'Vereda da Melancolia na Criação Literária - Em Nome de Rosa'

Além da palestra no IGR, Moura propôs um intercâmbio internacional entre a instituição com a Academia Paraibana de Letras e a Universidade Federal da Paraíba

NA ASSEMBLEIA

Bancada feminina equipara recorde

Casa tem sete representantes entre os 36 parlamentares, o que aumenta a sensibilidade para causas sociais

Foto: Arquivo pessoal
Foto: Arquivo pessoal
Foto: Ascom/ALPB
Foto: Ascom/ALPB
Foto: Ascom/ALPB
Foto: Ascom/ALPB
Fotos: Arquivo Pessoal
Foto: Ascom/ALPB

Em cima (da esq. para a dir.): Beka Moraes, Jane Panta, Camila Toscano e Silvia Benjamin; embaixo (da esq. para a dir.): Danielle do Vale, Chica Mota, Cida Ramos e Doutora Paula

Juliana Teixeira
julianaaraujoteixeira@gmail.com

A bancada feminina aumentou na Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB). Com o ingresso de Silvia Benjamin (Republicanos) nos quadros da Casa, que agora se equipara à maior bancada da história do parlamento, registrada em 1998. São sete representantes entre os 36 parlamentares da Casa Epitácio Pessoa. Mesmo sendo um número momentâneo, vem em um momento em que a luta da mulher para ocupar espaços de poder se faz ainda mais necessária.

No dia 14 de fevereiro foi um exemplo da importância da voz feminina no parlamento. Foi com um discurso forte, que a deputada Doutora Paula (PP) conseguiu mudar a posição dos parlamentares, garantindo a derrubada de veto sobre projeto contra feminicídio.

O Projeto de Lei nº 3.636/2022 de autoria do deputado Adriano Galdino, que "Instituía ações de enfrentamentos ao Feminicídio na Paraíba".

Na ocasião a parlamentar se levantou, foi ao centro do parlamento e fez um apelo aos homens, maioria no parlamento.

"Estamos fazendo apelo e queremos um posicionamento de todos os deputados homens para que votem pela derrubada desse veto. Estamos em um século em que as mulheres devem ser consideradas, respeitadas e terem sua liberdade. Estamos aqui no parlamento para defender os direitos da mulher. Não queremos saber de dinheiro e despesa, queremos saber de vida, pois feminicídio é a morte das mulheres. Será que esses homens da Assembleia Legislativa vão se acovardar diante de um assunto tão grave?", colocou.

Depois do discurso de Doutora Paula, os homens da Casa Legislativa mudaram de posição e votaram pela derrubada do veto. "Essa foi mais uma vitória das mulheres paraibanas", disse a parlamentar que também é a secretária da Secretaria da Mulher na Assembleia Legislativa.

A fala enfática demonstra que apesar de ser pequena, a bancada feminina na ALPB tem conseguido levantar a voz, não só no combate à violência contra a mulher, mas pela busca de direitos na educação, na saúde.

A deputada Cida Ramos (PT), por exemplo, preside a Comissão de Educação e tem se concentrado a percorrer municípios para tratar sobre o pagamento do piso salarial dos professores, que em sua maioria são mulheres em todo o estado.

Ainda com o olhar voltado à bandeira feminina, Cida Ramos apresentou este ano, iniciativas como a que veda a limitação de mulheres em concursos públicos, que institui a política de incentivo e proteção às mulheres que trabalham como motogirl na Paraíba; e a que institui um protocolo para internação de mulheres vítimas de violência.

Para a parlamentar o número de pautas femininas no Legislativo é fruto da presença e da forte atuação da mulher na política. "Somos seis e mantemos uma unidade no sentido de garantir essa discussão constantemente na Assembleia e os deputados têm despertado que esta é uma pauta não específica das mulheres, mas da Assembleia como um poder", enfatizou.

Novata, Silvia Benjamin também chega à casa com a missão de lutar para que outras mulheres conquistem mais espaços de poder. "Esta sou eu, cheia de vontade de trabalhar e lutar para que mais mulheres cheguem a mais espaços de poder e decisão. Uma mulher que sentiu na pele, durante a campanha, o preconceito pelo simples fato de ser mulher. Mas não baixei a cabeça. Ao contrário, encontrei mais forças, mais coragem de lutar por uma mudança", disse Silvia.

A fala de Silvia Benjamin aponta para o preconceito que ainda existe quando o assunto é mulher na política. Para Cida Ramos, a luta por respeito no parlamento é constante. Ela relata que as insinuações são sutis, mas com o objetivo de descredenciar a importância e o espaço da mulher.

"Uma mulher ser respeitada no parlamento é um exercício diário, porque quando um parlamentar homem diz que você não entendeu o projeto, ele quer dizer que a gente não sabe sobre o que está falando. Eu me faço ser respeitada a partir de minhas intervenções da qualificação que eu dou às minhas colocações. Se fazer respeitar é ocupar espaços. Eu busco isso todos os dias aqui', enfatiza.

> **Estou lutando para que a vida de outras de nós um dia seja facilitada, por isso quero buscar, sim, melhorias**
>
> Beka Moraes

E foi para garantir as iniciativas voltadas à mulher, a Assembleia instituiu a Comissão de Direitos da Mulher, presidida pela deputada estadual Danielle do Vale (Republicanos). A parlamentar destaca a importância e a responsabilidade de estar à frente da Comissão.

"Para mim é uma grande satisfação presidir esta comissão tão representativa na Assembleia Legislativa. Poder pautar vários desafios que as mulheres vivem no mundo atual, contribuir com os avanços de direitos e sobretudo participar ativamente do enfrentamento da violência contra a mulher. Hoje a participação da mulher nos espaços de poder é um aprimoramento da democracia e não basta apenas a mulher se eleger, ela tem que ter a oportunidade, realmente, de dar a sua contribuição e é o que estamos fazendo e iremos atuar ainda mais à frente desta comissão", disse Danielle do Vale.

A deputada Jane Panta (PP) vivencia desde o início deste ano uma das lutas mais femininas que se pode travar. A luta contra um câncer de mama. A parlamentar trouxe por meio da própria voz o conclame para que outras mulheres olhem para a sua saúde. E afirmou que a temática estará entre suas bandeiras, como defender, por exemplo, o direito ao acesso rápido ao diagnóstico e tratamento contra o câncer.

"Vou representá-las com muito amor e dedicação. E contribuir, também, para aliviar a carga pesada do estigma que ronda o câncer. Falar é preciso. E minha voz é toda de vocês", escreveu.

Jane também defende a aprovação de um projeto que proíbe de assumir cargos no âmbito da Administração Pública Direta e Indireta, bem como em todos os Poderes do Estado da Paraíba, as pessoas condenadas na Lei do Feminicídio, Lei do Stalking, Lei Carolina Dieckmann, Lei Mariana Ferrer e na Lei dos Crimes contra a Dignidade Sexual, além da Lei Maria da Penha.

"O espírito da lei é que o Poder Público Estadual dê exemplo, ao prever que não contratará agressores, colocando em primeiro lugar a garantia dos direitos das mulheres", argumentou a deputada.

A estudante de direito Beka Moraes acompanha atenta às movimentações no parlamento paraibano. Inspirada por outras mulheres, sonha em um dia estar lá. Ela conta que não se vê completamente representada por boa parte da atual política e por acreditar que consegue fazer algo para melhorar a situação do meu estado, entrou na política. "Estou lutando para que a vida de outras de nós um dia seja facilitada, por isso quero buscar, sim, melhorias na educação, liberdade econômica para o pequeno empreendedor, melhorias na segurança pública, saúde pública. Por fim, menos privilégios a classe política", explica.

De Vani Braga – a primeira deputada estadual eleita, em 1982 – a Silvia Benjamin, a mais nova integrante eleita, pelo menos 25 mulheres, entre titulares e suplentes, já ocuparam uma cadeira no parlamento estadual nesse período.

Quem são as deputadas

Aos 82 anos, a experiente Francisca Mota, inicia o seu sexto mandato de deputada estadual pelo Republicanos. É a única mulher eleita vice-presidente da Casa de Epitácio, em toda história do parlamento paraibano.

Camila Toscano (PSDB) inicia o seu terceiro mandato consecutivo de deputada estadual, marcado por defender bandeiras femininas já teve participações destacadas nas comissões de Constituição e Justiça e Redação e da Comissão dos Direitos da Mulher.

Cida Ramos (PT) é a única mulher remanescente dos partidos de esquerda na "Casa de Epitácio Pessoa", nessa nova legislatura.

Dra. Paula (PP) foi eleita deputada estadual, pela primeira vez, em 2018.

Outra médica que tem assento na Assembleia Legislativa é Jane Panta, do PP, é a mulher mais votada entre as representantes eleitas da Casa na atual legislatura.

Danielle do Vale é primeira mulher eleita deputada do Vale do Mamanguape para a ALPB.

A 'novata' do grupo, é Silvia Benjamin que ocupa pela primeira vez um cargo público eletivo. Representante da cidade de Areial.

Werneckf Barreto

História que começa com o convite do irmão para trabalhar na redação

O passo a passo de uma carreira na imprensa, dos tempos do chumbo quente até a internet, sempre encarando os desafios como mais uma fase na profissão e a obrigação de dar o melhor na produção diária do jornalismo

Luiz Carlos Sousa
lulajp@gmail.com

O jornalista Werneck Barreto não esconde o orgulho de ter começado a trabalhar em **A União.** Diz que nunca tinha passado na calçada de umjornal quando o irmão, Antônio Barreto Neto, perguntou se ele não gostaria de trabalhar no jornal. Foi aí que começou um história de amor, em uma trajetória que passou por vários cargos e o levou a outros voos em plataformas diferentes, como TV e internet. Nessa conversa com o Memórias **A União**, Werneck fala dos amigos que fez, diz que deve tudo **A União** e diz que a única queixa que tem foi a de nunca ter sido diretor-técnico. Conta também como enfrentou os desafios da profissão e comoconseguiu "tirar" de todos com quem trabalhar um pouco do melhor que cada um poderia dar. Revela também que soube a hora certa de parar para se dedicar à família.

A entrevista

■ *Todos que chegaram aqui dizem que **A União** é uma escola. Qual é a sua impressão de **A União**?*

Eu não posso dizer diferente do que disseram. Para mim, **A União** foi escola realmente e eu fui um aluno que tive o privilégio de entrar nessa escola com professores de primeira qualidade.

■ *Grandes mestres?*

Como meu irmão Antônio Barreto Neto. Gonzaga Rodrigues, Martinho Moreira Franco, Biu Ramos, só tinha gente boa. Eu nunca tinha nem entrado no jornal.

■ *Sem noção mesmo?*

Completamente analfabeto em jornal, mas tinha a referência de Barreto, meu irmão e ele sabia que eu sabia escrever bem era bom de português mesmo. Aí chegou um dia desse: "Não quer trabalhar em A União ser jornalista? Eu nunca tinha entrado em jornal, não passei nem na frente, mas vamos lá. Ele disse tá certo e eu fui. Quando ele me apresentou o pessoal, Gonzaga, só que não conhecia ninguém. Eu sabia tinha a referência dele, mas não conhecia pessoalmente. Fui apresentado a Martinho, que era o chefe reportagem. Ele disse: "jornalista quer trabalhar em jornal? Sua primeira matéria vai ser no 15º RI".

■ *Isso foi mais ou menos quando Werneck?*

É difícil dizer porque veja bem eu entrei na União em 1971. Era a Secretaria de Divulgação e Turismo que contratava para União foi nesses 70 e pouco. E aí Martinho, disse: "Você vai no 15º RI tá havendo uma solenidade, você vai pega tudo que eles disseram. Anota aí depois bota no papel. É bom em datilografia?" Quebro meu galho, respondi. Fui no 15, ninguém podia abrir a boca que eu anotava. Quando cheguei ele perguntou: "Pegou tudo?" Está tudo o que disseram. "Senta aí, bota o que visse". Tá certo. Escrevi três laudas. "Amanhã veja como vai sair tua matéria. Quando chega amanhã peguei o jornal, cadê a matéria uma matéria? Uma notinha de cinco linhas. Eu tinha escrito três laudas.

■ *Noventa linhas?*

Fiquei desenganado. Quando cheguei em casa disse: Toinho, não vou mais não. Eu escrevi três laudas só saíram cinco linhas. Ele disse: "É assim mesmo. É porque você ainda vai pegar as coisas e tal". Cheguei no outro dia e disse Martinho, rapaz. "É assim mesmo, você faz o seguinte. Para você se dá bem faz sua matéria e no outro dia vê o que saiu". Nessa época, ainda havia.

■ ***A União** era onde hoje é Assembleia?*

Entrei nessa época mesmo, aquela cúpula. Era um prédio lindo. A redação era em cima e embaixo era oficina, com os linotipistas, os caras lindando nas linotipos, aquelas máquinas com chumbo, tudo sem . Entrei nessa época.

■ *E você como foi pegando o jeito?*

Eu escrevia e olhava outro dia um pouco , ia aprimorando e terminei aprendendo a fazer.

■ *É tanto, não sei se você se lembra, quando eu entrei no jornalismo mais ou menos 10 anos, depois, você era o redator que copidescava o meu material?*

Nessa época eu era copidesque, mas comecei como um repórter. De repórter eu passei a copidesque de polícia. O repórter policial era como era o nome dele um baixinho?

■ *Zé de Sousa?*

Isso: Zé de Sousa. **A União** nunca foi feita, não sei agora, mas a matéria policial não era muito a pauta. Me botaram para ser o redator e responsável pela página de polícia. Só que qualquer coisa que dava errado botavam um comercial ou tapa-buraco na página de polícia que era menos importante, né? Às vezes vinha comercial. Aí Zé de Sousa perguntava: "Cadê minha matéria?" Rapaz, deu problema. "Mas só dá problema na minha página", ele reclamava.

■ *Desse tempo ficou alguma amizade alguma referência que você guarda até hoje?*

Eu lhe digo que todas as pessoas com quem eu trabalhei são referência para mim. Eu tive essa sorte. Gonzaga Rodrigues, Martinho Moreira Franco, Frutuoso Chaves, Agnaldo Almeida, o irmão dele Arlindo, Alarico Correia Neto. Eu saí d'A União pronto. Eu fui convidado para ser secretário de Redação por Petrônio Souto. Ele chegou uma noite e disse: "Tenho uma proposta para você, mas você não tem muito tempo para responder: você quer ser secretário de Redação? Eu quero. Eu gostava de desafio

Werneck disse que teve um susto quando viu as três laudas que produziu reduzidas a cinco linhas

Fotos: Roberto Guedes

Werneck Barreto diz que foi um aluno que teve o privilégio de aprender jornalisno na velha escola que A União representa

sempre gostei de desafio.

■ E sempre gostou muito da relação?

Lembro quando eu peguei eu peguei o jeito fui embora. O pessoal botava uns negócios, fazia isso fazia aquilo ia para os cantos ser fotografado. Eu queria me esconder.

■ *Era cozinha de jornal mesmo?*

Você se lembra quando fomos chamados para a TV Cabo Branco - nós somos os fundadores da TV - meu negócio era por trás das câmeras. O pessoal, aparecia fazia brincadeira, eu ficava escondido, meu negócio era o pesado. Sempre foi.

■ *E também o seguinte como você veio do jornal impresso era para escrever mesmo?*

E tinha facilidade de escrever. Graças a Deus eu tenho facilidade. Sabia, não. Sabe, porque depois que aprende é como andar de bicicleta? Não

Não cai mais não.

■ *Você se lembra de algum episódio que foi importante para você em A União?*

A gente vivia na ditadura e o editor era Marconi Cabral. Ele Teve a informação de que o presidente ia ser Orlando. E o indicado tinha sido Ernesto informação. Eram irmãos: Geisel. Primeira página. Isso foi um negócio que ficou na minha cabeça. Foi trágico.

■ *Hoje chamamos de barriga?*

> **O novo**
>
> **A maior mudança, foi quando eu saiu do jornal impresso para o jornal A frio. Do quente para o offset. Isso foi um salto extraordinário**

E uma barriga é nacional, né?

Pense num barrigão. Maior do que as nossas de hoje. Ele apressou-se em ser o primeiro a dar a informação.

■ *Caiu nessa que é uma motivação do jornalismo, de dar o furo. Ser primeiro a revelar?*

O jornalista vive de querer furar com a informação, vamos dizer assim: não é furar a informação é furar a concorrência dando primeiro.

■ *Você lembra dessa história. Na época era o quê? Já era redator?*

Era redator de cidade. Eu passei de Policial para cidade.

■ *A turma da geral?*

É da turma da geral e sabe como é que como eu passei a redator de cidade? O chefe de reportagem era Carlos Aranha. Um dia eu estava fazendo uma matéria de polícia. Ele chegou e disse: "A União está precisando da ajuda dos redatores". Como assim? Ele continuou: "Você vai voltar a ser repórter. Em algum momento. O quadro é pequeno de repórter e a gente queria que você fizesse uma matéria pelo menos. Cada um vai fazer. Fui fazer uma matéria e por acaso era uma matéria policial, caso trágico aquele negócio de momento. Comecei contando uma história, fiz a coisa toda diferente, em vez de você chegar com o lead.

■ *Aquela "paulada" de informação?*

Fiz diferente. Quando Aranha leu, eu fiquei assim... Não me dei bem, ele não gostou. "Werneck, a matéria está arretada rapaz, não queres passar a ser redator de geral não? E passei a redator de geral e Petrônio me chamou para ser secretário de Redação. O secretário de Comunicação era Gonzaga Rodrigues e Paulo Santos o coordenador da Secom e parece que ele andou dando uma arengada com Gonzaga. Foram consultar Agnaldo, Martinho sobre quem chamar. E aí: Werneck. Eu ia assumir a editoria de A União, parece que se não me engano ainda fui editor por um mês e aí fui chamado para lavar a comunicação e aí fui chamado para a comunicação, para ser chefe de redação.

■ *Você foi para secretaria de Divulgação e Turismo e depois você foi para Cabo Branco. Quer dizer deu uma mudada?*

> ■ Segundo Werneck Barreto, todas as pessoas com quem ele trabalhou são referências permanentes em sua história

Antes da Cabo Branco, eu entrei na universidade. Quando eu fui para Cabo Branco, eu já era da Universidade também trabalhava lá com o pessoal na assessoria de comunicação com Rubens Nobrega.

■ *Que também tinha sido seu colega aqui n'A União?*

Na União e no Correio. Teve uma época que foi editor do Correio e me chamou: "Eu tenho um convite para você". Qual é? Ser redator de primeira página, você só vai escrever para a primeira". Eu fui redator da primeira página do Correio por um bom tempo. Todas as chamadas da primeira página eram feitas por mim.

■ *Mas sempre em A União?*

Eu entrei três vezes em A União, mas eu tive que deixar quando entrei na universidade, aquela história que você não podia ter dois empregos públicos e eu tinha acabado de entrar na universidade. Eu era datilógrafo . Depois é que eu fui para Assessoria, mas eu entrei datilógrafo, na Pedagogia. Tive que fazer opção porque tinha dois empregos. Eu ganhava na universidade menos do que na União. Mas me deu aquele estalo aquele dia de qualquer forma é um emprego Federal. Porque isso é um ciclo da vida, né? Uma hora tá bem? Outra hora tá ruim tá? Optei pela Universidade e foi a melhor coisa que eu fiz, porque a Universidade me deu inclusive em campo para me profissionalizar, porque eu não tenho curso de Comunicação.

■ *Jornalista de batente, aprendeu fazendo?*

Fazendo na marra na marra. Quando chegou o curso de Comunicação, fui até chato: confesso a você posso ter parecido para algumas pessoas que eu era aquele camarada pedante, vamos dizer assim, por que que eu cheguei lá no curso e tinha um professor lá que sabia muito menos do que eu. Eu vou fazer um curso que eu sei mais do que os professores? Tive chance de fazer o curso e não fiz. Depois fui enquadrado como jornalista porque a lei me dava esse direito. Foi até o Wellington Faria que chegou para mim descobriu essa lei quando eu fui enquadrado lá na Universidade. Mesmo não tendo curso superior eu fui enquadrado. Eu sou um camarada de sorte. Deus sempre me ajudou e continua me ajudando.

■ *Com foi a ida para a Cabo Branco?*

Eu não sei nem quem indicou meu nome, lhe digo sinceramente quem, mas ali só tinha amigo, né velho, mas aí digo a mesma coisa: eu nunca tinha passado quando a gente nunca tinha passado na frente de um jornal e nunca tinha passado nem na calçada de uma TV.

■ *Até porque aqui nem tinha TV local?*

Pois eu fui convidado logo para ser editor. Eu, você e Sílvio Osias éramos os três editores dos telejornais, na época: Bom dia, JPB primeira edição. E o JPB segunda edição. E quem a gente encontra lá? Erialdo Pereira, um cara do texto enxuto. Eu cheguei com a mania de jornal de muita escrita, quanto mais letra quanto mais informação melhor. Na TV você tem que dar muita informação com pouco texto. EU vou aprender isso também, vou chegar lá e me dei muito bem também. Sempre procurei fazer o que me era oferecido o melhor que eu pudesse e foi me dando bem entrei na área de comercial. Meu prisma sempre foi esse. A coisa que eu fiz menos foi rádio, mas mesmo assim ainda fiz um programa de rádio na Tabajara.

■ *E a internet?*

Rubens Nóbrega quem me abril as portas. Chegou e disse: "Werneck, tenho um convite para te fazer". O que é? "Para trabalhar no Portal Correio". Eu sei lá o que danado é portal, mas vamos lá...Fui lá ver, dá certo, dá pra mim. Tudo que você imaginar de jornalismo, acho que eu fiz.

■ *Aproveitando aí que você, digamos foi um especialista genérico, o que você destaca desse jornalismo de quando você entrou e chegou até a internet?*

Veja bem a maior novidade, a maior mudança, foi quando eu saiu do jornal impresso para o jornal A frio. Do quente para o offset. Isso foi um salto extraordinário. O que é o que veio depois veio na sequência

■ *Mas esse salto foi mais do ponto de vista de maquinário e o fazer do ponto de vista do jornalismo?*

Outra coisa foi o campo que se abriu para o jornalismo. Você era limitado. Praticamente todo mundo era jornalista de impresso. Quando entrou o offset e depois veio a internet o campo abriu pro jornalista de uma forma que hoje existe muita coisa, portal, podcast - não sei nem pra onde vai esse negócio. Com sinceridade, depois que eu saía não me liguei mais

■ *Você nunca abriu mão do seu bem-estar?*

Quando me sentia pressionado, quando o trabalho interferia dentro de casa, eu via que chegara a hora de sair porque eu sempre criei meus filhos brincando com eles. Eu tinha eu podia ter quatro três quatro cinco empregos, mas tinha um tempinho para brincar meia hora com a minha filha com meu. Quando eu trabalhava aqui com Agnaldo Almeida, ele só fechava o jornal depois de meia-noite, uma hora da manhã aí a Kombi ia deixar a gente em casa. Era aquela festa, todo mundo nessa zorra.

■ *Alguma lembrança a acrescentar nessa nossa conversa?*

Você é um privilegiado porque são poucas às vezes que alguém pode dizer que eu participei de entrevista, eu sendo entrevistado, porque eu sempre fiquei mais do lado de trás das câmeras, na base.

■ *Vamos dizer que não foi ao amigo que você deu a entrevista. Foi para **A União**, nossa escola?*

A União tudo a união foi tudo para mim. Foi o começo da minha vida. Eu só tenho uma coisa, uma tristeza, que acho que eu vou levar para mim. Não, não vou levar não, porque A União foi tão boa para mim, mas eu queria o seguinte: sempre imaginei um dia chegar a ser diretor da União. O meu irmão foi diretor de jornalismo daqui. Eu queria chegar aí até isso, queria ser diretor de jornalismo de A União. Nunca consegui porque eu também nunca fui atrás de política. É a única coisa que eu lamento em A União é não ter sido diretor dela, mas o resto eu fui tudo na União. Foi minha mentora, minha professora. Foi tudo. Pelos colegas com quem eu trabalhei, pelas sempre tirei o melhor que eu pude de cada um deles em qualquer área não só em A União, como em todos em todos os setores, em todos os lugares onde trabalhei, eu sempre colhi um tiquinho de cada o outro melhor deles.

Werneck conta que entrou em A União, ainda no antigo prédio, onde hoje funciona a Assembleia Legislativa, construída no Governo Ernani Sátyro. Lá aprendeu a redigir e a superar os desafios da escrita para jornal

EDIÇÃO: Luiz Carlos Sousa
EDITORAÇÃO: Andrey Câmara

Aos • domingos • com Messina Palmeira

Editoração: Ulisses Demétrio

Sandra Ramalho, Epitácio Pessoa Pereira Diniz, Ednamay Cirilo Leite, Humberto Arruda, Lolita Ribeiro Coutinho, Ildenir Palitot, Ana Lustosa e Naldo Barbosa são os aniversariantes da semana.

A ExpoTurismo Paraíba, o maior evento de turismo realizado em nosso Estado, será realizado no Centro de Convenções de João Pessoa, entre os dias 25 e 27 de maio. Na ação, uma parceria entre Sebrae, Governo do Estado, João Pessoa Convention Bureau, Fecomércio e Sesc Senac, serão mostradas as potencialidades e belezas de nossos municípios, acontecerão palestras e rodadas de negócios, além de exposição e vendas de produtos regionais. Na liderança do evento, está a gestora de turismo do Sebrae, a técnica Regina Medeiros (foto).

A Associação de Produtores de Cachaça de Areia (APCA) realiza, no município que é berço do grande pintor Pedro Américo, a II edição do Areia Mostra Cachaça, no Campus da UFPB, de 28 a 30 de abril. Thiago Henrique Baracho (foto), presidente da APCA, está bastante otimista com esta edição, que já promete reunir, além de produtores locais, empresas do destilado de outras egiões do Brasil.

Uma parceria entre a prefeitura de João Pessoa e os empresários do Condomínio das Américas, que está sendo construído no Altiplano um projeto de um parque ecológico, assinado pelo arquiteto e urbanista Paulo Macedo, vai abrilhantar e ambientar os arredores da Estação Ciência, Farol do Cabo Branco e Estação Ciências, no caminho do Centro de Convenções de João Pessoa. O Condomínio das Américas, empreendimento liderado pelos sócios Domiciano Cabral, Bill Domiciano, Suênia Cabral (foto) e Alessandra Domiciano, insere, na capital paraibana, espaços sofisticados e de alto nível.

Evelyn Cesar, na foto, com a empresária Venícia Cunha, festejou seu aniversário no badalado restaurante All Garden. No evento, a aniversariante contou com o carinho de familiares e de grandes amigas.

O casal de médicos Anderson Máximo e Raissa Ramos promoveu badalado evento em torno do aniversário da querida filha, Helena (foto). A festa, na casa de festas Popotamus, foi um verdadeiro encanto. As tias-avós da pequena, Marcelia e Maricélia Leal prestigiaram o evento.

A Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB) instalou, no dia 13, a Frente Parlamentar do Empreendedorismo, Turismo e Inovação, iniciativa proposta pelo deputado estadual Eduardo Carneiro (Solidariedade). O evento, que aconteceu no Sesc Cabo Branco, em João Pessoa, contou com a presença de deputados e representantes de entidades ligadas ao segmento turístico a exemplo do Sebrae, Fecomércio, FIEP, Associação Comercial, ABIH e Programa do Artesanato Paraibano. Na ocasião, registrei o deputado Eduardo Carneiro entre os secretários de estado Delano Tavares e Rosália Lucas.

Além da mudança para climas mais amenos em algumas regiões do Brasil, o Outono é marcado pela mudança nas tendências de moda, cores e hábitos, que se adaptam para receber o novo clima. Para César Veiga, perfumista do Boticário, o ideal é apostar em fragrâncias que tenham notas quentes, que trazem conforto no frio, como Eau de Parfum Lily Lumière, da marca Lily.

O Intermares Hall, em João Pessoa, no dia 6 de maio, vai abrigar o TEDx, evento internacional que objetiva compartilhar ideias, histórias e experiências. Famosos, a exemplo do Papa Francisco, o bilionário Bill Gates, a atriz Taís Araújo e o empresário Abílio Diniz, entre outros, já foram palestrantes neste evento que, em nossa capital é liderado por Geórgia Lima.

Na festa de meu aniversário, que vou realizar na próxima quarta-feira (19), vou entregar o Troféu Maria da Penha a mulheres que se destacam em ações e realizações que protegem e/ou beneficiam a classe feminina. Do evento participarão parceiros de valor, a exemplo do Mundo da Tintas, Centro Universitário de Patos, Arquivo Afonso Pereira, Aquário Paraíba, André Luiz Florista, Osmar Santos, Uígna Cabeleireira, Conserpa&enger, Murion Semijoias, Cachaça Triunfo, O Mundo das Tintas e Lino's Panificadora.

O empresário e produtor cultural Isaac Batista, sócio proprietário da agência Mais Brasil Turismo e correalizador do Arraiá de Cumpade, e a jornalista Carol Marques (foto), diretora da Campanello, escolheram a charmosa Toscana, na Itália, para realizar seu elopement wedding. Após a cerimônia religiosa, realizada no Borgo San Felice, um vilarejo medieval que se tornou um hotel e faz parte da rede Relais & Château, os noivos tiveram um jantar especial no restaurante Il Poggio Rossi, estrelado pela Michelin.

A incorporadora Moura Dubeux está preparando a entrada em João Pessoa, no próximo dia 18 de abril, com um almoço para a imprensa no restaurante Ville de Plantes. Atualmente, ela é a maior construtora e incorporadora do Nordeste, onde já está presente em sete estados – Rio Grande do Norte, Ceará, Paraíba, Pernambuco , Alagoas, Sergipe e Bahia. Já existe há quase 40 anos, tem sede em Pernambuco e possui diversas premiações que atestam excelência, qualidade de atendimento, padrão e resultado.

Selic	Salário mínimo	Dólar $ Comercial	Euro € Comercial	Libra £ Esterlina	Inflação	Ibovespa
Fixado em 22 de março de 2023 13,75%	R$ 1.320	-0,22% R$ 4,915	-0,70% R$ 5,405	-1,19% R$ 6,103	IPCA do IBGE (em %) Março/2023 +0,71 Fevereiro/2023 +0,84 Janeiro/2023 +0,53 Dezembro/2022 +0,62 Novembro/2022 +0,41	106.279 pts -0,17%

COMPRAS ESTRANGEIRAS

Rigor em fiscalização deve beneficiar comércio local

Setor avalia que medida ajuda no desempenho das micro e pequenas empresas

Thadeu Rodrigues
thadeu.rodriguez@gmail.com

O reforço da fiscalização da Receita Federal sobre entrada de mercadorias estrangeiras no valor de até 50 dólares (aproximadamente R$ 250) deve beneficiar empresas brasileiras que perdem na concorrência dos preços - sobretudo as do setor vestuário - para empresas como Shopee, Shein e AliExpress. Com a aplicação da tributação vigente, o preço da mercadoria do exterior pode aumentar em pelo menos 60%, o que deve reduzir as compras pelo comércio eletrônico internacional e incentivar a potencialidade de negócios para o mercado local.

Em nota, o Ministério da Fazenda esclareceu que nunca houve isenção de 50 dólares para compras *on-line* do exterior. O que vai mudar, a partir de uma medida provisória a ser editada, é o reforço da fiscalização de mercadorias que chegam ao país.

A medida provisória também deve finalizar a isenção tributária sobre o envio de mercadorias de até 50 dólares entre pessoas físicas. No envio do produto ao Brasil, o exportador vai ter que prestar declaração antecipada com seus dados, os do importador e do produto. O Ministério da Fazenda informou, ainda, que, se as empresas usam o benefício para fracionar compras, fazendo-se passar por pessoas físicas, estão agindo ilegalmente. "Com as alterações anunciadas, não haverá qualquer mudança para quem, atualmente, compra e vende legalmente pela *internet*", afirmou a nota.

A MP vai proteger o varejo e a indústria têxtil nacional, já que os itens custarão mais caro para os clientes das varejistas chinesas. O presidente da Câmara de Dirigentes Lojistas de João Pessoa (CDL-JP), Nivaldo Vilar, afirma que as ações do Ministério da Fazenda vão beneficiar as micro e pequenas empresas e garantir o emprego dos funcionários.

"A fiscalização para incidência da tributação de 60% torna a concorrência mais equilibrada. No Brasil, o empresário arca com uma carga tributária muito alta. São impostos federais, estaduais e municipais. A Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas já havia pedido ao Governo Federal a adoção de medidas que protegesse o comércio nacional, e estamos satisfeitos que seremos contemplados", comentou Nivaldo Vilar.

Ele ressaltou que o setor ainda sofre com os efeitos da pandemia de Covid-19 e afirmou que o comércio eletrônico com compras de outros países afeta ainda mais a atividade. Inclusive, no final do ano passado, houve menos contratações do que o esperado, em uma época que é a principal para o comércio.

Foto: Diego Baravelli/Minfra

MP também deve acabar com a isenção tributária sobre o envio de mercadorias de até 50 dólares entre pessoas físicas

Consumidor reclama da carga tributária

Os preços médios das roupas no Brasil acumulam alta de 14,18%, conforme o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), divulgado nesta semana pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O custo das peças de vestuário é o que desperta o interesse dos consumidores em itens estrangeiros mais baratos.

A enfermeira Kalenya Melo começou a fazer compras *on-line* em *sites* estrangeiros há alguns anos, comprando de roupas até eletroportáteis. "Sempre gostei e optei pela praticidade do modelo de compras. Como consumidora, costumo fazer pesquisa de mercado. Porém, notei que houve um *boom* nos últimos dois anos no acesso aos *sites* estrangeiros, acarretando no aumento dos valores e a demora no prazo da entrega".

Ela contou que, mesmo assim, ainda continuou comprando, devido à praticidade e diversidade dos produtos. Agora, com a cobrança da tributação pela Receita Federal, talvez o volume de compras diminua, mas ela afirma que continuará consumindo mercadorias por meio das plataformas *on-line* estrangeiras.

O estudante Mateus Ferreira faz compras em sites de comércio eletrônico de outros países há 10 anos e foi tributado apenas duas vezes. "Na primeira vez, comprei mais de R$ 100 dólares, o que, na época, não chegava a 300 reais. Tive de pagar os impostos devidos. Depois fiquei achando que não havia tributação para compras de até 50 dólares. Acho que a empresa, australiana, sempre declarou as informações, mas só fui tributado no final do ano passado".

Em novembro, ele comprou mercadorias no valor em torno de 50 dólares, que, convertidas, custaram R$ 244. Mas teve de pagar R$ 146,78 pelo imposto de importação, cuja alíquota é de 60% sobre o preço da mercadoria. "No mesmo mês, fiz outra compra, no valor de R$ 300, em outra loja, e não houve cobrança alguma. A partir de agora vou avaliar bem antes de comprar, mesmo que seja em promoções. A carga tributária é muito alta".

Meta de arrecadação

As ações do Ministério da Fazenda compõem o pacote de medidas do ministro Fernando Haddad para ampliar a arrecadação em valores de R$ 110 bilhões a R$ 150 bilhões e viabilizar as metas de resultado das contas públicas previstas no novo arcabouço fiscal. Apenas com a taxação ao comércio eletrônico, o Governo Federal pretende arrecadar de R$ 7 bilhões a R$ 8 bilhões ao ano.

Outras duas medidas são a taxação de apostas eletrônicas (de R$ 12 bilhões a R$ 15 bilhões por ano) e a proibição de que empresas com incentivos fiscais concedidos por estados, via ICMS, possam abater esse crédito da base de cálculo de impostos federais (R$ 85 bilhões a R$ 90 bilhões).

Atualmente, as importações por pessoas físicas não podem ultrapassar os três mil dólares por transação e a cobrança de tributos e taxas está dividida por faixas. Para compras de até 500 dólares, há incidência de imposto de 60% sobre o valor da compra. Acima deste patamar e até o teto dos três mil dólares, há cobrança adicional do Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) dos estados e uma taxa de despacho aduaneiro de R$ 150.

Com relação às compras internacionais de valores acima de três mil dólares, a Receita Federal considera uma operação de pessoa jurídica. Desta forma, a regra estabelece a cobrança do Imposto de Importação mais outros encargos, como Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), Programa de Integração Social (PIS) e Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins).

Economia em Desenvolvimento

Amadeu Fonseca
amadeujrsilva@gmail.com | Colaborador

Os desafios de empreender em meio ao baixo crescimento econômico

Gerir um negócio em tempos de baixo crescimento econômico pode ser um desafio, especialmente no que diz respeito às finanças. As empresas enfrentam a necessidade de equilibrar as despesas com as receitas, manter o fluxo de caixa positivo e encontrar maneiras de crescer em um ambiente de mercado desafiador. Neste artigo, fornecerei algumas orientações para ajudar empreendedores a gerenciar seus negócios em tempos de baixo crescimento econômico, com foco nas finanças.

Primeiro, precisamos entender que a economia é cíclica. Os ciclos econômicos são flutuações na atividade econômica caracterizadas por períodos de crescimento seguidos por desaceleração. As causas são complexas e incluem mudanças na política monetária, choques de oferta e demanda e flutuações no mercado de trabalho. As fases de crescimento geram empregos e renda, enquanto as fases de baixo crescimento podem levar ao desemprego e redução da renda.

Antes de tomar qualquer decisão financeira, é importante entender em detalhes as finanças da empresa. Analise seus registros financeiros para ter uma compreensão clara de suas despesas e receitas. Em seguida, identifique áreas onde é possível cortar custos sem prejudicar o desempenho do negócio. Ao mesmo tempo, procure maneiras de aumentar as receitas, como a diversificação dos produtos ou serviços, a ampliação do mercado-alvo ou a inovação em seus processos.

Gerenciar o fluxo de caixa é vital para a saúde financeira de qualquer empresa, especialmente em tempos de baixo crescimento econômico. Certifique-se de que suas contas a receber sejam pagas em dia e de que você pague suas contas no prazo. Gerencie suas despesas de capital com cuidado, evitando investimentos desnecessários que possam prejudicar seu fluxo de caixa. Considere também a possibilidade de negociar prazos de pagamento mais longos com fornecedores, a fim de aliviar a pressão de caixa da empresa.

Em um ambiente de baixo crescimento econômico, muitas empresas são forçadas a baixar seus preços para permanecerem competitivas. No entanto, isso pode prejudicar as margens de lucro e afetar negativamente o desempenho financeiro da empresa. Em vez de baixar os preços, considere ajustar sua estratégia de preços, oferecendo pacotes de produtos ou serviços com preços diferenciados, por exemplo.

Em tempos de recessão econômica, pode ser mais difícil conseguir financiamento tradicional para expandir seu negócio ou enfrentar desafios financeiros. Considere outras fontes de financiamento, como crowdfunding, empréstimos peer-to-peer ou investidores anjos.

Investir em treinamento e desenvolvimento de pessoal pode ajudar a melhorar a produtividade e eficiência da empresa, enquanto melhora a satisfação dos funcionários. Além disso, funcionários bem treinados podem ajudar a identificar oportunidades de melhoria e inovação na empresa, aumentando assim as chances de sucesso financeiro.

Embora os ciclos econômicos sejam inevitáveis, eles podem ter efeitos significativos sobre a economia e a sociedade. Geralmente envolvem mudanças no nível de produção, emprego, preços e renda. É importante entender os ciclos econômicos para tomar medidas que reduzam seus efeitos negativos, aproveitando ao máximo as oportunidades apresentadas pelas fases de crescimento econômico.

GULLIVER

Literatura e mar inspiram história

Inovador desde sua concepção, o restaurante, que já foi pub, é cenário para encontros políticos na Paraíba

Thadeu Rodrigues
thadeu.rodriguez@gmail.com

Foto: Arquivo do Gulliver

Em décadas de transformações, o estabelecimento conquistou uma clientela fiel em João Pessoa

> **Cada restaurante tem um público. Aqui, o perfil é de empresários e políticos. Os bons negócios acontecem em mesa de restaurante**
>
> Saulo Barreto

Após naufragar na lendária Ilha de Liliput, o gigante Gulliver conquista os habitantes locais ao tornar-se um favorito da corte. Há quase 40 anos, a utilização do nome do personagem do escritor inglês, Jonathan Swift, para criar o *pub* Gulliver representou uma inovação em João Pessoa, na época, uma cidade com poucas opções de lazer. Em quatro décadas, outros estabelecimentos e marcas foram criados em paralelo ao universo de Gulliver, que, ao se tornar um restaurante, ficou conhecido como ponto de encontro para autoridades da Paraíba.

O empresário Saulo Barreto morou cinco anos na Inglaterra, na década de 1970, onde cursou mestrado. Ele sempre foi um admirador da cultura britânica e quis adotar o estilo de vida daquele país com a criação de um *pub*, em João Pessoa. "O nome Gulliver sugere o tamanho da inovação de montar um *pub* em uma cidade que ainda era pequena, no que se refere a entretenimento. Em meados de 1983, lançamos o empreendimento, modificando os costumes locais. A casa tinha hora de abrir e de fechar, pontualmente, assim como na tradição britânica. Os serviços e a decoração também tinham essa inspiração", comenta.

O *pub* foi instalado na Avenida Olinda, 590, em Tambaú. Na década de 1980, a situação do bairro era bem diferente. A rua não era calçada e a casa era de taipa. Saulo Barreto relembra que o negócio foi desacreditado por um amigo especialista em turismo, mas o lançamento foi um sucesso.

Ele destaca que o *pub* começou a ditar novas tendências: as mulheres começaram a sair sozinhas, sem a presença de um homem para protegê-las porque no Gulliver elas sem sentiam em casa, segundo o empresário. Outra mudança foi que o *pub* começou a servir vinhos de vinícolas famosas, inclusive em taças. Saulo Barreto conta que, normalmente, as pessoas só consumiam vinho na Páscoa e no final de ano. De modo geral, os estabelecimentos só serviam garrafas inteiras e de marcas populares.

Entre os itens do cardápio do *pub* Gulliver estava a tábua de queijos, que também era novidade. Mas o que animava as noites da capital era o karaokê. "Um amigo que tinha chegado da Europa comentou que o karaokê era moda por lá e nós introduzimos no Gulliver. Começamos no ano de 1986. Às quintas-feiras, uma banda ao vivo tocava as músicas que as pessoas queriam cantar. Gerardo Rabello era quem apresentava e eu abria os trabalhos cantando. Era uma loucura. Um sucesso total", relembra o empresário.

Cardápio selecionado e atendimento personalizado

Em 1977, Saulo Barreto abriu um bar chamado The Croft, baseado em sua vivência na Europa. A casa onde funcionou o bar tinha um porão de 50 centímetros de profundidade, mas ele mandou cavar três metros, para que ficasse no estilo europeu, funcionando no subsolo. Para completar a ambientação, ele trouxe dois garçons da Inglaterra. O negócio não prosperou. O empresário retornou à Europa em 1979 e, quando voltou à Paraíba, estava com vontade de tentar de novo.

Em 1990, já cansado de trabalhar à noite, Saulo passou o *pub* para seu irmão, Paulo Barreto, que decidiu transformar o empreendimento em um restaurante. Atualmente, o local é administrado por Rafael e Maria Luisa Barreto, filhos de Paulo. Conforme Rafael, que atua como diretor-executivo, o pai e um cozinheiro do restaurante, Antônio, que já está aposentado, montaram todo o cardápio.

"Meu pai não tinha formação na área, mas arriscou e criou todo o cardápio a partir do gosto dele. A base dos cardápios sempre foram os frutos do mar. E foi assim que conseguimos consolidar nossa marca. Mas o serviço inclui também o atendimento. O estabelecimento é a cara do dono. Meu pai e meu tio sempre estiveram presentes e os clientes sabem que vão encontrá-los aqui. A partir daí cria-se um vínculo e relação de intimidade com os clientes, que se sentem acolhidos", afirma Rafael Barreto.

O diretor ainda destaca o trabalho dos garçons, que são antigos e chamam os clientes pelo nome, sabem o tipo de vinho normalmente escolhido por eles, bem como o ponto da carne ou do camarão. "As pessoas do segmento nos tratam como referência e ficamos felizes em escutar isso de quem frequenta e de quem trabalha na área".

Para manter a reputação, a empresa passou por algumas renovações. Conforme Rafael Barreto, a primeira mudança ocorreu ao final da década de 1990. A última ocorreu em 2020. Saulo Barreto explica que toda casa que se preza precisa se adaptar ao mercado. Depois da pandemia de Covid-19, por exemplo, a empresa deixou de usar toalha de mesa e guardanapo de pano. O cardápio físico foi substituído pelo digital, por QR code.

"Meu pai usava tomate-cereja na composição de pratos. Ele pegava o carro e ia ao interior de Pernambuco para comprar os itens, com o objetivo de inovar. Ele tinha visto isto lá fora e implantou. Alguns empresários copiaram. Teve até quem contratou garçom nosso para copiar toda a dinâmica do restaurante. Faz parte da atividade", comenta Rafael Barreto.

Conforme o diretor-executivo, outro diferencial do restaurante é o atendimento por um *sommelier*. Segundo ele, o consumo de vinho cresceu após a pandemia de Covid-19. "A experiência gastronômica no Gulliver é complexa, incluindo o assento, o local, os frequentadores, quem está lhe atendendo e o nível de instrução, a qualidade do prato, e os insumos utilizados", ressalta Rafael Barreto.

Caso de repercussão nacional

"Cada restaurante tem um público certo. Aqui, o perfil é de empresários e políticos. Os bons negócios acontecem em mesa de restaurante. Decisões importantes sempre foram feitas nas mesas do Gulliver. O local é frequentado por governadores, senadores, deputados federais e estaduais. Sexta-feira é o dia mais característico desse público", afirma Saulo Barreto.

Foi no salão do restaurante que aconteceu um dos fatos mais importantes envolvendo políticos paraibanos, conhecido como Caso Gulliver. "Eu estava em um almoço no Hotel Tambaú, quando um garçom me avisou do ocorrido. Eu saí a pé até o Gulliver. No caminho, vi a movimentação da polícia e não consegui passar da barreira criada para impedir o acesso ao restaurante", relembra Saulo Barreto.

Um político paraibano atirou em outro no estabelecimento o que causou um alvoroço. "Um dos disparos atingiu uma máquina de café. O equipamento protegeu a perna do meu pai, que estava logo atrás do balcão. Outro tiro pegou numa viga de madeira", afirma Rafael Barreto, ao citar as lembranças do pai. Conforme o diretor-executivo, parte da viga foi guardada como recordação do episódio. Ele afirma que, às sextas-feiras, o restaurante dava cortesia de caldinho de feijão. "Foi garçom pra cima de feijão, gente correndo, feijão voando, taça caindo no chão... todo mundo ficou desesperado".

O fato não abalou a reputação do restaurante. Pelo contrário. Conforme Saulo Barreto, o assunto foi capa da revista e de impressos internacionais. "Paulo foi até convidado para conceder entrevista no programa de Jô Soares. Os turistas vinham ao restaurante para conhecer o local dos acontecimentos", afirma o empresário.

Foto: Ortilo Antônio

Rafael (esq.) e Saulo Barreto relembram fatos marcantes do Gulliver

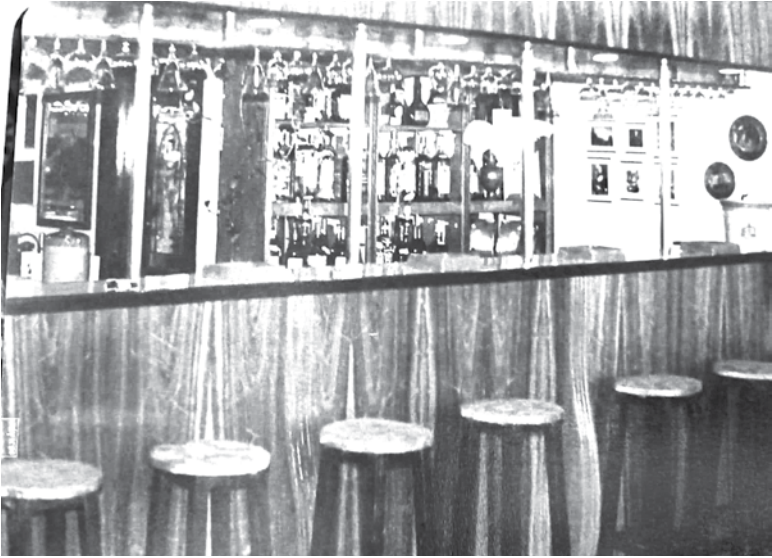
Nova marca

Com a consolidação do Gulliver, Paulo Barreto e seu filho, Paulo Barreto Neto, decidiram expandir os negócios com a criação do Gulliver Mar, em 2012, com uma gastronomia mais característica de restaurante à beira-mar.

Outra marca derivada de Gulliver é a Cais Delivery, um serviço de entrega criado em 2019. O serviço tem a base da culinária do Gulliver, mas com preços mais acessíveis para atingir outro público. Rafael Barreto destaca que a criação dos serviços meses antes da pandemia de Covid-19 foi essencial para as empresas. "Em 2020, quem não trabalhava com entrega teve que fazer, mesmo sem planejamento, o que, graças a Deus não foi nosso caso. Temos uma equipe de 70 pessoas nas empresas e ninguém foi demitido. Fizemos o possível para não prejudicar ninguém".

Os empresários vão lançar, no primeiro semestre deste ano, o restaurante Quilha, no Mag Shopping. O perfil é de entretenimento, um espaço para as pessoas tomarem um *drink* no padrão de qualidade Gulliver e ao som de música ao vivo. O estabelecimento estará na ponta de Manaíra, enquanto o Gulliver Mar está na ponta do Cabo Branco.

"O Gulliver é o gigante que chega à Ilha de Liliput pelo mar. O cais é o local de onde ele partiu da embarcação e a quilha é a estrutura de sustentação do barco, que dá a direção da embarcação, representando esse novo desafio. A gente consegue fazer uma analogia para todas as marcas se conectarem de alguma forma, completando toda a linha marítima", explica Rafael.

Fotos: Arquivo do Gulliver

Do início da década de 1990 até os dias de hoje, o restaurante manteve o padrão de qualidade prezando pela experiência dos clientes

PESQUISA

Fapesq avança na internacionalização

Cooperação entre países precisa ser efetivada no contexto das instituições para compartilhar experiências

Márcia Dementshuk
Assessoria SECTIES

"O pensamento científico moderno - ou um plano para o desenvolvimento da ciência atual no mundo - não pode abrir mão do intercâmbio, da cooperação internacional ou daquilo que chamam popularmente de internacionalizaçao." A afirmação do presidente da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq-PB), Rangel Júnior, está em consonância com o pensamento acadêmico. A cooperação entre países deve ser efetivada no contexto das instituições calcadas por políticas voltadas para promover o compartilhamento de experiências intrnacionais.

Rangel complementa dizendo que "é importante que os pesquisadores e pesquisadoras brasileiras estejam em contato e trocando experiências com laboratórios, com grupos de pesquisa e pesquisadores de outros países onde haja áreas de interesse convergentes, como também a vinda de pesquisadores estrangeiros para o Brasil."

Essas experiências são vividas por cientistas paraibanos, dos quais foram destacados relatos de coordenadores projetos aprovados no âmbito da Fapesq-PB. As chamadas ou editais internacionais são oriundos de parcerias entre instituições de pesquisa, fomento ou governos dos países envolvidos, e aderidas por instituições de fomento nacionais e estaduais. E, assim, chegam aos pesquisadores. "A Fapesq tem financiamentos de projetos em áreas estratégicas para o Estado da Paraíba e para a humanidade em um sentido mais amplo. E vamos investir cada ida mais na perspectiva desses intercâmbios", ressalta Rangel Júnior.

Dentre os projetos internacionais na Paraíba está a construção do Radiotelescópio Bingo, uma cooperação científica principalmente entre o Brasil e a China, porém reúne também pesquisadores da França, Reino Unido e Suíça. Outra experiência é o projeto que desenvolve plástio biodegradável para uso na indústria automotiva, desenvolvido em parceria entre a UFCG, UFPB e Instituto Fraunhofer (Alemanha): o projeto "Compostos de PLA totalmente de base biológica apresentando estabilidade a longo prazo".

Foto: Márcia Dementshuk

Área experimental para estudo de como "reabastecer" um aquífero natural, uma das fontes hídricas da PB

Na área das Ciências Humanas, a professora e pesquisadora Verônica Macário de Oliveira, da Universidade Federal de Campina Grande, coordenadora um projeto pelo qual são feitos estudos das relações do consumo no contexto da sustentabilidade. A pesquisa ultrapassa a fronteira com apoio por meio da chamada Confap UK Academies Fapesq-PB 2022, que a parceria entre o Centro de Desenvolvimento Empresarial e Econômico (Ceedr) da Middlesex University London e o Núcleo Interdisciplinar em Gestão Socioambiental (Niegs) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

O núcleo de pesquisa Niegs integra a rede internacional de conhecimento Scorai Brasil (Pesquisa e Ação sobre Consumo Sustentável, em português). A rede é formada por profissionais e acadêmicos de vários países que trabalham o consumo nessa perspectiva do bem-estar humano, da mudança cultural e tecnológica, através da transformação dos modos de consumo.

"As redes de cooperação internacional são importantes porque trabalhamos em um mundo globalizado e o conhecimento deve ser também globalizado, inclusivo e acessível. O compartilhamento de experiências internacionais geram ganhos para todos os envolvidos", sublinha Verônica Macário.

A pesquisadora também é assessora internacional da UFCG e alerta ainda que o conceito da cooperação internacional não deve ser confundido com a educação internacional apenas, mas deve ser trabalhado em todos os processos da pesquisa de maneira que as universidades sejam um espaço onde não haja diferenças ou desnivelamentos entre os conhecimentos gerados nos países do Norte global, ou no Brasil. "A atuação das agências de fomento é o que faz a diferença dentro de um processo de cooperação e ampliar esses editais é fundamental, especialmente na área das Ciências Humanas", fala Verônica Macário.

Preservação de aquífero será feita em cooperação

Outro projeto multi-institucional firmado entre a UFCG, a UFPB, IFPB, é no contexto da remediação ambiental – reduzir poluição e recuperar áreas poluídas. Os pesquisadores brasileiros mantêm parcerias internacionais com universidades na França e no Reino Unido.

"Em pesquisa estamos sempre procurando parceiros. No que se refere ao uso de equipamentos, por exemplo, se aqui não temos equipamentos que podemos utilizar em outros países; da mesma forma, outros laboratórios nos procuram e assim ocorre o desenvolvimento", fala a coordenadora do projeto Ieda Santos, coordenadora do projeto e do Núcleo de Estudos e Pesquisas do Norte e Nordeste, o Nepen, no Centro de Tecnologia da UFPB.

Experimento é processo único na América Latina

Talvez não dê para perceber, mas algumas "caixas azuis" e uma grande caixa d'água no "quintal" do Departamento de Engenharia Civil e Ambiental da UFPB são parte de uma área experimental para estudo de como "reabastecer" um aquífero natural, que é uma das fontes hídricas usadas na região litorânea da Paraíba.

A área foi incorporada à infraestrutura da UFPB através de sua transformação em um laboratório denominado de Laboratório de Estudos Avançados em Recarga Gerenciada de Aquíferos e Hidrogeologia (Lemarh).

Esse laboratório conta com sete poços de monitoramento e dois poços de injeção/bombeamento do aquífero livre; um poço de monitoramento no aquífero confinado, reservatório de 15 metros cúbicos e um sistema integrado de monitoramento automático e em tempo real dos níveis de águas do aquífero e da precipitação.

Foram criadas seis áreas experimentais como essa no Chipre, França, Alemanha e Brasil. Esse laboratório é o único com essas características em toda a América do Sul. Por meio de um endereço da Internet é possível acompanhar em tempo real a realização de experimentos.

Coordenado no Brasil pelo professor e pesquisador Cristiano das Neves Almeida, o projeto se volta para a sustentabilidade de um recurso natural crítico no Semiárido, mas existente em maior quantidade na faixa litorânea da Paraíba, as águas submersas.

O projeto foi viabilizado por meio da chamada Water Joint Programming Initiative - 2017 Joint Call, lançada pelo Conselho Nacional das Fundações Estaduais de Amparo à Pesquisa (Confap) e aderida pela Fapesq-PB.

"O intercâmbio contribui para minha carreira aumentando a visibilidade do grupo de pesquisa, principalmente pela criação do laboratório. Reforça também o compromisso dos pesquisadores da UFPB em criar e o operar sistemas como a área experimental", complementa Cristiano Almeida.

COOPERAÇÕES INTERNACIONAIS			
PPROGRAMA	**NOME DO PROJETO**	**OBJETIVO**	**FINANCIAMENTO**
Medical Research Council CONFAP/FAPESQ	Avaliando o impacto do programa Mais Médicos no Brasil **UFPB**	Avaliar se o provimento emergencial de médicos afetou os resultados de saúde e se os impactos mais amplos do sistema de saúde atingidos.	R$ 149.854,00
Medical Research Council CONFAP/FAPESQ	Desvendando o efeito do esquema nacional de pagamento por desempenho (PMAQ) sobre as desigualdades no financiamento e prestação de atenção primária no Brasil. **UEPB**	Investigar como o programa nacional de Pagamento por Performance (P4P) na Atenção Básica do SUS tem afetado as desigualdades socioeconômicas nos níveis de financiamentos e resultados.	R$ 149.380,00
Newton Fund Institutional Links Virus Zika British Council/FAPESQ	Impacto da aprendizagem móvel na prevenção e gestão de complicações causadas por arbovírus (Zika, Dengue, Chikungunya). **Reino Unido/UEPB**	Identificar áreas negligenciadas com resultantes de infecção pelo vírus Zika e suas implicações; trabalhar na educação e na sociedade; treinamento e cursos.	R$ 79.920,00
WATER JPI 2017 CONFAP/FAPESQ	Estrutura inteligente para monitoramento e controle em tempo real de processos de subsuperfície em aplicações gerenciadas de recarga de aquíferos – SMART-Control **Chipre, França, Alemanha e Brasil/UFPB**	Reduzir o risco da aplicação e uso da Recarga Gerenciada de Aquíferos (RGA)	75.000,00 €
Termo de Parceria CONFAP/FAPESQ/ Fraunhofer	Compostos de PLA totalmente de base biológica apresentando estabilidade a longo prazo. **UFCG/UFPB/Instituto Fraunhofer (Alemanha)**	Aplicações de inovação de interesse direto para a indústria no Brasil e na Alemanha	Investimento total: € 140.000,00, R$ 620.200,00 – recursos Governo do Estado R$ 86.385,00
CONFAP UK ACADEMIES FAPESQ-PB 2022	Fotocatálise como uma ferramenta poderosa para a degradação de poluentes aquáticos: compreendendo a atividade de materiais que usam elétrons ressonância paramagnética (EPR) espectroscopia combinada para eletroquímica. **Reino Unido/UFPB**	Apoio a pesquisadores do Reino Unido para trabalhar em instituições de pesquisa no Brasil, em colaboração com colegas locais.	R$ 18.500,00
CONFAP UK ACADEMIES FAPESQ-PB 2022	Candidatura ao Apoio à Mobilidade de Investigação para fomentar a parceria entre o Centre for Enterprise and Economic Development (CEEDR) da Middlesex University London e o Núcleo Interdisciplinar em Gestão Socioambiental (NIEGS/UFCG) **Reino Unido/UFCG**	Apoio a pesquisadores do Reino Unido para trabalhar em instituições de pesquisa no Brasil, em colaboração com colegas locais.	R$ 15.000,00
PROJETO BINGO Governo da Paraíba (FAPESQ) Governo do Estado de São Paulo (FAPESP), Yangzshou University, CETC54, MCTI	Projeto Bingo: Radiotelescópio no Sertão **USP/UFCG/INPE/Yangzshou University**.	Construção de um radiotelescópio para mapear a emissão de hidrogênio neutro em uma faixa do universo.	Parcial: R$ 12.193.800,00 (Governo do Estado da PB)
Auxílio para participação em eventos internacionais de alto impacto/FAPESQ	Edital com seleção em andamento	Conceder auxílio financeiro a pesquisadores que participarão de eventos científicos de alto impacto, em âmbito internacional.	R$ 240.000,00 (Governo da Paraíba)

FONTE: SECTIES/FAPESQ-PB

EDIÇÃO: Wagner Lima
EDITORAÇÃO: Bhrunno Maradona

AR PURO

Plantas nas casas e calçadas promovem bem-estar às pessoas

Costume de realizar plantios deve ser orientado para que não se opte por espécies invasoras e resulte em prejuízos

Sara Gomes
saragomesreporterauniao@gmail.com

Além de embelezar a cidade, a presença de árvores nas calçadas traz benefícios à estabilidade climática, ao conforto ambiental, bem como à saúde mental devido aos fins terapêuticos. Se você admira uma espécie de árvore e gostaria de tê-la em sua calçada, pode consultar a equipe técnica da Divisão de Arborização e Reflorestamento da Secretaria (Seman) por meio do Programa Rua Verde. Se a árvore não for favorável às condições de sua calçada ou quintal, o órgão possui 115 espécies de pequeno a grande porte, ofertando em média duas mil árvores por mês.

> 95% das árvores de João Pessoa foram plantadas sem orientação técnica
>
> Anderson Fontes

O Programa Rua Verde da Seman realiza novos plantios de árvores no passeio público (calçadas), principalmente, em ruas que estão sendo pavimentadas. As mudas de árvores podem ser adquiridas no Viveiro Florestal de Plantas Nativas de João Pessoa, localizado no Sesc Gravatá, no Valentina Figueiredo.

De acordo com o chefe da Divisão de Arborização e Reflorestamento (Divar) da Seman, Anderson Fontes, a equipe técnica realiza uma avaliação na calçada da residência para analisar quais espécies são adequadas ao ambiente, como também um trabalho educativo.

"Os técnicos da Seman avaliam a largura e comprimento da calçada, se tem fiação elétrica, poste próximo, entre outros critérios. A partir desse diagnóstico indicam a árvore mais viável", explicou.

As espécies nativas da Mata Atlântica e exóticas adaptadas à região Nordeste são as mais indicadas para o plantio em João Pessoa. As mais comuns disponibilizadas no Viveiro Florestal são: os ipês rosa, amarelo, branco e roxo; sibipiruna, pau-ferro, pau-formiga, pau-jangada, mulungu, pau-brasil, caraibeira, aroeira-da- praia, guanandi, cassia rosea, cassia do nordeste, oitizeiro, pitangueira, cassia chuva de ouro, tamboril, saboneteira, esponjinha amarela, entre outros. Para adquirir mudas basta apenas ir ao Viveiro Florestal.

De acordo com Anderson Fontes, 95% das árvores de João Pessoa foram plantadas sem orientação técnica. "Quase 50 anos de plantio aleatório, sem observar as peculiaridades de cada árvore e região da cidade", declarou. A atual gestão da Seman está realizando um desenvolvimento arbóreo. "Através dos programas estamos conscientizando a população sobre a importância do plantio adequado nas calçadas e incentivando a educação ambiental", afirmou.

A arquiteta paisagista Lúcia Nobre recomenda aos moradores a pesquisarem sobre a árvore antes de instalá-la na calçada. "Árvores que têm um sistema radicular agressivo precisam ser descartadas, pois podem danificar a tubulação e as raízes grandes quebram o calçamento. Árvores com flores grandes não são indicadas em ambientes onde existe grande movimentação na rua", alertou.

Além disso, algumas árvores prejudicam o ecossistema dos animais, a exemplo do Neem Indiano (Azadirachta indica). "Ela é uma árvore de crescimento rápido e que dá uma sombra muito boa, mas estudos comprovam que ela tem prejudicado abelhas e pássaros. A Neem tem sido disseminada em cidades de clima quente mas não foi feito um estudo prévio", criticou Lúcia Nobre.

Foto: Marcus Antonius

Plantas nativas da Mata Atlântica são apontadas como as ideais para o clima de João Pessoa

Arborização em espaços internos assegura benefícios à saúde

O paisagismo é a arte e a técnica de projetar, planejar e preservar espaços livres e urbanos, baseada nos princípios da funcionalidade, sustentabilidade e estética. O espaço tem que ser convidativo e agradável a quem nele habite ou frequente.

A jardinagem é uma excelente prática terapêutica que estimula a criatividade e ajuda a reduzir o estresse do cotidiano. De acordo com a arquiteta paisagista, Lúcia Nobre, espaços arborizados trazem inúmeros benefícios à saúde e contribuem para a harmonia do lar. Muitas pessoas adquiriram o hábito de cultivar plantas durante a pandemia.

"Cuidar de plantas durante a pandemia amenizou o estresse e a ansiedade provocados pelo isolamento social. Segundo pesquisas científicas, o cultivo de plantas libera hormônios que ocasionam bem-estar como endorfina, serotonina, oxitocina e dopamina. Alguns países de primeiro mundo reservam áreas de jardinagem nos hospitais, pois o cuidado com as plantas se tornou uma terapia complementar ao tratamento de câncer, ansiedade e depressão", revelou.

Cultivar plantas ornamentais é possível em qualquer espaço. Basta ter o conhecimento sobre a necessidade de sol, água e luz, além do porte da planta e sistema radicular, observando as peculiaridades.

"Existem plantas perenes e plantas anuais e bianuais. As anuais florescem uma ou duas vezes ao ano. Existem poucas plantas ornamentais de sombra que florescem, a exemplo de lírio da paz, antunes, begônia, violetas, orquídeas flor de maio, hortênsia.

Para quem tem pouco espaço em apartamento, uma dica é utilizar plantas ornamentais em jardins verticais, a exemplo de samambaias, alfinete, orquídeas e filodendros. Os terrários (pequenos jardins executados em vidros fechados) têm sido bastante procurados por quem não dispõe de muito tempo e espaço. "São ótimas opções de presentes para pessoas que gostam de plantas e praticidade. A manutenção é super simples".

Foto: Secom-JP

Escolha de mudas adequadas ao espaço é essencial

Foto: Samy Oliveira/Campinense

Entre os paraibanos da Série D, os jogadores do Campinense são os que vão percorrer a maior distância para cumprir o calendário dos 14 jogos da fase de grupos do Brasileiro.

VIAGENS NA SÉRIE D

Clubes da PB vão percorrer 13,2 mil km

Na Série C, o Botafogo, por fazer mais jogos, terá uma logística ainda mais complicada, com um percurso de 42,5 mil

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

Em maio, a partir do dia 6, começa oficialmente a disputa do Campeonato Brasileiro da Série D, com três clubes representando o futebol paraibano na competição. E quando Campinense, Nacional e Sousa iniciarem a jornada, começa também uma verdadeira maratona de viagens por três estados. Juntas, as distâncias que as equipes irão percorrer somam 13,2 mil km nos sete jogos fora de suas cidades.

Com adversários dos estados de Ceará, Pernambuco e Rio Grande do Norte, as equipes paraibanas também irão se enfrentar entre si na disputa por quatro vagas no grupo A3, tendo ainda como adversários Pacajus-CE, Iguatu-CE, Globo-RN, Potiguar-RN e Santa Cruz-PE. Nesse cenário, o Campinense é, entre os paraibanos a equipe que vai percorrer a maior distância para cumprir o calendário dos 14 jogos da fase de grupos. Ao todo, a delegação Rubro-Negra vai viajar por longos 4.720,2 Km.

"Já identificamos todos os trajetos que iremos percorrer ao longo da primeira fase da competição, são longas viagens. Estamos realizando um trabalho preventivo de condição física de nossos atletas. Vamos viajar no prazo que antecede dois dias antes das datas previstas dos jogos, para que nossos atletas tenham conforto e pouco desgaste físico", pontuou Rômulo Farias, diretor de futebol do Campinense.

Com o total de 4.177,8 km, o Nacional é a segunda equipe que vai percorrer distâncias entre os clubes paraibanos. Na rodada sete, contra o Pacajus, o Canário vai percorrer a sua maior distância dos 14 jogos da primeira fase. Entre idas e vindas, o clube vai atravessar 982,8 km entre Patos-PB e Pacajus-CE.

"A Série D é uma competição muito difícil, pois além dos adversários os clubes tem também os desafios de desbravar os quatro cantos do país com longas viagens. Tenho a experiência de ter conseguido o acesso com o Salgueiro, em 2013. Passo essa experiência dos atletas, ao mesmo modo, que falo da importância dos planejamento das viagens. Temos concentrado atividades no sentido de buscar condições físicas capazes de minimizar desgastes no condicionamento dos jogadores" disse o diretor do futebol do Nacional, Ranieri Rodrigues.

O Sousa chega a sua 4ª participação seguida na competição. Novamente na disputa pelo grupo A3, assim como na temporada passada, o clube tenta repetir os bons números de sua última disputa. Recém derrotado na disputa da final do Campeonato Paraibano, clube busca injetar ânimo no elenco, sabendo que nos seus 14 jogos na fase grupos, vai percorrer 4.309 km, em números é a menor distância entre as três equipes paraibanas.

"De fato, iremos percorrer uma distância menor se comparada a temporada passada, porém não menos desgastante. Nesse momento, atrelado ao planejamento da logística para as viagens, outro desafio é motivar o grupo, após a perda na final do Campeonato Paraibano, temos de encontrar forças para nos reerguer. O Sousa já mostrou ser forte, vamos buscar a redenção na disputa da Série D" enfatizou, Aldeone Abrantes, presidente do clube.

Dos três paraibanos que estreiam no dia 6, do próximo mês, dois já iniciam as suas jornadas de viagens durante a competição. O Sousa percorre 841,2 km entre idas e vindas até Ceará-Mirim-RN, para encarar o Globo. Já o Campinense começa a disputa percorrendo a sua maior distância nos jogos dessa primeira fase, quando vai se deslocar 1 .168,6 km entre ida e vinda à Pacajus-CE, para enfrentar a equipe mandante na rodada de abertura.

O Nacional recebe o Potiguar -RN, em Patos. Na segunda rodada, joga praticamente "em casa" quando comparada às longas viagens no decorrer da competição. O alviverde vai se deslocar até Sousa -PB para encarar o Dinossauro, o que corresponde a uma distância equivalente a 253,6 km entre ida e volta até a Cidade Sorriso.

Série C

Com apenas um representante do futebol paraibano, o Campeonato Brasileiro da Série C tem data prevista para ser iniciada no dia 2 de maio, com o Botafogo-PB jogando como mandante, contra o Operário-PR, em João Pessoa. A partir da 2ª rodada, o clube inicia a sua peregrinação, percorrendo 2.1 mil km para enfrentar o Remo-PA, em Belém-PA, no primeiro de nove jogos que disputará fora de casa.

No total, o alvinegro vai percorrer 42,5 mil km nas nove partidas que vai jogar como visitante contra Remo-PA; América-RN; Figueirense-SC, Amazonas-AM; Volta Redonda-RJ; São Bernardo -SP; Altos-PI; CSA-AL e Ypiranga -RS, em nove cidades de nove estados, em quatro regiões do país, sendo entre idas e vindas Natal -RN a menor distância (362 Km) e Manaus-AM (9.528,4 km) o local mais distante onde clube vai disputar uma partida pela competição nacional.

Valores de premiação

- Primeira fase: 64 clubes recebem R$ 300 mil (pagos em três parcelas);
- Segunda fase: 32 clubes ganham mais R$ 100 mil;
- Terceira fase: 16 clubes recebem mais R$ 100 mil;
- Quarta fase: oito clubes ganham mais R$ 100 mil;
- Quinta fase: 4 clubes recebem mais R$ 100 mil;
- Final: Campeão e vice ganham mais R$ 100 mil.

Grupo A3

- Campinense
- Sousa-PB
- Nacional-PB
- Pacajus-CE,
- Iguatu-CE,
- Globo-RN,
- Potiguar-RN
- Santa Cruz-PE

Os clubes jogarão em partidas de ida e volta. Ao todo, 14 rodadas serão disputadas. Os quatro melhores colocados de cada chave avançarão para a segunda fase da competição.

Foto: Cristiano Santos/Botafogo

Jogadores do Belo treinando na Maravilha do Contorno para a Série C

CINGAPURAGATE

Nelsinho apoia contestação de Massa

Filho do tricampeão mundial comenta o "acidente proposital" de 2008 e vê sentido na contestação de título

Foto: Divulgação/pod360

No podcast Pelas Pistas, Nelsinho Piquet revelou tudo o que aconteceu no Grande Prêmio de Cingapura de 2008 que prejudicou o também brasileiro Felipe Massa

A polêmica envolvendo o GP de Cingapura de 2008 segue movimentando o mundo da velocidade. Depois de Bernie Ecclestone falar na última semana que sabia do escândalo envolvendo Renault, e Felipe Massa confirmar que vai buscar uma forma de contestar o título daquela temporada, Nelsinho Piquet comentou o caso. Em um episódio do podcast Pelas Pistas, o ex-piloto da Fórmula 1 foi direto ao relembrar a situação.

"Eu nunca falei muito sobre isso. Acho que o Felipe e a equipe dele têm que fazer o que é melhor. É uma oportunidade de falar o que eu passei. Muita gente julga sem saber o que eu passei. Eu saí de casa com 16, ganhei uma Fórmula 3 com uma equipe brasileira, passei a testar carros de Fórmula 1 e fiquei mais perto do sonho. Tive uma oportunidade de ter o convite da equipe campeã do mundo, em 2006, com um contrato para ser piloto de teste e depois ser piloto da equipe. Em 2007, por mudança da regra de treino, eu praticamente não andei. Para ajudar, o Alonso tem a confusão com o Hamilton e em 2008, que seria meu primeiro ano, ele volta para a Renault. Se vocês acham que ele anda hoje de Fórmula 1 imagina 15 anos atrás", comentou Nelsinho

"Eu tive muitas dificuldades, que eu sabia que aconteceriam, mas foi ainda mais. Dessa forma, a cada corrida, a pressão foi aumentando e era complicado. A cada GP eu estava sempre três, quatro décimos atrás do Alonso e a pressão do Flávio (Briatori) era enorme. Quando chegou o fim de semana da corrida, eles me colocaram contra a parede e aconteceu. Se me perguntam hoje se eu faria o que eu fiz, a resposta óbvia é não. Mas me colocando na mesma posição que eu estava, com toda pressão, tudo que falavam a cada corrida, eu não sei responder. Acho que o que eu consigo responder é que se eu pudesse mudar algo seria não entrar na Fórmula 1 totalmente sozinho como eu fiz", analisou.

Ainda relembrando todo o episódio, Nelsinho Piquet ressaltou que, mesmo tendo sido o responsável pelo acidente que gerou toda a questão do GP de Cingapura, ele não foi banido da Fórmula 1, como os outros envolvidos.

"Todo mundo acha que eu fui banido da Fórmula 1 e isso não é verdade. Foram Flavio Briatore e Pat Simmons. Eu não fiquei porque a minha passagem lá me fez perder a vontade de correr, perdi a vontade de correr. Graças a Deus, depois de tudo, eu recebi um telefone dos Estados Unidos para um teste na Nascar e, após o teste, a paixão voltou e eu consegui tudo que aconteceu, com título da Nascar e da Fórmula E", explicou.

Convidado do podcast Pelas Pistas em questão, Reginaldo Leme, jornalista com mais de 50 anos de experiência na Fórmula 1, questionou Piquet o motivo que o fez não falar com o seu pai sobre a pressão de Briatore e Simmons para que batesse de propósito no GP de Cingapura.

"Não lembro para te dizer. Era muito fuso horário para ligar e não lembro ao certo o momento em que os dois me colocaram contra a parede, se foi na sexta ou no sábado", finalizou.

Entenda o cingapuragate

O chamado "Cingapuragate", um dos casos mais rumorosos da história da F-1, aconteceu em setembro de 2008, na 15ª de 18 etapas daquela temporada. Na ocasião, Massa disputava o título com Hamilton. Foi o *pole position* da corrida e liderava a prova quando Nelsinho Piquet sofreu uma batida, o que mudou os rumos da disputa. Fernando Alonso, da mesma equipe Renault de Nelsinho, acabou ficando com a vitória naquele GP.

Um ano depois, Nelson Piquet veio a público para denunciar que seu filho batera de propósito por ordem de Flavio Briatore, então chefe da Renault, para beneficiar o companheiro de equipe, Alonso. O caso foi investigado pela FIA, que puniu os envolvidos. Briatore foi banido da F-1, embora a decisão já tenha sido revogada, e o engenheiro Pat Symonds, outro responsável pela ordem para a batida, foi suspenso por cinco anos - atualmente é o diretor técnico da F-1.

POLÊMICA

Federações vão decidir sobre a participação de atletas trans nas Olimpíadas de Paris

Agência estado

A presença de atletas transgêneros na Olimpíada de Paris-2024 está condicionada às regras a serem adotadas pelas federações esportivas internacionais. Na última quarta-feira, a ministra do Esporte e dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Paris-2024, Amélie Oudéa-Castera, afirmou que esta é uma questão complexa, mas que não irá intervir na decisão das entidades.

> **É uma questão difícil e que está em evolução, na qual navegamos entre duas demandas, a inclusão e o respeito à igualdade esportiva**
>
> Amélie Oudeá-Castera

Em entrevista à rádio France Info, Amélie comentou sobre a recente decisão da World Athletics, a Federação Internacional de Atletismo, de excluir transgêneros das competições femininas. Para ela, estudos sobre o papel da testosterona no desempenho esportivo podem esclarecer os pontos controversos do debate.

"É uma questão difícil e que está em evolução, na qual navegamos entre duas demandas, a inclusão e o respeito à igualdade esportiva", disse Amélie, em entrevista à rádio France Info. "Nem todos estão nessa linha. O progresso científico vai esclarecer a decisão desses atores."

O Comitê Olímpico Internacional (COI) renunciou no final de 2021 a estabelecer diretrizes uniformes quanto aos critérios de participação de atletas intersexuais e transgêneros. Assim, deixou o caminho livre para a decisão das federações internacionais. A participação do atleta dependerá do que a sua respectiva modalidade estabelece.

Na Olimpíada de Tóquio, em 2021, a levantadora de peso neozelandesa Laurel Hubbard fez história ao se tornar a primeira mulher abertamente transgênero a participar de um evento olímpico. Ela atendeu aos critérios de classificação, que exigiam um nível de testosterona abaixo de 10 nmol por litro por pelo menos 12 meses.

Foto: Reprodução/Facebook

A neozelandesa Laurel Hubbard fez história no levantamento de peso nas Olimpíadas de Tóquio como primeira mulher trans

ESPORTIVAS

Streaming revoluciona transmissões

Modalidade de entretenimento ganha cada vez mais adeptos no Brasil e atrai a participação de figuras ilustres

Foto: Reprodução/Instagram

Para Tiago Leifert, o fato de passar a contar com jornalistas experientes mostra que, para o sucesso do 'streaming', a qualidade da informação também precisará prevalecer

Agência Estado

A linguagem utilizada nas transmissões esportivas sempre foi determinante para atrair os ouvintes, leitores e telespectadores e fazer do futebol a modalidade mais popular do planeta. Atualmente, seguindo essa linha e acompanhando a tecnologia, o streaming se tornou uma realidade que, se não supera, já se equipara à TV nas transmissões, em função de ter encontrado uma linguagem atual, com vistas a atrair cada vez mais público, principalmente o formado por jovens.

Aquilo que, no Brasil, alguns anos atrás era monopólio de dois ou três canais de TV, muitas vezes somente um, se multiplicou em uma série de alternativas a partir desse novo conceito. Pela definição, streaming é a utilização de uma nova tecnologia para envio de informações multimídia, sem necessariamente haver armazenamento. O processo ocorre pela transferência contínua de dados, por meio redes de computadores, principalmente a *Internet Stream*, em inglês, significa fluxo, o que demonstra todo o dinamismo deste novo meio de comunicação.

"A relação (entre *streaming* e TV) é de concorrência. TV e streaming vão brigar pelos direitos sempre. O problema ainda é hábito, demora para que os fãs se habituem a procurar o jogo no streaming. As plataformas precisam insistir na compra de direitos e na formação de profissionais", afirma ao Estadão o jornalista Tiago Leifert, de 42 anos, ex-apresentador da TV Globo, que recentemente passou a atuar no universo do *streaming.*

Leifert tem um canal de futebol no YouTube, com Eduardo Semblano, denominado 3 na área. Antes, após um longo período como apresentador da TV Globo, ele atuou como comentarista em jogos no Paulistão 2022 no YouTube e narrou jogos da Copa do Brasil 2022 pela Amazon Prime Video. Por sua experiência na TV, ele sabe que a empreitada não é fácil, apesar da proliferação de novos canais. "A TV está há 50 anos transmitindo esporte, não é um negócio simples e não se aprende da noite para o dia", completa Leifert.

A divisão das transmissões com a TV se tornou um caminho natural para o *streaming.* Segundo o Relatório Convocados, da consultora XP, com dados da Sport Track, o consumo de *streaming* para conteúdo esportivo teve um aumento de 30% no Brasil, entre 2020 e 2021. A pesquisa apontou que 34% dos brasileiros assinaram serviço adicional de *streaming* para acompanhar esportes em 2021

O crescimento do *streaming* a partir de 2022 tende a ser ainda maior. E a ampliação de opções provocou não só a competição com a TV como entre os diferentes formatos do próprio *streaming.* Há competições, por exemplo, transmitidas por plataformas de entretenimento. Estas, como a Amazon, a Paramount+ e o Star+, da Disney, HBO Max, conseguiram incluir o futebol no universo do entretenimento e até a grandes estúdios de Hollywood.

Há outras inseridas em plataformas de redes sociais, como o YouTube, onde o próprio Leifert passou a atuar também. Muitos clubes já experimentaram transmissões de seus jogos em seus canais de YouTube, criado em 2005, deixando inclusive de ceder os direitos às TVs. As federações também têm criado canais próprios, como o Paulistão Play, da Federação Paulista de Futebol, que mostra o Estadual, um produto seu.

Leifert ressalta, no entanto, que a própria experiência na TV o tem ajudado a se sentir mais confortável na nova plataforma. "Eu acredito que há bem menos diferença do que muita gente imagina. O que muda, na verdade, é que no *streaming* há, em alguns casos, uma transmissão autoral, como por exemplo o Cazé (Casimiro Miguel). Mas se você for observar o (Amazon) Prime Video, é bem parecido com a TV Aberta. O YouTube tem uma linguagem bem própria no pré-jogo, e até mais vozes participando da transmissão, mas ainda é semelhante à TV", diz Leifert.

A junção de futebol com entretenimento, com o *streaming*, pode enfim tornar literal a velha frase "futebol é coisa de cinema". Antes, isso ocorria quando algum jogo era transmitido em uma sala de cinema, nos anos 50. Ou quando a plateia assistia, inebriada, aos lances do Canal 100, antes dos filmes, deixando depois a sala sem saber qual obra de arte mais apreciou.

Agora, os próprios estúdios americanos estão trazendo o futebol para a sua lista de serviços prestados, o que entusiasmou Paulo Vinícius Coelho, o PVC, de 53 anos, outro jornalista que tem acumulado experiências no *streaming* e recentemente se transferiu do SporTV para a Paramount+.

"Quem nunca entrou num cinema e viu o símbolo da montanha envolvida pelas estrelas, presente desde o início da história do cinema e da TV? Chegamos ao esporte no Brasil ao mesmo tempo em que Rodrigo Santoro invade o mundo na série Wolf Pack, todos nós pela Paramount. A ideia é fazer o Brasil subir até o ponto mais alto desta nova montanha, que é o *streaming*", disse PVC, no portal da Paramount, resumindo esse momento. O jornalista também realiza lives no Canal do PVC, dentro da plataforma de vídeos Stages.

Recordes mundiais

Mas é nas plataformas das redes sociais que o futebol ganha fôlego para seguir sendo o "Esporte das multidões". Exemplo disso é o trabalho do apresentador Casimiro Miguel, de 29 anos, que também já atuou na TV (TNT e SBT), mas logo se tornou famoso na função que ajudou a impulsionar: streamer.

Em 2020, em meio à pandemia do coronavírus, Casimiro passou a fazer lives em seu canal da Twitch nas quais, de forma descontraída, fazia comentários sobre futebol. O Twich é uma plataforma *online*, comprada pela Amazon, na qual o streamer faz transmissões ao vivo e interativa, por meio de um chat. Muito voltada para games, também se encaixou no perfil de um público jovem que segue futebol.

Para a última Copa do Mundo, Casimiro, já tendo conquistado um público de milhões de seguidores, criou um canal no YouTube, denominado Cazé TV, e transmitiu 22 jogos do torneio, vendendo todas as cotas de patrocínio, utilizando as imagens da cobertura oficial da Fifa Plus, também feita por streaming da entidade máxima do futebol.

O resultado, após o final da competição, foram seguidas quebras de recordes até o jogo entre Brasil e Croácia, quando a transmissão da Cazé TV alcançou mais de 6 milhões de dispositivos conectados, superando seu próprio recorde, obtido na partida anterior, entre Brasil e Coreia do Sul, que chegou a 5,2 milhões. O Brasil foi eliminado.

Nestes dois jogos, as duas lives de Casimiro se tornaram as duas transmissões mais visualizadas do mundo por streaming, segundo o site PlayBoard. Com números ainda maiores, a TV Globo, no entanto, passou a contar com mais um concorrente competitivo, que já, inclusive, comprou os direitos dos campeonatos cariocas de 2022 e 2023, dividindo-os com o grupo Band.

Galvão Bueno também adere às transmissões com o seu canal

O crescimento do streaming também levou o narrador Galvão Bueno, 72 anos, a abrir seu próprio canal no YouTube após deixar a Globo. No último dia 25 de março, o Canal GB superou os 500 mil inscritos durante o jogo entre Brasil e Marrocos, atingindo um pico de 1,5 milhão de dispositivos conectados. Foi o primeiro amistoso do Brasil após a Copa do Catar.

O canal de Galvão, que trabalhou por 41 anos na TV Globo, narrando 12 Copas do Mundo no local, atua em parceria com a empresa Play9, de João Pedro Paes Leme (ex-repórter da Globo) e do youtuber Felipe Neto.

Para Leifert, o fato de passar a contar com jornalistas experientes é uma mostra que, para o sucesso do streaming, a qualidade da informação também precisará prevalecer. No último dia 3 de abril, o ex-narrador da Globo, Cléber Machado, 61 anos, após atuar por 35 na emissora, foi contratado pela Amazon Prime

"O melhor jeito de perder audiência é informando mal ou informando errado. Em qualquer plataforma, a informação é primordial. Você pode até mudar o jeito de entregar essa informação, mas ela tem de estar lá. Se não for prioritária, está errado", ressalta Leifert.

Para ele, o *streaming* não vai acabar com a TV, assim como, ao contrário do que muitos temiam, a TV não acabou com o rádio no momento em que surgiu no Brasil, nos anos 50 do século passado. "Acabar (a TV), não vai. Mas ainda veremos muitas transformações Ainda não atingimos o equilíbrio entre os players, mas creio que uma hora tudo se estabiliza assim como aconteceu desde os primórdios. A novidade cava seu espaço e cada um fica com um pedacinho do bolo... até aparecer algo novo de novo", analisa.

Filão publicitário

No caso das plataformas, elas ainda dependem basicamente do número de assinantes, mas cada vez mais têm os anúncios publicitários têm ocupado uma importante parcela das receitas. No YouTube, além da monetização pelas visualizações, os anúncios publicitários também são preponderantes, entre outros quesitos. Para Paulo Beltrão, especialista em Comunicação e Marketing Digital e CEO da Network Media, o potencial de receita do streaming também é muito grande.

Há ainda, segundo ele, muitos novos modelos de receita a serem descobertos. Segundo ele, apesar do meio digital estar abocanhando cada vez mais grandes fatias do bolo publicitário no Brasil, o *streaming* ainda não tem um modelo ou formato claro para construção de marcas e projetos de propaganda. Beltrão concorda com Leifert quando diz que, neste momento, a TV continua sendo o veículo mais forte para atrair publicidade.

"A grande diferença entre uma grande marca anunciar na TV ou na Internet, é que o meio televisão ainda tem o que chamamos de 'autoridade', ou seja, a marca ganha muito mais reputação e admiração quando veicula campanhas em TV", diz.

Por outro lado, o *streaming* pode crescer ainda mais por sua versatilidade como plataforma de publicidade. "As plataformas de *streaming* funcionam como uma espécie de 'marketplace híbrido', ou seja, podem comprar produtos audiovisuais de outras produtoras, fazer projetos em parceria, adquirir produtos licenciados ou até mesmo assumir os custos de produções próprias", observa o especialista.

Em relação ao futebol, alerta Beltrão, os clubes precisam se estruturar cada vez melhor para aproveitar as oportunidades geradas pelo *streaming.* "No futebol, o impacto é enorme, a ciranda dos direitos de transmissão entre empresas de *streaming* está provocando verdadeira revolução na maneira de consumir esse esporte. Os departamentos de marketing dos clubes precisam rapidamente se profissionalizar, pois está muitíssimo mais complexo e desafiador vender seus jogos e campeonatos em inúmeras plataformas diferentes. O monopólio das transmissões do futebol acabou", completa.

Foto: Reprodução/CGB

O Canal do Galvão Bueno superou os 500 mil inscritos no jogo entre Brasil e Marrocos

FAÇAM SUAS APOSTAS

Candidatos a craque do Brasileirão

Raphael Veiga, Pedro, Hulk, De Arrascaeta, Cano, Marcelo, Paulinho, Luís Suárez e Bitello estão entre os destaques

Agência Estado

O Campeonato Brasileiro deste ano começou neste fim de semana com a expectativa de equilíbrio de forças diante do retorno de três equipes grandes para a elite. Assim como nas últimas temporadas, o torneio nacional começa com candidatos mais evidentes ao título. Palmeiras, atual campeão, Flamengo e Atlético-MG ganham a companhia de Fluminense, que está encantando o público com o futebol praticado pelos comandados de Fernando Diniz, e Grêmio, que confia no ídolo Renato Gaúcho para liderar a equipe.

Em campo, é comum que o campeão tenha seu principal jogador eleito o craque do Brasileirão. Em 2022, Gustavo Scarpa, ex-palmeirense e atualmente no inglês Nottingham Forest, foi escolhido o melhor jogador do torneio. Em 2023, quem será o craque que ajudará sua equipe a erguer a taça?

O Estadão preparou uma lista com os dez principais candidatos ao prêmio. Confira:

Raphael Veiga

O meia do Palmeiras tem 27 anos e faz ótima temporada com a camisa alviverde. Escolhido o melhor jogador do Paulistão, Veiga é decisivo e o grande articulador de jogadas. O bom desempenho o levou para a seleção brasileira, onde fez sua estreia em março, em amistoso com o Marrocos. Em 2023, Veiga anotou cinco gols e deu outras cinco assistências. Na estreia do Palmeiras, diante do Cuiabá, ele não estará em campo por causa de uma lesão.

Dudu teve dificuldades para pegar embalo na temporada, mas os dois últimos jogos com a camisa do Palmeiras, diante de Água Santa e Tombense, com jogadas plasticamente impecáveis, elevou as expectativas e o colocou em um patamar que sua idolatria e história no time alviverde permitem. Em 2023, o atacante ainda não balançou as redes, mas deu duas assistências.

Cano

Germán Cano foi craque e artilheiro do Campeonato Carioca, sendo o retrato do título do Fluminense. O argentino não tem grife, mas sabe o caminho do gol como poucos. São incríveis 18 gols em 15 jogos no ano.

Marcelo

O experiente jogador chegou há pouco no Fluminense, mas as primeiras impressões deram amostras de que Marcelo será parte importante no esquema de Diniz. Qualidade técnica não falta ao atleta de 34 anos que fez muito sucesso no Real Madrid.

De Arrascaeta

Apesar do momento turbulento pelo qual passa o Flamengo, Arrascaeta é, sem dúvidas, o motor do time. O uruguaio ainda busca consistência na temporada, mas o favoritismo rubro-negro, a depender do novo técnico, autoriza indicar o meia como provável craque em uma campanha vitoriosa.

Pedro

Ainda não se sabe qual formação tática o novo treinador rubro-negro irá utilizar, mas Pedro tem um faro artilheiro que permite que o torcedor do Flamengo sonhe em vê-lo acumulando os postos de artilheiro e craque do Brasileirão. Em 2023, o centroavante soma dez gols em 13 jogos.

Hulk

Desde que chegou ao Atlético-MG, Hulk gerou uma identificação natural com o torcedor. O atacante construiu uma trajetória fantástica em 2021, mas sofreu um abalo em 2022. Na atual temporada, o atacante tem produzido futebol suficiente para apontá-lo como craque do campeão mineiro, são 14 gols em 15 jogos.

Paulinho

Aos 22 anos, Paulinho decidiu trocar o Bayer Leverkusen pelo Atlético-MG. Seu potencial não deixa margens para dúvidas. Campeão olímpico nos Jogos de Tóquio, o atleta tem mostrado bom futebol e ajudado seu time em jogos decisivos.

Luis Suárez

A grande estrela do Brasileirão atende pelo nome de Luis Suárez. O uruguaio deixou saudades no Barcelona, Liverpool e Atlético de Madrid. No Grêmio, tem dado conta do recado e não são os 36 anos de idade que o abatem. Campeão gaúcho, autor do gol do título, Suárez encanta os tricolores e o técnico Renato com 11 gols em 15 jogos.

Bitello

Com 23 anos, o meia Bitello tem ganhado protagonismo no Grêmio. O jovem conta com a confiança do treinador e tem sido alvo de elogios frequentes, seja como garçom ou artilheiro.

Jogos de hoje

SÉRIE A

16h
Flamengo x Coritiba
Corinthians x Cruzeiro

18h30
Grêmio x Santos

SÉRIE B

11h
Criciúma x Tombense

15h30
Londrina x ABC

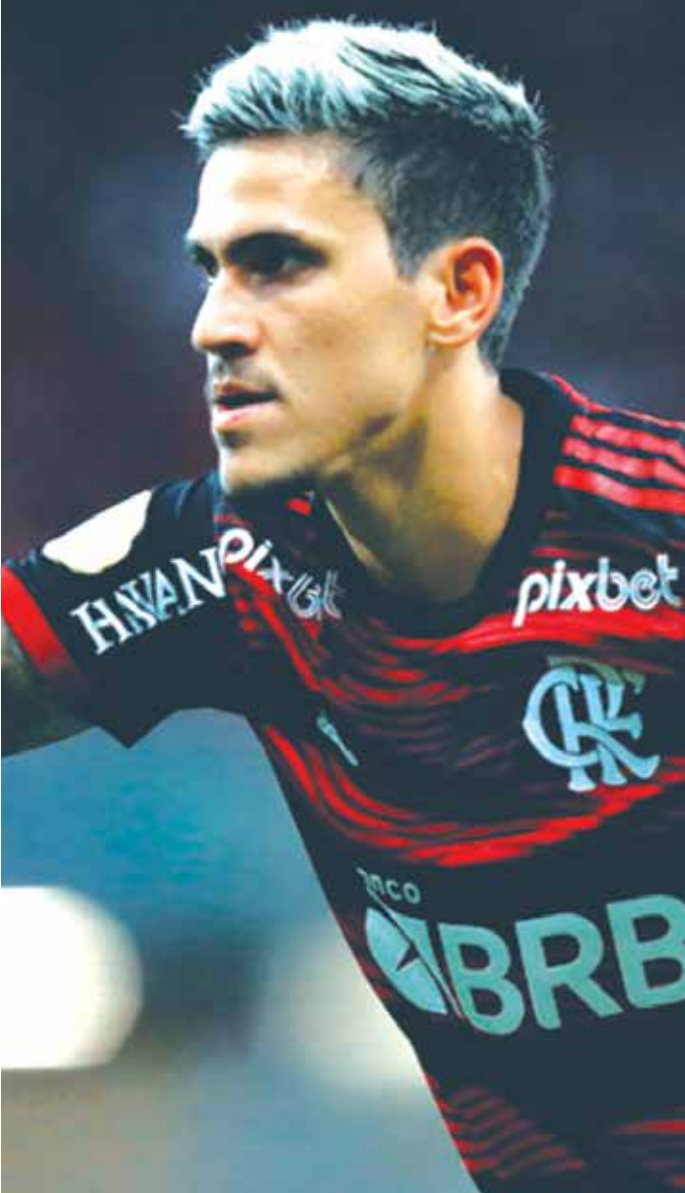
18h
Vitória x Ponte Preta

Foto: Pedro Souza/Atlético-MG

O paraibano Hulk fez um grande Campeonato Estadual e quer voltar a brilhar outra vez no Brasileirão

Foto: Marcelo Gonçalves/Fluminense

Foto: Lucas Uebel/Grêmio

Foto: Divulgação/Flameengo

Cano, do Fluminense; Suárez, do Grêmio; e Pedro, do Flamengo, seguem sendo os destaques das equipes nesse primeiro semestre e chegam fortes no Campeonato Brasileiro de 2023

EDIÇÃO: Jorge Rezende
EDITORAÇÃO: Ulisses Demétrio

Foto: Roberto Guedes

Hotel Globo, um encontro com a história

Local foi ponto marcante da alta sociedade e palco de importantes acontecimentos do estado; atualmente, o prédio funciona como espaço para atividades culturais

Sara Gomes
saragomesilva@gmail.com

O Hotel Globo apresenta uma vista privilegiada da capital paraibana para o Rio Sanhauá, onde é possível contemplar o pôr do sol na parte histórica de João Pessoa. Durante anos, ele foi ponto de encontro da alta sociedade, mas também palco para acontecimentos históricos que poucos têm conhecimento. Atualmente, o prédio assumiu a função de centro cultural, sendo local para apresentações artísticas e lançamentos de livros. Ele faz parte do conjunto arquitetônico do Largo da Igreja de São Frei Pedro Gonçalves, no Bairro do Varadouro.

Com estilo eclético e variado, o Hotel Globo, construído no período de 1928 e 1929, apresenta influências da Arquitetura Neoclássica, Art, Nouveau e Art Decó. Em 1980, o prédio foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep).

Fundado em 28 de agosto de 1915, o antigo Hotel Globo era localizado na Rua Visconde de Inhaúma, 34, no Varadouro, cuja propriedade pertencia a Henrique Siqueira, conhecido popularmente por "Marinheiro". O prédio foi demolido para alargamento das ruas do bairro que levavam ao antigo porto da cidade – Porto do Capim –, mas o governo do então presidente João Pessoa indenizou o proprietário.

De acordo com o gestor do hoje Centro Cultural do Hotel Globo, William Macêdo, o prédio foi construído com a finalidade de ser o primeiro hotel de luxo da cidade. Isso se deu por dois motivos: por ter telefone e banheiros próximos aos quartos. "Durante anos foi um dos lugares mais frequentados pela alta sociedade. No salão eram oferecidos bailes e banquetes para autoridades e pessoas importantes da cidade", lembra.

Hospedou políticos e pessoas famosas, reconhecidas nacionalmente, como Procópio Ferreira, Bibi Ferreira, Tônia Carreiro, Ernesto Geisel, Gratuliano de Brito, entre outros, além de comerciantes e viajantes estrangeiros.

Um ponto negativo – e até curioso –, segundo o historiador José Octávio de Arruda Mello, é que naquela época os quartos não tinham suíte. Desse modo, os hóspedes tinham que utilizar banheiros coletivos. "A colunista Adila Rabello, por exemplo, se hospedou no Hotel Globo em sua lua de mel. Quando ela percebeu que os banheiros eram comunitários, ela ficou estarrecida e até escreveu uma crítica sobre isso", conta José Octávio, lembrando que outro hotel de luxo da capital, o Paraíba Palace Hotel, também não tinha suítes.

Conforme o historiador, o governador (presidente) da Paraíba, João Pessoa, foi quem começou a "neutralizar" o Hotel Globo. "Ele queria subir a cidade, primeiramente, para o Ponto de Cem Réis, depois queria mudar a localização do Teatro Santa Roza e investir na área da Lagoa. Com sua morte, seus sucessores, Antenor Navarro, Gratuliano de Brito e Argemiro de Figueiredo, foram os que executaram suas ideias", declara José Octávio.

> **"No salão eram oferecidos bailes e banquetes para autoridades e pessoas importantes da cidade**
>
> William Macêdo

Outro fator que justifica a decadência do Hotel Globo, segundo Jean Patrício, historiador e presidente do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP), é a transferência do porto para a cidade de Cabedelo (1935). Após a construção do Paraíba Palace Hotel, no hoje Largo do Ponto de Cem Réis, o Globo começou a entrar em declínio com a falta de hóspedes, até vir à falência total e o fechamento de suas portas.

Durante as décadas de 1940 e 1950, o local serviu mais como um ponto de encontro para boêmios em busca de bebida e boa vida, do que como um hotel. "Depois disso, a cidade começou a se desenvolver em direção às praias, a partir da década de 1960. Um marco foi a inauguração do Hotel Tambaú", revela.

Segundo o Iphan, o prédio recebeu a primeira restauração integral entre 1990 e 1994, e foi a primeira obra realizada no âmbito do Projeto de Revitalização do Centro Histórico de João Pessoa. O historiador Jean Patrício enfatiza que a ocupação do território de João Pessoa se iniciou com o descobrimento da região, atual Porto do Capim ou Varadouro, mas a importância desse território se confunde bastante com a questão econômica.

"Ainda que incipiente, a região concentrou as atividades do Porto do Varadouro – nome oficial do Porto do Capim –; com amplo desenvolvimento econômico, político e social. Nesse sentido, existiam várias repartições, casas comerciais, a Estação Ferroviária e o prédio da Alfândega surgiram nas imediações do Hotel Globo.

O acervo do IHGP possui imagens raras do hotel, principalmente da década de 1980. Um projeto de educação patrimonial intitulado 'Pelos Caminhos da História' está sendo elaborado pela Divisão de Museus e Patrimônio da Fundação Cultural de João Pessoa (Funjope). "Os alunos poderão ir ao Hotel Globo aprender um pouco da história da nossa cidade, observando in loco a evolução de nossa cidade, através desse importante monumento histórico", adianta Patrício.

Onde o presente e o passado se encontram

O Hotel Globo na atualidade tem se destacado como um local onde "pulsa o sentimento de revitalização" do Centro Histórico. A Fundação Cultural de João Pessoa (Funjope) vem desenvolvendo inúmeros eventos no local, exposições que visam ocupar de forma efetiva o Hotel Globo, sendo hoje um dos pontos mais visitados do Centro Histórico da capital.

De acordo com o gestor cultural do Hotel Globo, Willian Macêdo, tem sido desenvolvido um trabalho singular de valorização da arte e fortalecimento dos laços culturais da cidade, realizando uma dinâmica diferenciada marcada pela multiplicidade e pela pluralidade. Desde que assumiu a gestão, vinte exposições de artes visuais foram realizadas, das quais treze ele "teve a honra de estar como curador", enfatizando, principalmente, artistas locais e regionais, como também exposições nacionais e internacional, além de eventos literários e lançamento de livros. Acontece também a continuidade do Projeto Sol Maior, onde é possível apreciar música de qualidade e gratuita contemplando o pôr do sol.

> Local é um instrumento do patrimônio artístico e cultural de João Pessoa e de incentivo aos artistas independentes

"Dessa forma, cumprimos o nosso objetivo de fortalecer o Hotel Globo como instrumento do patrimônio artístico e cultural de João Pessoa, de incentivar a participação de artistas independentes, instaurando assim um cenário cultural de referência na cidade", conclui Macêdo.

Almoço do general, reunião comunista e assalto a carro-forte

Na campanha eleitoral de 1945, o general Dutra fez um comício na Lagoa do Parque Solon de Lucena e, em seguida, foi almoçar no Hotel Globo. Outro fato histórico é que o desembargador Heráclito Cavalcanti, oposição ao governo João Pessoa e líder do Partido Comunista Republicano (PCR), fazia reuniões no Hotel Globo. Mas um acontecimento que poucos têm conhecimento é sobre o assalto ao carro-forte da Companhia Souza Cruz, cujo escritório ficava em frente à Igreja de São Frei Pedro Gonçalves, próximo ao Hotel Globo. O fato, ocorrido durante a ditadura militar no país, é considerado por muitos pesquisadores como o primeiro assalto a carro forte no Brasil.

Segundo informações extraídas do relatório da Comissão Estadual da Verdade (CEV), um dirigente regional do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR) em Recife, informou aos militantes da legenda de João Pessoa a necessidade de conseguir recursos por meio de assaltos a bancos e empresas, para manter a infraestrutura da organização e sobrevivência de seus militantes. Depois de analisarem vários estabelecimentos na cidade, decidiram assaltar a Companhia de Cigarros Souza Cruz, pois o militante Alberto Magno trabalhava lá.

Os envolvidos ficaram observando o funcionamento interno da empresa e os horários que os funcionários do Banco da Lavoura de Minas Gerais recolhiam o dinheiro da empresa. "Enquanto Magno anotava as movimentações internas, Adauto e Emilson fizeram, no final de abril de 1969, o reconhecimento da área externa da companhia de cigarros, conhecendo quais as melhores ruas para efetuar a fuga após o assalto e o horário de menor tráfego de automóveis", registra o documento, na página 141.

> ### Logística
>
> **Após definir um plano, o dia do assalto ao carro-forte da Companhia de Cigarros Souza Cruz foi marcado pelos integrantes do PCBR da Paraíba e Pernambuco**

Após definir um plano, o dia do assalto foi marcado. A direção regional do partido em Pernambuco disponibilizou três militantes, fornecimento de armamento e carros para ajudar ao assalto à Souza Cruz. A direção pernambucana queria ficar com todo o dinheiro do assalto, mas os integrantes do PCBR na Paraíba, que executariam todo o plano, acharam injusto e resolveram agir por conta própria. Marcaram o assalto para o dia 3 de maio de 1969, um sábado, mas a ação terminou sendo abortada, segundo relatório da Comissão Estadual da Verdade.

"Eduardo Ferreira conseguiu um Volks de cor vermelha e o estacionou ao lado do prédio do Tribunal de Justiça, entregou as chaves a Adauto Trigueiro que ficou encarregado de trocar as placas. Com suas armas e máscaras no bolso, os militantes paraibanos dirigiram o automóvel para o Centro de João Pessoa, estacionando-o próximo à empresa Souza Cruz por volta do meio-dia, que ficava na Praça São Frei Pedro Gonçalves. Espantados, viram a presença de um caminhão sendo descarregado, em frente ao prédio da Souza Cruz, fato que não estava previsto no plano original. Estacionaram perto da Igreja São Francisco, mas, 10 minutos depois, o caminho com os funcionários não estava mais no depósito". Diante disso, decidiram adiar o assalto e devolver o Volks ao seu proprietário". Depois da primeira tentativa, uma nova investida foi organizada, fracassando mais uma vez, sendo que, dessa vez, não estavam no Centro Histórico da cidade. O assalto à empresa Souza Cruz acabou sendo realizado pelo PCBR de Pernambuco, mas foram os militares paraibanos que sofreram a repressão.

"Os pernambucanos aproveitaram o plano traçado pelos paraibanos, levando todo o dinheiro. Alguns meses depois, a polícia localizou o esconderijo, que naquela época se chamava 'aparelho', no Bairro de Tambaú, onde guardavam documentos do PCBR e um daqueles papéis era o plano do assalto. Alguns conseguiram sair da Paraíba com a ajuda do então arcebispo dom José Maria Pires, mas outros passaram quase um ano no Presídio do Roger", contextualiza o jornalista e advogado Waldir Porfírio, um dos pesquisadores da Comissão da Verdade.

Barros de Alencar

Radialista e apresentador de TV também fez sucesso como cantor

Hilton Gouvêa
araujogouvea74@gmail.com

Ilustração: Tônio

Barros de Alencar foi sucesso como radialista, apresentador de televisão, compositor e cantor, mas, em certa fase da vida, passou a ser "esquecido" em sua terra natal, Uiraúna, no Alto Sertão paraibano, porque, durante uma entrevista, disse que havia nascido em Campina Grande

Ele foi sucesso como radialista, apresentador de televisão, compositor e cantor. Em certa fase da vida, passou a ser "esquecido" em sua terra natal, Uiraúna, no Alto Sertão paraibano, porque, durante uma entrevista, disse que havia nascido em Campina Grande. Depois disso, ele viajou de São Paulo para Uiraúna para pedir perdão, alegando ter cometido um "lapso". Daí por diante, Cristóvão Barros de Alencar admitia sempre que havia nascido em Uiraúna, município localizado a 476 quilômetros de João Pessoa, no dia 5 de agosto de 1932.

Barros de Alencar morreu aos 85 anos, em São Paulo – onde passou a maior parte de sua vida –, em 5 de junho de 2017. Na carreira artística e de comunicador, alcançou sucessos que poderiam se igualar aos "leões da música popular" do naipe musical da época, como Cauby Peixoto, Emilinha Borba, Jorge Goulart, Orlando Dias, Agostinho dos Santos, entre outros.

Nascido no interior da Paraíba, na divisa do Ceará com o Rio Grande do Norte, ali ele começou sua carreira como radialista e, depois, trabalhando em Campina Grande na Rádio Borborema. Na busca de novos horizontes, viajou pelas capitais brasileiras, dentre elas Recife (PE), Fortaleza (CE), Belo Horizonte (MG) e São Paulo (SP).

Em 1960, na capital paulista, conseguiu um lugar ao sol, pois passou a fazer parte das Rádios Cultura, Tupi, Record e América, tocando, principalmente, músicas de sucesso da Jovem Guarda, interpretadas por Roberto Carlos, Ronnie Von, Wanderley Cardoso, Wanderléa, Martinha, Ed Wilson e Renato e Seus Blue Caps.

Jovem Guarda

O menino de Uiraúna, quando começou a cantar, inspirou-se no nome primitivo de sua cidade, em cuja área existe o pássaro craúna (Uiraúna, na corruptela tupi), de canto razoavelmente mavioso, porém não muito sonoramente apreciado. Insinuou-se em compor para a Jovem Guarda, mas, no auge dessa "moda de jovens cabeludos", teve que furar bloqueios, pois já passava dos 30 anos de idade.

Então, Barros de Alencar considerou que não poderia competir com "bichos" como Roberto Carlos, Erasmo e Wanderley Cardoso. Mesmo assim, em 1966, lançou seu primeiro compacto simples pela gravadora Chantecler, com as músicas 'Agora sim' (versão de 'Adesso sí', de Sérgio Endrigo) e 'Não vá embora' (versão de 'Tu me plais et je t'aime', de autoria de J. L. Chauby e Bob Du Pac).

Também foi homenageado por Jorge Goulart com uma música carnavalesca intitulada 'O Cauby vai casar', que dizia assim: "O Cauby vai casar, em Portugal, vai ser legal, legal. A madrinha vai ser a Emilinha e o padrinho o Barros de Alencar". As estatísticas mostram que, em sua versatilidade, Barros de Alencar saiu-se muito bem.

Fotos: Reprodução

Trajetória musical e vida de apresentador

Em 1968, Barros de Alencar lançou o compacto simples com a música 'Não me peça um beijo', de autoria de Antônio e Mário Marcos. Em 1971, lançou um compacto simples com as músicas 'Não posso mais viver sem ti' e 'Ana Cristina', ambas de sua autoria.

Já em 1972, fez sucesso com a balada 'Meu amor' ('Monia'), de D. Finado, Jager e Vidalin, com versão de Sebastião Ferreira da Silva, incluída no LP 'Os grandes sucessos da RCA Camdem', que contou com a presença de nomes como Martinho da Vila, Nelson Gonçalves e Carmen Silva.

No mesmo ano, outra gravação sua, 'Não me peça um beijo' ('Porque vou chorar'), foi incluída no LP 'Os grandes sucessos volume 2', da mesma gravadora. Em 1973, lançou LP pela RCA Victor, interpretando composições românticas como a clássica balada 'Quem é', de Osmar Navarro e Oldemar Magalhães. No mesmo ano, participou do LP 'Os grandes sucessos – volume 3', da RCA Camden, interpretando a música 'Volte querida' ('Honey come back'), de J. Webb e versão de Sebastião Ferreira da Silva.

Em 1974, participou de duas coletâneas: 'Os grandes sucessos – volume 4', da RCA Camden, com a música 'Meu amor é mais jovem do que eu', e do LP 'Canções para dizer te amo', da RCA Victor, interpretando a balada 'Namorados', música que também foi incluída no LP 'Parada nacional de sucesso', da Som Livre.

Em 1975, gravou em LP várias músicas, dentre elas 'Emanuela' ('Emmanuelle'), de P. Bachelet e H. Roy, trilha de um famoso filme da época, com versão sua. Nesse ano, participou de quatro coletâneas de sucessos: 'Natal com Cristo – Ano novo com amor', da RCA Camden, 'Canções para dizer te amo – volume 2', 'Prometemos não chorar' e 'Fantásticos da RCA'.

Em 1976, participou da série 'Fantásticos – volume 5', da RCA Victor, e do LP 'Saudade jovem nacional - volume 2', da RCA Camden, com a música 'Olhos tristes'. Em 1977, no LP 'Globo de Ouro – volume 3', da Som Livre, foi incluída sua interpretação para a guarânia 'Quero beijar-te as mãos', grande sucesso musical da época, interpretada, também por Anísio Silva. Em 1978, gravou vários sucessos pela RCA Victor.

Em 1979, lançou o LP 'Sentimental', no qual interpretou, entre outras, a música 'Amanhã o que será' ('Adios'), de Juan Pardo. Nesse ano, no LP 'As campeãs da volta do sucesso', da gravadora Seta, incluiu a sua interpretação de 'Prometemos não chorar', de sua autoria.

Em 1980, apresentou na Rádio Tupi o programa 'Só Sucessos'. Também apresentou na TV Record o 'Programa Barros de Alencar', de 1982 a 1986, no qual ficou famoso com o bordão "Alô, mulheres, segurem-se nas cadeiras. Alô marmanjos, não façam besteiras!" e ganhou audiência com o 'Concurso Michael Jackson', quando elegeu a garota Lúcia Santos – a "Maika Jeka", como carinhosamente ele a chamava – a melhor imitadora do cantor.

Ainda nos anos de 1980, sua interpretação para 'A primeira carta' foi incluída na coletânea 'Astros do disco', da RCA Victor. Apresentou nas madrugadas da CNT do Rio de Janeiro o programa 'CD na TV'.

Considerado um "grande nome do rádio brasileiro", residia na cidade de São Paulo. Quando apresentava seu programa na Super Rádio, Barros afastou-se dos microfones após passar por uma delicada cirurgia na garganta. Morreu naquele ano de 2017, após ser internado com problemas cardíacos.

Algumas capas de LPs lançados por Barros de Alencar, que alcançou sucesso, apesar de disputar o mercado em uma época dominada pelas estrelas da Jovem Guarda

Angélica Lúcio

angelicallucio@gmail.com

Conheça os benefícios de reaproveitar conteúdo nas redes sociais

Quem trabalha com produção de conteúdo para redes sociais sabe que inspiração não cai do céu: é preciso pesquisar, estudar, estar atento aos principais temas, ser criativo. Mas nem sempre há tempo e talento disponíveis para criar algo "zerado".

A primeira vez que ouvi falar em reaproveitamento de conteúdo foi em um *podcast* sobre comunicação, do qual não me recordo o nome agora. De início, considerei a dica estranha. Depois me dei conta de que boa parte do público que segue um perfil nas redes sociais talvez nem sequer tenha visto aquela postagem maravilhosa, feita com tanto capricho.

Assim, aprendi que tanto vale repostar o conteúdo original bem como dar uma nova roupagem ao que você produziu há tempos. E isso foi o que falei para meu marido, há poucos dias, quando ele me pediu uma sugestão de postagem sobre cachaça. Como eu não bebo e estava sem ideias, propus que ele requentasse postagens. Ele fez o que eu sugeri... e deu certo! Até conseguiu muito mais engajamento do que na primeira vez que abordou o tema da ocasião.

Como sou curiosa, resolvi buscar mais referências sobre reaproveitamento de conteúdo nas redes sociais e me deparei com o livro 'Conteúdo S.A.', de Joe Pulizzi. No capítulo 'Planejamento para o reaproveitamento', ele traz uma máxima de Steve Supple: "Adaptar um velho pensamento, ideia ou lembrança para um novo propósito é o máximo da criatividade".

Ilustração: Pixabay

Alinhado a tal pensamento, Pulizzi defende que "cada ideia de conteúdo envolve uma história que você está tentando contar". Dessa forma, ao lembrar que histórias podem e devem sempre ser contadas de muitas formas diferentes, você vai se surpreender com o resultado, principalmente se fizer isso de forma planejada. "Uma ideia de história pode ser contada de dezenas de maneiras diferentes dependendo das necessidades de conteúdo da organização", reforça Pulizzi.

Como exemplo, ele cita no livro o caso de Jay Baer, que publica um programa no YouTube chamado 'Jay Today'. A partir desse vídeo de três minutos, a equipe de Jay Baer produzia: vídeo para o Facebook, episódio iTunes, episódio de vídeo iTunes, episódio em seu *site*, *post* de *blog* (uma vez por semana), *post* no LinkedIn, *post* no Medium, post no Google+, dois a três tuítes e dois compartilhamentos no LinkedIn. "A diferença em relação ao que a maioria das empresas faz é que a ação de Jay é planejada – que existe um propósito por trás de toda criação de conteúdo", arremata Pulizzi.

Na concepção de Arnie Kuenn, citada no livro 'Conteúdo S.A.', "o reaproveitamento do conteúdo significa alterar um item de conteúdo para torná-lo novo mudando o ângulo ou o formato. A integração do reaproveitamento em sua estratégia pode reduzir os custos, melhorar a produção, expandir o alcance do público e proporcionar diversos benefícios adicionais". Dentre eles, estão: expandir uma ideia em vários itens de conteúdo; reduzir substancialmente o tempo de criação de conteúdo; atender vários públicos diferentes; fazer promoção cruzada de conteúdo; e prolongar a longevidade do conteúdo.

Mas como fazer isso? Pulizzi ensina: 1. Pegue uma ideia e comece a pensar em possíveis maneiras diferentes de contar a história; 2. Uma vez definido o tópico geral, pense em como ele pode ser alterado e aplicado em vários tipos de conteúdo para atrair diversas audiências (Ex.: post de blog; infográfico; vídeo; apresentação de slides; e-book etc.); 3. Após preparar a lista de diferentes abordagens sobre a sua ideia central, comece a pesquisa, mantendo em mente o primeiro item que você deseja criar; e 4. Quando o primeiro item de conteúdo estiver criado, reaproveite a pesquisa e outros elementos do projeto para preparar novos trabalhos. Gostou das dicas? Eu adorei! Principalmente porque percebi que, como explica Pulizzi, "o reaproveitamento de conteúdo é uma maneira muito eficiente de extrair o máximo de seus grandes esforços de criação de conteúdo", e tal pode ser feito atendendo a públicos diferentes. Você costuma reaproveitar conteúdo? Conta para mim!

Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

O Trio de Ouro

As notícias que existem relativas a grupos ou conjuntos musicais, sejam apenas instrumentais, sejam também vocais, advêm desde os tempos dos Oito Batutas, liderados por Pixinguinha (flauta) e Donga (violão), grupo organizado em 1919, com instrumentistas que, por sua vez, vinham do Grupo de Caxangá, este criado por João de Pernambuco, autor do antológico 'Sons de Carrilhões'. O novo grupo foi intitulado de Diabos do Céu. Um impacto foi causado quando o grupo fez "o morro vir pra cidade", deixando a periferia, com o seu instrumental primitivo – flauta, violão, cavaquinho, bandolim, ganzá, pandeiro, bandola e reco-reco – e passando a substituir o piano em salas de cinema, ainda no tempo do filme mudo, uma atividade que se estendeu às festas e saraus de então.

Dez anos depois, em 1929, Aluísio de Oliveira, um expert no assunto, formou o Bando da Lua, grupo vocal e instrumental que, entre 1939 e 1945, acompanhou a fulgurante carreira de Carmen Miranda, inclusive nos Estados Unidos.

Em 1934, aparecem os Anjos do Inferno, nome sugerido como uma réplica aos Diabos do Céu, de Pixinguinha. O novo conjunto vocal/instrumental se fixou como um sexteto de grande popularidade, na primeira metade da década de 1940, quando se inicia a trajetória de outros grupos, como o ainda vivente Demônios da Garoa, este que, embora com variadas formações, não perdeu as características iniciais, como todos o conhecem ainda hoje.

Pode-se afirmar que o Trio de Ouro nasceu, certamente, sob a égide desses grupos anteriores. Foi originado da Dupla Preto e Branco, formada por Herivelto Martins

Foto: Reprodução

(o branco) e Francisco Sena (o preto), em 1934, sendo este substituído por Nilo Chagas, quando do falecimento de Sena; em 1936, a dupla conhece a incipiente cantora Dalva de Oliveira que, convidada, aceitou participar do grupo, constituindo-se então sua primeira e mais importante formação: Herivelto Martins (Paulo de Frontin, Rio, 1912 – Rio, 1992), Dalva de Oliveira (Rio Claro-SP, 1917- Rio, 1972) e Nilo Chagas (Rio 1917-1973). Já em 1937, o trio aparece em disco (78 rpm), acompanhando Carmen Miranda na gravação de 'Na Bahia' (de Herivelto e Humberto Porto). O trio é então contatado pela Rádio Mayrink Veiga, apresentando-se no programa de César de Alencar que assim os anunciava: "Dupla Preto e Branco e Dalva de Oliveira, um trio de ouro!". Da apresentação veio o nome definitivo de Trio de Ouro. O primeiro sucesso apareceu, em 1937/1938, no 78 rpm, o batuque 'Itaquari', e com a marcha 'Ceci e Peri' (ambas de autoria de Príncipe Pretinho), em gravação RCA Victor. O ano marcou a união afetiva de Herivelto com Dalva que, posteriormente, viria a separar-se, causando, nos periódicos da época, o entrevero que redundou numa indesejada polêmica entre eles, em que todos saíram perdendo. Como veremos, o ano de 1940, o grupo se consagra com o a gravação de 'Praça Onze' (Herivelto e Grande Otelo), fazendo a fixação definitiva do trio no meio artístico.

O Trio de Ouro investiu forte na estrela Dalva de Oliveira, então já companheira de Herivelto. O filho Pery Ribeiro foi quem fez a síntese quase perfeita do grupo: "Se Dalva era o brilho, com sua força de interpretação e postura de grande dama da canção, Nilo Chagas, elegante, charmoso e musical, dava um toque senhorial ao trio. Herivelto, miúdo, muito ágil, imprimiu dinâmica ao grupo, criador da maioria das composições e dos arranjos vocais, era o líder".

Com idas e vindas, musicais e sentimentais, o Trio de Ouro passou, pelo menos, por três formações:

- a primeira, de 1936 a 1949, que vai dos primeiros enlevos afetivos de Herivelto e Dalva até o início dos desentendimentos conjugais que culminaram com o fim do casamento, provocando o desquite, em 1949;

- a segunda formação vai de 1950 a 1952, quando, obviamente em substituição a Dalva de Oliveira, entra Noemi Cavalcanti (conterrânea do futuro astro da Jovem Guarda, Roberto Carlos);

- a terceira fase inicia-se em 1952, quando saem Nilo e Noemi, e entram Lourdes Bittencourt e Raul Sampaio, assim permanecendo até 1979. Ela, que também era atriz, atuou com destaque na novela 'Irmãos Coragem', de 1970; Raul Sampaio, concidentemente, outro conterrâneo de RC, é o autor do hit 'Meu Pequeno Cachoeiro', oficializado como o hino oficial daquela cidade.

Embora tenha passado por três ou até por quatro formações, foi a primeira delas, sem dúvidas, a que marcou época em nossa MPB.

O grupo encerrou a carreira, em 1979, com o falecimento da vocalista Lourdinha Bittencourt (a título de curiosidade, esta havia desposado Nelson Gonçalves de 1952 a 1959). No entanto, Herivelto e Raul Sampaio, atendendo a interesses de público e gravadora, ainda fizeram algumas apresentações com a vocalista Shirley Dom (também de Cachoeiro do Itapemirim), encerrando, em definitivo a carreira, em 1992, com o desparecimento de Herivelto.

Um passeio pelas reminiscências musicais do Trio de Ouro leva-nos a sucessos ímpares no nosso cancioneiro, valendo relembrar alguns sucessos:

- da primeira formação: a já citada 'Praça Onze' (Herivelto e Grande Otelo), 'Ave Maria no Morro' (H. Martins), 'Lá em Mangueira' (Herivelto e Heitor dos Prazeres);

- da segunda fase: 'Teu Exemplo' (Herivelto e David Nasser), 'O Bonde de Santa Teresa' (Waldemar Ressurreição), 'A Bahia te espera' (Herivelto e Chianca de Garcia), 'Recife' (Antônio Maria);

- da terceira etapa: 'Perdoar' (Herivelto e Raul Sampaio), 'Saudade de Mangueira' (Herivelto).

Durante a tentativa de uma quarta formação, eram repetidos sucessos anteriores do Trio de Ouro.

De resto, o entrevero gerado pela separação do casal Herivelto/Dalva legou-nos sucessos de maior alcance, mas esses serão objeto de próximas colunas.

INOVADORAS

Três viúvas mudaram a história do champanhe

Código napoleônico proibia as mulheres de abrirem negócios na França

Da Redação

Nos arredores da cidade de Reims, no nordeste da França, o subterrâneo esconde uma preciosidade. A vinte metros debaixo da terra, milhões de garrafas de champanhe sem rótulos forram as paredes rochosas de calcário. São, ao todo, mais de 200 quilômetros de adegas. Algumas dessas garrafas estão de cabeça para baixo, em correntes, brilhando à meia-luz. Outras, empilhadas em pequenas caves protegidas por portões de ferro.

Ali é o marco zero do mercado mundial de champanhe. E, historicamente, nas caves, eram as viúvas quem reinavam. Algumas das maiores inovações da indústria do champanhe devem-se à genialidade dessas mulheres. No século 19, o código napoleônico proibia as mulheres de abrir negócios na França sem a permissão do pai ou do marido. Mas as viúvas não precisavam de seguir essa norma.

Isso criou uma brecha para que mulheres como Barbe-Nicole Clicquot-Ponsardin, Louise Pommery e Lily Bollinger, entre outras, transformassem as suas vinhas em impérios. Elas acabariam por construir as bases para a indústria do champanhe, mudando para sempre a fabricação e a comercialização da bebida.

Em 1798, Barbe-Nicole Ponsardin casou-se com François Clicquot, que administrava o pequeno negócio de tecidos e vinho da família, originalmente chamado Clicquot-Muiron et Fils, em Reims. O negócio acabou em desastre financeiro. Quando Clicquot morreu, em 1805, deixou a viúva com 27 anos, e Ponsardin tomou a decisão pouco convencional de assumir a empresa.

Precisando desesperadamente de dinheiro para financiar a sua empresa, pediu ao sogro o equivalente, em valores atuais, de cerca de 835 mil euros. Desde o princípio, Barbe-Nicole usou a sua posição de viúva como ferramenta de marketing, com resultados positivos. A casa de champanhe passou a chamar-se Veuve Clicquot-Ponsardin – *veuve* quer dizer "viúva", em francês.

A marca *veuve* numa garrafa trazia credibilidade, e outros produtores de champanhe logo acompanharam a tendência, como Veuve Binet e Veuve Loche. Barbe-Nicole fez um curso de quatro anos com um produtor de vinho local para alavancar os seus negócios, mas ficou novamente à beira da falência no início do século 19. Ela conseguiu mais 835 mil euros do seu sogro para recuperar a empresa. Mas isso não seria fácil durante as guerras napoleônicas na Europa continental, pois o encerramento das fronteiras dificultou a movimentação das mercadorias.

Em 1814, Barbe-Nicole sabia que as suas opções estavam se esgotando. Ameaçada pela falência, virou-se para um novo mercado: a Rússia. As fronteiras russas ainda ficariam fechadas até ao fim das guerras napoleônicas, mas ela decidiu furar o bloqueio. Barbe-Nicole contrabandeou milhares de garrafas pela fronteira. Os riscos eram altos. Era o final da estação, e o calor poderia arruinar o champanhe. E, se fosse apanhada, as garrafas seriam confiscadas, aumentando ainda mais o risco da sua derrocada financeira.

Mas, felizmente, o champanhe chegou em perfeitas condições e conquistou o mercado russo. Com o crescimento da procura, veio a necessidade de aumentar rapidamente a produção. O processo de retirada da borra de levedura morta do fundo das garrafas é uma etapa necessária na produção de champanhe, após o envelhecimento e a fermentação. Mas esse é um trabalho monótono e prejudicial para a qualidade da bebida. Barbe-Nicole teve, então, uma ideia melhor. Conhecida pelo termo francês *remuage*, criou uma técnica que é uma parte fundamental do processo de fabricação de champanhe até aos dias de hoje.

A segunda viúva que revolucionou a indústria do champanhe foi Louise Pommery. Nasceu em 1819 e entrou no cenário da bebida no final da vida de Clicquot. Após completar os estudos, casou-se com Alexandre Pommery. Em 1856, o marido juntou-se a um sócio, Narcisse Greno, para expandir a sua casa de champanhe já existente. Surgia a Pommery et Greno. Alexandre Pommery morreu em 1858. E, para Louise, o próximo passo era claro. Oito dias depois da morte do marido, ela tomou posse da empresa. Em meados do século 20, entrava em cena Lily Bollinger. Ela assumiu a casa de champanhe Bollinger em 1941 com a morte do seu marido e dono da marca, Jacques Bollinger.

Naquela época, os direitos das mulheres pelo controle dos negócios ainda eram restritos. As mulheres só conquistariam o pleno direito ao emprego, serviços bancários e gestão de ativos sem permissão dos homens em 1965. Mas as viúvas ainda conseguiam evitar a aplicação das normas. De acordo com que registraram a BBC e o *site* Zap, a independência e a criatividade dessas três viúvas consolidaram o caminho para as futuras gerações de mulheres. As suas inovações ficaram imortalizadas em garrafas de vidro.

Imagem: Pixabay

Charada

Francelino Soares: francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: deseja (1) = quer + colheita (2) = messe = festa beneficente (3) – Solução: quermesse. **Charada de hoje:** era branca (2) a roda flutuante (2) vista da abertura envidraçada (4) daquele telhado.

Tiras

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com

O Conde

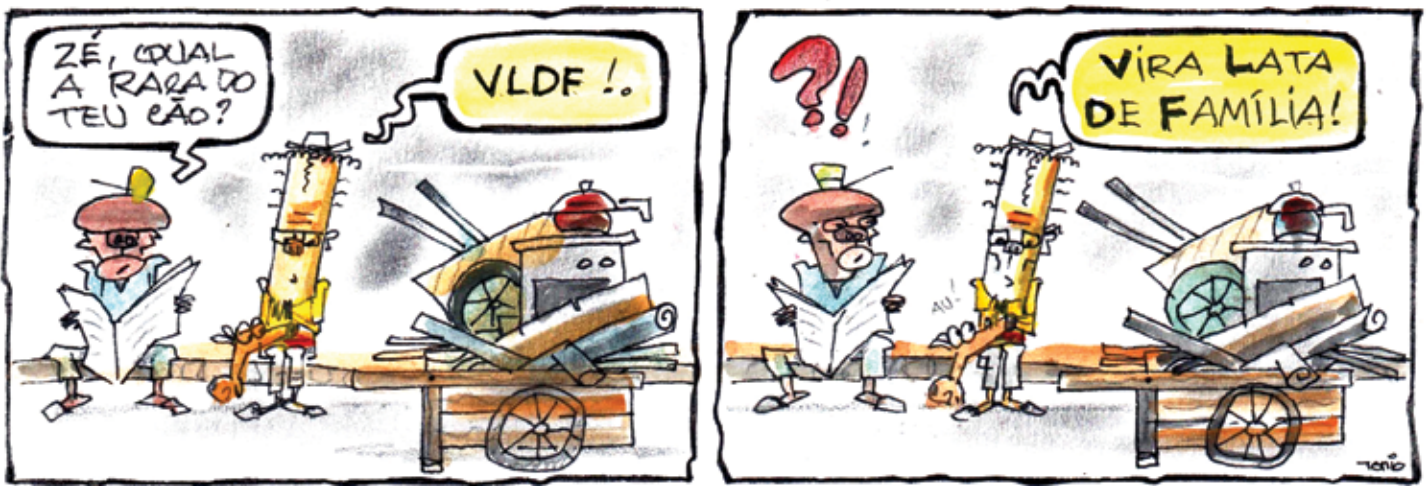
Zé Meiota

Eita!!!

Foto: Jarbas Oliveira

 # Maria da Penha

A Lei Maria da Penha foi promulgada em 7 de agosto de 2006 e é uma legislação especial. O Brasil é o país onde se registra o maior número de ocorrência de violência doméstica no mundo. Uma das leis mais conhecidas do país é a Lei Maria da Penha. Apesar de existir a Lei do Feminicídio, que colocou a morte de mulheres no rol de crimes hediondos, a Lei Maria da Penha ainda é a mais popular entre as leis que garantem a segurança, vida e direito das mulheres.

 # Vítima por 23 anos

A Lei Maria da Penha tem o nome inspirado em uma mulher real. Maria da Penha Maia Fernandes (na foto) foi vítima de violência doméstica por 23 anos. Conforme os dados de 2015 do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), houve uma diminuição no número de mortes das mulheres vítimas de violência doméstica. A lei contribuiu para uma diminuição de cerca de 10% na taxa de homicídios contra mulheres praticados dentro das residência das vítimas.

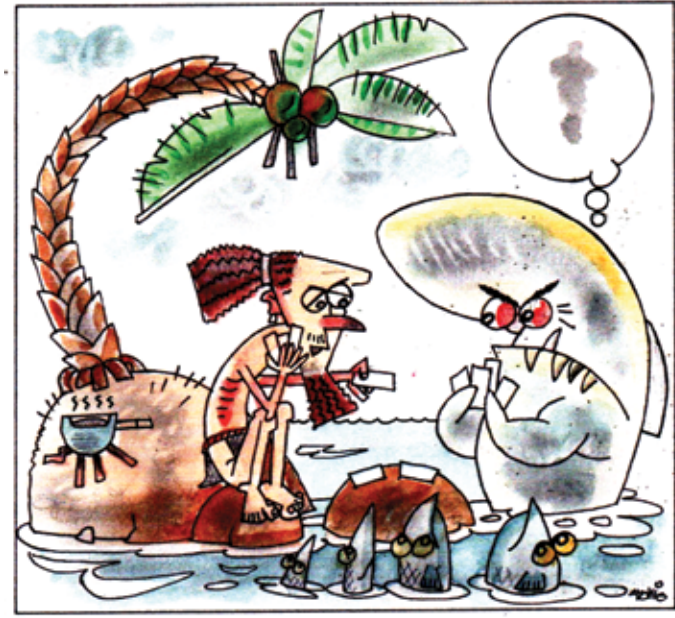
 # Quem não conhece a lei?

Segundo a pesquisa Violência e Assassinatos de Mulheres (Data Popular/Instituto Patrícia Galvão, 2013), para 86% dos entrevistados as mulheres passaram a denunciar mais os casos de violência e apenas 2% das pessoas não a conhece. A lei também garante o atendimento para mulheres que estejam em relacionamento com outras mulheres. Como também se aplica para transexuais que se identificam como mulheres em sua identidade de gênero.

 # Lei não é para os homens

A Lei Maria da Penha existe para proteger as mulheres de violência doméstica, portanto não deve (em teoria) ser aplicada para homens, que venham sofrer violência cometida por mulheres.

9 erros

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com

Solução

1 – boca de peixe; 2 – folha de coqueiro; 3 – nível da água; 4 – dentes do tubarão; 5 – barbatana; 6 – balão; 7 – cartas; 8 – panela; e 9 – barba.